

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

SILVANA CAPELARI ORSOLIN

**UM OLHAR PELO BURACO DA FECHADURA: as personagens femininas
oitocentistas no diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley**

UBERLÂNDIA
2018

SILVANA CAPELARI ORSOLIN

**UM OLHAR PELO BURACO DA FECHADURA: as personagens femininas
oitocentistas no diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras - Estudos Literários.

Área de Concentração: Estudos Literários

Linha de pesquisa: 1 – Literatura, Memória e Identidades

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo.

UBERLÂNDIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O76o
2018 Orsolin, Silvana Capelari, 1983-
Um olhar pelo buraco da fechadura : as personagens femininas
oitocentistas no diário Minha vida de menina, de Helena Morley /
Silvana Capelari Orsolin. - 2018.
126 f. : il.

Orientador: Carlos Augusto de Melo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.943>
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica -
Teses. 3. Mulheres na literatura - Teses. 4. Morley, Helena, 1882-1970 -
Crítica e interpretação - Teses. I. Melo, Carlos Augusto de. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Estudos Literários. III. Título.

CDU: 82

SILVANA CAPELARI ORSOLIN

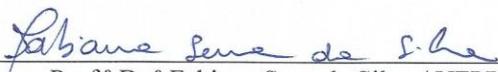
**UM OLHAR PELO BURACO DA FECHADURA: as personagens femininas
oitocentistas no diário *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Curso de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários do Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Uberlândia, 27 de março de 2018.



Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo / UFU (Presidente)



Prof.ª Dr.ª Fabiana Sena da Silva / UFPB



Prof.ª Dr.ª Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha / UFU

Dedico este trabalho aos meus filhos, Pietro e Valentina.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças para continuar nos momentos em que achei que não conseguiria.

Ao meu querido esposo Douglas por ter compreendido os momentos de ausência e por ter cuidado tão bem dos nossos filhos quando não pude estar presente.

Aos meus amados filhos, Pietro e Valentina, por serem a razão dos meus sorrisos.

Aos meus pais, Vilson e Janete, pelo carinho, incentivo e apoio de sempre.

À minha irmã Priscila, por ser um exemplo de determinação e ao meu cunhado Fernando por estar sempre presente.

Ao meu orientador Dr. Carlos Augusto de Melo pelas leituras atentas e sugestões sempre acertadas. Obrigada por ter acreditado na minha pesquisa!

Ao professor do UNIPAM, Dr. Luís André Nepomuceno pelas sugestões dadas para o meu projeto.

Ao professor do UNIPAM, Dr. Carlos Roberto da Silva por ter despertado em mim esse gosto especial pela literatura.

Aos professores da UFU pelas aulas brilhantes, em especial à professora Dra. Betina e à professora Dra. Joana pelas valiosas contribuições dadas no exame de qualificação.

Aos meus queridos amigos, que estão sempre ao meu lado, me alegrando em todos os momentos, inclusive os mais difíceis.

Aos colegas da Biblioteca Central do Unipam. Obrigada por compartilharem esse momento comigo!

Aos amigos e colegas de mestrado. Foi muito bom poder dividir com vocês todos os momentos de angústia e alegria!

À CAPES pelo apoio financeiro dado no segundo ano de mestrado, fundamental para a conclusão desse trabalho.

A esperança é a melhor coisa da vida. Dá-nos coragem para tudo. Eu faço castelos maravilhosos nos poucos instantes em que espero o sono. (Helena Morley).

RESUMO

Este estudo se propõe a fazer uma análise da obra *Minha vida de menina*, de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, tendo em vista a representação do papel da mulher no período oitocentista brasileiro. Publicado em 1942, esse livro é a reunião dos manuscritos de um diário que Helena escreveu de 1893 a 1895, quando tinha entre 13 e 15 anos de idade, na cidade de Diamantina, Minas Gerais. Nessa obra, há diversas personagens femininas, sobretudo a mãe, a avó e a irmã de Helena, que possuem comportamentos condizentes com o patriarcalismo vigente na época em que o poder se concentrava, predominantemente, na figura masculina. Esse aspecto se confirma quando analisamos as figuras do pai e do irmão mais velho de Helena, cujos papéis são pertinentes às características culturalmente impostas no período em questão. Por outro lado, apesar dessa condição, pode-se perceber que a protagonista consegue romper, até certo ponto, com alguns dos preceitos estereotípicos impostos à mulher brasileira do século XIX. A protagonista reflete e questiona o papel da mulher oitocentista, destacando, por vezes, as diferenças entre homens e mulheres na sociedade desse período.

PALAVRAS-CHAVE: Helena Morley; diário; memória; universo feminino; mulheres oitocentistas.

ABSTRACT

This study intends to make an analysis of the work *Minha vida de menina*, of Helena Morley, pseudonym of Alice Dayrell Caldeira Brant, in view of the representation of the role of women in the nineteenth century Brazilian period. Published in 1942, this book is the reunion of the manuscripts of a diary that Helena wrote from 1893 to 1895, when she was between 13 and 15 years old, in the city of Diamantina, Minas Gerais. In this work, there are several female characters, especially the mother, the grandmother and the sister of Helena, who have behavior consistent with the patriarchalism in force at a time when power was predominantly concentrated in the male figure. This aspect is confirmed when we analyze the figures of Helena's father and older brother, whose roles are pertinent to the culturally imposed characteristics of the period in question. On the other hand, despite this condition, one can see that the protagonist is able to break, to a certain extent, some of the stereotypical precepts imposed on nineteenth-century Brazilian women. The protagonist reflects and questions the role of the nineteenth-century woman, highlighting, at times, the differences between men and women in the society of this period.

KEYWORDS: Helena Morley; diary; memory; female universe; nineteenth-century women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa da 2ª edição brasileira (1944).....	18
Figura 2 – Capa da 1ª edição em inglês (1957).....	18
Figura 3 – Capa da edição francesa (1960).....	19
Figura 4 – Capa da última edição italiana (2015).....	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: O DIÁRIO <i>MINHA VIDA DE MENINA</i>, DE HELENA MORLEY: UMA APRESENTAÇÃO	15
1.1 As peculiaridades da escrita diarística.....	25
1.2 A linguagem na narrativa.....	33
1.3 A construção da memória.....	37
CAPÍTULO 2: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER OITOCENTISTA SOB A PERSPECTIVA DE UMA JOVEM DO SÉCULO XIX	43
2.1 Uma menina e as mulheres oitocentistas.....	46
2.2 Um olhar feminino sobre as figuras do pai e do irmão mais velho.....	55
CAPÍTULO 3: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: O UNIVERSO DAS PERSONAGENS FEMININAS NO DIÁRIO DE HELENA MORLEY	67
3.1 Helena Morley.....	68
3.2 Outras mulheres da família.....	79
3.3 As personagens negras.....	88
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	107
ANEXO A – Fotos da família Dayrell (Morley).....	108
ANEXO B – Os espaços da memória: fotos de locais de Diamantina citados no diário de Helena Morley.....	110
ANEXO C – Cartas enviadas por Alice à Vera Brant.....	116
ANEXO D – Crônica de Carlos Drummond de Andrade em homenagem ao centenário de Alice Dayrell.....	124

INTRODUÇÃO

O interesse em trabalhar com a obra *Minha vida de menina*, de Helena Morley, acompanha-me desde a graduação em Letras (2002-2005) no Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. Naquele momento, em certa etapa da disciplina de Literatura Brasileira, estudávamos obras escritas no período oitocentista brasileiro, algumas das quais pouco conhecidas entre os estudantes. Foi nessa ocasião que o professor da disciplina sugeriu a leitura dessa obra, de características bem singulares, sobretudo pela escrita em forma de diário e por relatar as situações vivenciadas por uma jovem provinciana do final do século XIX.

Como estudante de Letras, vislumbrei a possibilidade de uma pesquisa científica, em nível de pós-graduação, voltada para a representação feminina na obra referida, todavia isso não se concretizou nesse momento. A concretização desse desejo se deu somente anos mais tarde quando percebi que a realização do mestrado em Estudos Literários poderia significar um avanço profissional em minha carreira, possibilitando uma atuação no Ensino Superior. Foi nessa oportunidade que coloquei em prática esse propósito de fazer uma análise da obra de Helena Morley, uma vez que é perceptível a diversidade com que as mulheres são retratadas na obra, a partir de características estereotípicas impostas pela sociedade da época.

A materialização desse interesse inicial realiza-se nesta dissertação, cujo objetivo principal é o de analisar a representação do sujeito feminino na obra *Minha vida de menina*, de Helena Morley, a partir do olhar de uma jovem mulher provinciana, no Brasil, em fins do século XIX. Para tanto, acreditamos, assim como Chartier (2011, p. 23), que “as representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é”.

No livro em questão, Helena Morley assume o papel de narradora-personagem principal¹. A jovem interpreta a própria vida e a dos demais personagens com propriedade e habilidade. Conforme assinala Benjamin (1994, p. 205), o trabalho do narrador se assemelha ao artesanal, que exige conhecimento e cautela na construção da história, assim como a “mão do oleiro na argila do vaso”. Essa comparação evidencia a importância do narrador na tessitura do texto. A narrativa se constrói pela combinação entre a experiência do narrador e a experiência alheia. “O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*.” (BENJAMIN, 1994, p. 221, grifo do autor).

¹ Sobre a identidade do narrador-personagem em textos de cunho autobiográfico, Lejeune (2008, p. 16) afirma que normalmente é marcada pelo emprego da primeira pessoa. “É o que Gérard Genette denomina narração ‘autodiegética, em sua classificação das ‘vozes’ da narrativa”. A obra *Minha vida de menina* obedece esse padrão.

A jovem apresenta em suas narrativas um grande número de personagens; todavia, neste estudo, optou-se por explorar, de forma mais abrangente, as seguintes figuras femininas, presentes de maneira mais significativa nos episódios: Helena, narradora-personagem; as mulheres que constituem a família dela, sobretudo a mãe, Carolina e a avó, Teodora; e, por fim, as mulheres negras, que aparecem em muitas passagens, como a criada Cesarina, por exemplo.

Piscitelli (1989) considera que o século XIX foi um período em que o modelo patriarcal predominou. Às mulheres foram reservados os espaços da administração do ambiente doméstico, da maternidade e do cuidado com a moral e a tradição de sua família. Apesar dessas demarcações sociais, Zolin (2009) assevera que houve tentativas de mudança em relação à condição feminina, por meio das precursoras manifestações feministas ocorridas na Europa que atingiram outros continentes.

Na obra, as figuras femininas são compostas de personalidades e de atitudes particulares – dentro dos limites que circunscrevem a sociedade conservadora do século XIX brasileiro. Neste estudo, veremos que, enquanto a protagonista Helena revela ser mais transgressora, as demais mulheres que fazem parte de sua família representam características mais condizentes com a política de domínio edificada pelos pilares do paternalismo senhorial oitocentista.

Nessa perspectiva, a personagem Helena parece romper, até certo ponto, com os preceitos estereotípicos da mulher oitocentista tradicional. Embora ainda vinculada a um comportamento subalterno e recatado, a protagonista mostra-se mais propensa a atitudes que caminham em sentido contrário ao do moralismo conservador, característico desse período. Ao contrário dela, a mãe, a avó e as tias parecem ser mais conservadoras e viver em função dos afazeres domésticos e da família, preocupando-se pouco consigo mesmas. As mulheres negras, também personagens dessa narrativa, são representadas em condições subalternas e de exploração, mesmo em uma época posterior à abolição da escravatura. Algumas delas viviam do trabalho informal, como lavadeiras, quitandeiras e empregadas domésticas, ganhando apenas o mínimo para a própria sobrevivência.

A partir dessas considerações, o presente estudo permite repensar o papel da mulher no século XIX, tendo em vista que se trata de um período marcado por uma visão patriarcal da sociedade, o que evidencia a questão do poder desigual entre homens e mulheres. Como a obra analisada foi escrita por uma jovem menina, o estudo torna-se ainda mais significativo por permitir uma análise em que a voz feminina se sobressai. No que diz respeito à relevância da obra, Schumacher e Brazil (2000, p. 259) afirmam que “pela qualidade literária, o livro

constitui um relato primoroso sobre o cotidiano brasileiro, sobretudo sobre a vida das mulheres”. Sendo assim, devido à forma como Helena reflete acerca da condição feminina no período oitocentista, especialmente a respeito do casamento e da maternidade, é possível considerar a obra como fonte de representação da mulher nesse dado período.

Para a consecução dos objetivos propostos, optamos por não fazer uma separação entre capítulos teóricos e de análise da narrativa literária. A teoria, nesta dissertação, aparecerá diluída no texto e no decorrer das leituras e interpretações realizadas da obra *Minha vida de menina*.

Do ponto de vista metodológico, valemo-nos de uma pesquisa de caráter analítico-reflexivo, tendo em vista que se trata de um estudo de interpretação do texto literário. A análise da obra de Helena Morley tornou-se possível pelo intercruzamento de referências teóricas, sobretudo no que diz respeito ao diário, à memória, à identidade e à representação da mulher oitocentista, com a interpretação do corpus literário.

Com base nessas observações, este estudo se organiza em três capítulos, sobre os quais será apresentado um breve resumo a seguir. O primeiro deles, intitulado **O diário *Minha vida de menina*, de Helena Morley: uma apresentação**, explicita algumas características da obra, relacionadas à autoria, à estrutura literária, ao estilo e ao contexto de produção, bem como expõem as principais temáticas exploradas. Em relação à autoria, são retratadas algumas polêmicas que colocam em dúvida que o diário tenha realmente sido escrito por Helena Morley. Acerca do estilo, a linguagem utilizada é familiar e marcada por traços da oralidade. No que se refere ao contexto, a obra foi escrita entre os anos de 1893 e 1895, em Diamantina, Minas Gerais, período de transição de uma sociedade monárquica e escravista para uma sociedade republicana e livre. Em relação às temáticas desenvolvidas, pode-se observar uma variedade, mas sempre concentradas no cotidiano vivido pela protagonista.

O segundo capítulo **A representação da mulher oitocentista sob a perspectiva de uma jovem do século XIX** visa refletir acerca do papel da mulher a partir da tradição oitocentista do Brasil. Primeiramente pretende-se fazer uma análise da obra, tendo em vista os preceitos estereotípicos dominantes na sociedade brasileira do século XIX. Em seguida, a proposta é analisar a forma como a narradora apresenta as figuras do pai, Alexandre e do irmão mais velho, Renato, a fim de observar a dinâmica das relações pessoais e sociais entre homens e mulheres nesse dado período, para, assim, repensar o papel das mulheres do diário.

O terceiro capítulo e último, sob o título **Entre memórias e histórias: o universo das personagens femininas no diário de Helena Morley**, analisa as principais personagens contidas na obra. A primeira delas é a própria protagonista, de quem se intenciona refletir

acerca das características, das atitudes e dos comportamentos que, em um primeiro momento, evidenciam uma vivacidade e liberdade de pensamentos; em seguida, são contempladas as demais mulheres da família de Helena, sobretudo a mãe e a avó, que agem de acordo com o padrão estereotipado da mulher oitocentista brasileira. No mesmo capítulo, propõe-se ainda considerar as personagens negras presentes no livro, ressaltando a forma como são representadas a partir de uma relação com o contexto histórico, demarcado por uma recente abolição da escravatura.

Em suma, estudar *Minha vida de menina*, de Helena Morley, justifica-se não apenas por permitir conhecer o universo íntimo da protagonista, que, por meio do diário e da composição do discurso literário, constrói sua identidade e, do mesmo modo, a memória de seu tempo. Outrossim, este estudo possibilita repensar, de maneira crítica, a condição do sujeito feminino, independente de raça e idade, a partir das noções de gênero concebidas na sociedade brasileira oitocentista.

Ademais, a análise do corpus pode contribuir com a produção e a disseminação dos estudos sobre a produção literária feminina oitocentista, muitas vezes esquecida em razão do patriarcalismo presente na sociedade da época; e, por conseguinte, a revisão do cânone na história da literatura brasileira.

Tendo em vista o potencial acadêmico, este estudo pode ampliar a compreensão acerca das questões ligadas à identidade feminina na literatura brasileira. No campo dos estudos literários, a produção de conhecimentos sobre a identidade e a literatura de autoria feminina, é importante, pois permite compreender os processos de construção literária a partir da ótica de grupos ainda marginalizados, como o das mulheres. Nessa perspectiva, este estudo pode atuar na desconstrução de visões preconceituosas e deturpadas acerca da qualidade da produção literária feminina oitocentista. Apesar dos avanços conquistados pelas mulheres em mais de um século que separa a escritura da obra *Minha vida de menina* e os tempos atuais, pode-se presumir que, a arte literária, mais do que apenas deleite, viabiliza a ampliação da capacidade de pensar criticamente a realidade das mulheres e buscar possíveis soluções para os problemas que ainda são enfrentados.

Capítulo 1

O DIÁRIO *MINHA VIDA DE MENINA*, DE HELENA MORLEY: UMA APRESENTAÇÃO

Alice Dayrell Caldeira Brant nasceu em Diamantina, Minas Gerais, em 1880 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1970. Ela foi filha de Felisberto Moirell Dayrell², minerador e descendente de ingleses e de Alexandrina Brandão Dayrell, que pertencia a uma tradicional família mineira. Alice tinha mais três irmãos: Felisberto, Tereza e João. A jovem casou-se aos vinte anos com Augusto Mário Caldeira Brant³, seu primo, filho de sua tia Aurélia e de seu tio Conrado. O casal teve seis filhos: Mário (morreu aos 23 anos), Paulo, Caio, Flávio, Ignez, Sarita e Yolanda.

A respeito do hábito de escrita, Alice diz ter sido incentivada desde muito nova por seu pai a escrever fatos que aconteciam em seu cotidiano. Em nota à 1ª edição de *Minha vida de menina*, a autora afirma que a obra é uma reprodução de um diário que escreveu entre os anos de 1893 e 1895, quando tinha entre 13 e 15 anos de idade, na cidade de Diamantina, Minas Gerais. Bishop (1996) afirma que no diário original havia mais episódios, mas o doutor Brant publicou apenas as narrativas contidas até o ano de 1895, pois não queria se expor e, a partir do ano seguinte, ele já estava presente nas entradas do diário como namorado de Alice e, posteriormente, como noivo e esposo.⁴

Brant (2013), no livro em que fala de sua relação com Alice e da história do diário de Helena Morley, relata que esses escritos ficaram guardados por longa data, até que em 1941, Alice, numa tarde de sábado, pega o diário e lê as passagens para os filhos e o marido. Todos se encantaram com as histórias. A ideia de publicá-las partiu de Augusto Mário, que sugeriu:

- Por que não publicamos esse diário? Muita gente iria ter a oportunidade que estamos tendo de ouvir histórias tão interessantes de uma menina inteligente numa cidadezinha mineira, no final do século passado. Alice não achou graça na ideia. Ignez, sua filha, adorou. Depois de muita discussão, Alice concordou em transformar tudo aquilo num livro desde que fosse com pseudônimo, do contrário Diamantina inteira iria brigar com ela. Pensaram vários nomes. Alice preferiu Helena porque achava um nome muito bonito. E o sobrenome Morley, de sua avó materna. Assim nasceu Helena Morley. (BRANT, 2013, p. 49).

² No diário, os pais ganharam pseudônimos: Alexandre e Carolina. Os irmãos, Felisberto, Tereza e João, são chamados, respectivamente, de Renato, Luizinha e Nhonhô.

³ Na obra, Augusto Mário é Leontino, que aparece em poucos episódios, não ficando evidente nenhum sentimento amoroso entre ele e Alice. No diário, Helena se refere a ele como o mais inteligente entre os primos. “Os considerados inteligentes da família são os filhos de tio Conrado. [...] Meu pai diz que o mais inteligente lá é Leontino”. (MORLEY, 1998, p. 172).

A publicação desses escritos, pela editora José Olympio, deu-se em 1942, ano em que Alice completou 62 anos⁵. Eulálio (1993) afirma que a primeira edição do livro era:

um volume gardote de capa azul e tijolo, cujo título vago, *Minha Vida de Menina*, e autora desconhecida, Helena Morley, pareciam destinados à mais completa indiferença do leitor. Era tempo de guerra, estavam em moda flamantes biografias de heróis e homens célebres, de preferência romanceadas. A pouca gente portanto iriam interessar esses “cadernos de uma jovem provinciana nos fins do século XIX”, ainda por cima de autor nacional. No entanto, o mero diário de certa mocinha do interior conquistou público e crítica, esta ainda mais surpresa do que aquele, conseguindo desde logo vasta penetração em todas as áreas. (EULÁLIO, 1993, p. 35).

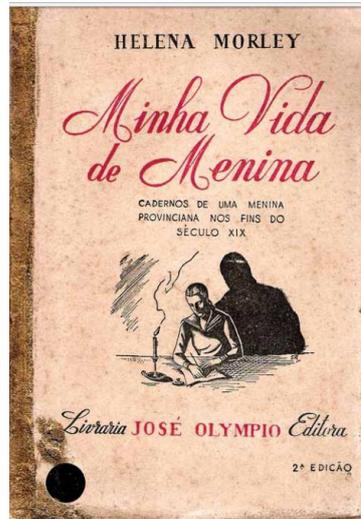
De acordo com Bishop (1996), essa 1ª edição do livro contou com tiragem de 2.000 exemplares, distribuída entre alguns familiares e amigos, sem que houvesse uma campanha publicitária. Apesar desse acesso restrito:

sua reputação se espalhou nos círculos literários do Rio de Janeiro, de modo que em 1944 saiu outra edição; depois saíram mais duas, em 1948 e 1952, totalizando dez mil exemplares. Georges Bernanos, que estava exilado no Brasil na época da primeira edição, leu o livro e deu um bom número de exemplares aos amigos, fato ao qual a autora e seu marido modestamente atribuem boa parte de seu sucesso. (BISHOP, 1996, p. 105).

O autor e jornalista francês Georges Bernanos é considerado um dos leitores mais entusiasmados da obra de Helena Morley, o que pode ter sido um dos grandes motivos de o livro ter alcançado notoriedade no círculo literário brasileiro, tão restrito e ainda especificamente patriarcal. Ao destacar o valor literário de *Minha vida de menina*, comparando-o qualitativamente às obras de Machado de Assis, Bernanos incentiva outros importantes literatos brasileiros a ler o livro, inclusive os presenteia com exemplares da obra, tornando-a reconhecida entre os críticos literários. Conforme aponta Eulálio (1993, p. 37), na opinião do autor francês, “*Minha Vida de Menina* nos fazia ver e amar tudo aquilo que a sua autora viu e amou precisamente por ser soprado pelo puro gênio da adolescência, o mais próximo da misteriosa, encantada fonte da vida e da arte”.

⁵ Foram 18 edições publicadas, entre os anos de 1942 e 1997, pela Livraria José Olympio. Em 1998, o livro passou a ser reeditado no Brasil pela editora Companhia das Letras.

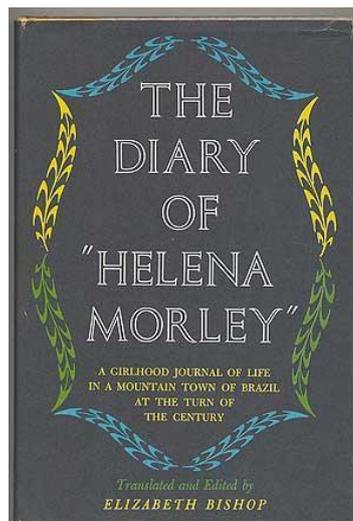
Figura 1 – Capa da 2ª edição brasileira (1944)⁶



Fonte: Silvestre, 2011

O livro foi traduzido para três línguas: para o inglês, por Elizabeth Bishop (1957); para o francês por Marlyse Meyer (1960) e para o italiano por Giuseppe Valsaina e Giovanni Vicentin (1963). Foi lançado também em Portugal, em 1959. Em 2004, a obra de Helena Morley foi adaptada para o cinema. Com o título “Vida de menina” e direção de Helena Solberg, o longa-metragem recebeu diversos prêmios, dentre os quais o de melhor filme no Festival de Gramado (2004) e Rio de Janeiro International Film Festival (2004).

Figura 2 - Capa da 1ª edição em inglês (1957)

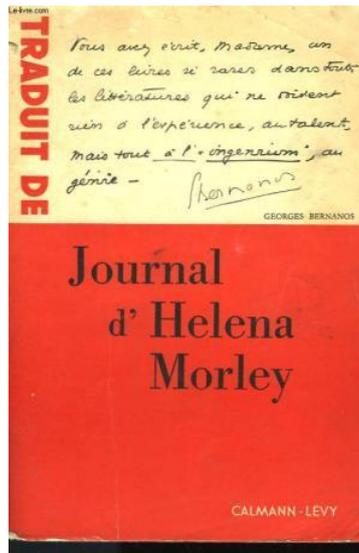


Fonte: <http://elizabethbishopcentenary.blogspot.com.br/2016/05/>

⁶ A 1ª edição, publicada em 1942 não foi localizada. Talvez pelo fato de ter ficado mais restrita ao grupo familiar e amigos mais íntimos, conforme aponta Eulálio (1993).

Sobre a edição em inglês, Marchant (2003) declara que o livro alcançou um grande público leitor, que pode ter sido atraído pela tradução de Elizabeth Bishop. Alguns artigos sobre a obra de Helena Morley são publicados em jornais como: *Chicago Sunday Tribune* e *New York Herald Tribune*, que ressaltam a qualidade da obra e a recepção do público inglês.

Figura 3 - Capa da edição francesa (1960)⁷



Fonte: <https://www.abebooks.com/book-search/kw/marlyse-meyer/>

A respeito da tradução para o francês, Meyer (2006) demonstra inquietação com o desafio, cuja dificuldade consistiria em:

encontrar o tom certo para transcrever numa língua “engalanada” como era o francês, a falação escrita da mineirinha que gosta de fazer duas coisas “escrever e ler histórias” contar “as coisas com a pena”.

Fui lendo e relendo...

Aos poucos fui constituindo minha Diamantina interior que se aninhava ao lado da minha imaginada casinha branca do Vale do Paraíba, que abrigava outra avó, Dona Benta, sua neta Narizinho, que o primo Pedrinho lá da capital admirava por ser “tão inteligente, nem parece que é criada na roça”, jeitinho de Helena. Minha imaginação reconstruía a seu modo a igreja do Rosário, a chácara da avó, o largo da Cavahada velha, o Beriberi, a Boa Vista, a rua Direito, o Jogo da Bola. Ouvia as tias inglesas tão diferentes das tias da chácara, as respostas atrevidas de Helena, seus arrependimentos e façanhas, seu cansaço. O jeito de falar das meninas, dos professores, das negras da chácara, da Chichi Bombom, da Siá Ritinha, da tia Madge, do pai inglês ou do negro Salomão. Como traduzir o cheiro do frango ao molho

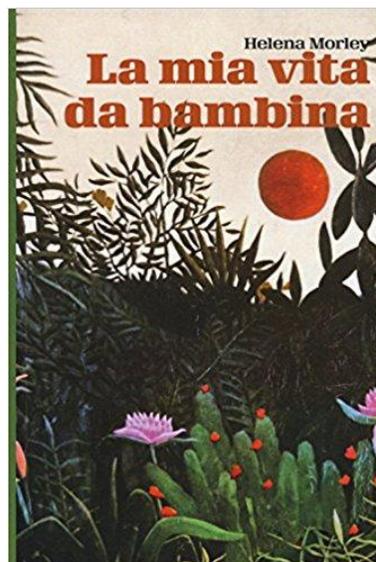
⁷ Sobre a capa da edição francesa, Meyer (2006, p. 281) afirma “Finalmente o papel se transforma em livro. *Journal d'Helena Morley* chez Calmann-Lévy éditeurs, 3 rue Auber, Paris. A capa, metade branca – reproduzindo trecho de carta e assinatura de Bernanos – metade vermelha com o título em negrito preto”.

pardo ou do lombo assado com farofa, o ploc ploc – tal qual o marquês de Rabicó, de Helena chupando jabuticaba. (MEYER, 2006, p. 281).

A tradução para o francês, como afirma Meyer (2006), encontrou limitações pela diferença entre as línguas. No francês, a tradutora tinha dificuldades em encontrar respaldo para o tom informal e cotidiano explorado por Helena. A linguagem afetiva utilizada pela jovem foi sendo trabalhada, até que “aos poucos começava essa mineiríssima gente a falar francês. Tudo falando francês e comendo feijão com farinha”. (MEYER, 2006, p. 281).

A primeira tradução para o italiano, intitulada “Una Ragazza in Diamantina: diário”, ocorreu em 1963. Recentemente, Federica Prosperi retraduziu o livro, cujo título é “La mia vita da bambina”, publicado em 2015.

Figura 4 - Capa da última edição italiana (2015)



Fonte: <https://www.amazon.com.br/mia-vita-bambina-Helena-Morley/dp/8869442462>

Apesar da distância temporal entre o período em que o diário foi redigido e o em que foi publicado, Alice Dayrell afirma que nenhuma alteração foi feita, apenas pequenas correções gramaticais e substituições de nome, a fim de preservar a identidade dos familiares contidos na obra (MORLEY, 1998, p. 14).

Em relação à autoria e à origem da obra, Schwarz (1997) afirma que muitos críticos literários possuem dúvidas acerca de sua gênese, principalmente pelo fato de que, até o momento, as páginas originais não foram encontradas. O autor acrescenta que não se sabe ao certo o que foi feito com o diário, visto que nem mesmo os familiares possuem informações a esse respeito. Em *Minha vida de menina*, essa autoria é colocada em dúvida por questões

diversas, como a distância entre o período de escrita e de publicação, a ausência de outros textos literários atribuídos a Helena Morley e o fato de ser uma escrita feminina, até então pouco considerada do ponto de vista de uma estética literária.

No prefácio do livro, Alexandre Eulálio adverte que a obra poderia ser considerada pelos leitores como uma escrita da autora já adulta:

Neste caso – dizia em conversa um grande escritor brasileiro, Guimarães Rosa – estaríamos diante de um ‘caso’ ainda mais extraordinário, pois, que soubesse, não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância. (MORLEY, 1998, p. 8).

Além disso, Schwarz (1997) traz a possibilidade de que tenha havido interferências no texto original por parte do marido de Alice, Augusto Mário Caldeira Brant e também do genro dela, Abgar Renault⁸, ambos escritores. Sendo assim, eles poderiam ter reelaborado os originais, organizando-os para que pudessem ser publicados. Por outro lado, esse aspecto de que tenha havido interferência ou outra autoria do livro é negado por Vera Brant, autora que tinha parentesco com Alice Dayrell. Em sua tese, Barcellos (2009, p. 255) apresenta o conteúdo de um e-mail trocado com Vera Brant, em que ela afirma que “quem conheceu Alice e Augusto Mário, conviveu com eles, sabe que o livro só poderia ter sido escrito por ela. Eram duas criaturas absolutamente diferentes”. No entanto, afirma ser possível que Augusto Mário e Abgar Renault tenham feito algumas correções antes que o livro fosse publicado, “mas eram tão sérios e éticos, intelectualmente, que não acredito que tenham mudado uma só frase inteira” (BRANT, 2007 apud BARCELLOS, 2009, p. 255).

Bishop (1996) diz ter sido Augusto Mário quem se dispôs a reunir os velhos cadernos de Alice e prepará-los para a publicação, não concedendo a ela muita possibilidade de recusa. Meyer (2006) anuncia que o Dr. Brant era considerado autoritário em relação a tudo que dissesse respeito ao diário. Confirmando esse aspecto, a autora relata uma visita sua à casa da família Brant, em que:

⁸ Abgar de Castro Araújo Renault era casado com Ignez Caldeira Brant Renault, filha de Alice. De acordo com Miceli (2001), esse escritor tinha envolvimento com política, sendo considerado um dos “homens de confiança” do governo. Fazia parte de uma parcela de intelectuais brasileiros que “foi chamada para dar conta do trabalho de assessoria no interior dos núcleos executivos” (MICELI, 2001, p. 211). A posição ocupada por Renault no governo repousava em “provas de amizade e, por conseguinte, na preservação dos anéis de interesses de que são os mais legítimos porta-vozes e os principais beneficiários” (MICELI, 2001, p. 212). Como escritor, fez parte do movimento modernista de Minas Gerais juntamente com Carlos Drummond de Andrade. Professor da Universidade do Distrito Federal e membro da Academia Brasileira de Letras, Renault teve 17 obras publicadas, além de diversas traduções, principalmente de poesias. No meio político, foi deputado estadual por dois mandatos, além de secretário da educação do estado de Minas Gerais e ministro da educação.

Às tantas, a D. Alice contou alguma coisa. O marido interveio da outra ponta, espantado: “Alice, não é isso que você conta no seu livro, você pensava de outro jeito, não lembra?”. E a coitada da D. Alice, visivelmente, já, assim, cansadinha. Ela ficou meio sem graça e o Dr. Augusto Mário insistindo: “Não é possível, você não pensava assim. O que foi mesmo, lembra o que você falou?”. (MEYER, 2006, p. 283).

Apesar desse possível autoritarismo, Bishop (1996) assevera que o doutor Brant era um homem de inteligência aguçada, que lia muito e demonstrava orgulho pela esposa. Quando questionado se após o diário dona Alice escrevera alguma coisa, ele era enfático, apenas “cartas, cartas, cartas!” (BISHOP, 1996, p. 108). Essas cartas, segundo Jean (1970), demonstram “um entusiasmo por tudo que é vida, a mesma juventude da alma, a mesma capacidade de transmitir em poucas linhas uma situação e um momento. Ao milagre da menina escritora de Diamantina sucedeu o milagre da velha senhora jovem!” (JEAN, 1970, p. 2). Algumas dessas cartas, trocadas entre Alice e Vera Brant, encontram-se no Anexo C.

Essas inquietações sobre a autoria da obra podem levantar questionamentos relacionados à identidade de gênero. É possível questionar se as desconfianças não diziam respeito à incredulidade concernente às obras escritas por mulheres. Para Schwantes (2006), um fato incontestável no que se refere à literatura de autoria feminina é o apagamento de sua produção literária. Nesse sentido, no século XIX, a escrita feminina era vista apenas como manifestação de “uma sensibilidade contemplativa e exacerbada, sentimentalismo fantasioso, lampejos de histeria” (SCHMIDT, 1995, p. 188), ou seja, uma retratação subjetiva da realidade, que não tinha valor estético, tendo em vista o legado literário patriarcal.

Vale ressaltar que mesmo quando o livro foi publicado, em 1942, esse posicionamento ainda persistia, como exemplo pode-se destacar as desconfianças acerca da escrita de Clarice Lispector, cujos primeiros textos foram rejeitados pelos jornais pelo caráter subjetivo das narrativas. A respeito dessa tradição literária, Schmidt (1999, p. 37) afirma que “a função autoral está associada à identidade do autor como pai do texto, aquele que detém a prerrogativa da voz”. Essa metáfora da autoria e da paternidade é utilizada por Schmidt para mostrar a exclusão da mulher do universo de criação literária, que seria um privilégio apenas do gênero masculino.

Confirmando esse aspecto, no artigo “Minha vida de menina: Rereading Helena Morley's Diary”, Marchant (2003) assegura que parte das desconfianças acerca da autoria do diário de Helena Morley se refere ao fato de ser uma escrita de autoria feminina. Marchant (2003) declara, ainda, que a escrita em forma de diário evidencia ainda mais a questão da subjetividade feminina, duramente criticada pela tradição literária patriarcal.

Outro aspecto que contrariava a possibilidade de uma escrita literária feminina, como aponta Zolin (2009), se deve ao fato de as mulheres serem consideradas intelectualmente inferiores aos homens, tendo em vista o pensamento inglês da Era Vitoriana (1832-1901), que utilizava como justificativa para esse enfoque um aspecto puramente anatômico, considerando que o cérebro feminino pesa menos do que o masculino. Sendo assim, a mulher que tentasse usar seu intelecto estaria contrariando a ordem natural das coisas.

Além da questão da escrita feminina, é relevante observar os aspectos econômicos e políticos, que, do mesmo modo, também podem ser considerados como motivadores dos questionamentos em relação à autoria e ao sucesso da obra. Alice Dayrell, no momento da publicação do livro, já não era mais pobre como quando jovem na pequena cidade de Diamantina. A senhora Brant residia em uma grande casa, na Lagoa Rodrigo de Freitas, bairro nobre do Rio de Janeiro. Ao relatar uma visita que fez à Alice antes da tradução de *Minha vida de menina* para o inglês, Bishop (1996) afirma ter ficado impressionada com a luxuosidade e grandiosidade da casa, que além de móveis sofisticados, tinha um belo carro na garagem com chofer. Ademais, a senhora Brant era uma figura conhecida e querida na sociedade carioca. Bishop (1996) também enfatiza que o marido de Alice, Augusto Mário Caldeira Brant, além de escritor, também era presidente do Banco do Brasil. “Já foi advogado, jornalista e deputado federal (eleito cinco vezes); no tempo da ditadura de Vargas exilou-se, vivendo cinco anos na França e na Inglaterra” (BISHOP, 1996, p. 108). A autora americana destaca, ainda, que Augusto Mário era um grande amigo do poeta Manuel Bandeira, que foi quem a recomendou para a família Brant. Não se pode afirmar com precisão que o envolvimento do senhor Brant e do genro Abgar Renault com política e com grandes escritores brasileiros tenha sido decisivo para a aclamação da obra. Todavia, essa visibilidade da família perante a sociedade carioca pode ter sido um aspecto relevante para a recepção da obra, sobretudo no meio literário.

Esses impasses relacionados à confirmação ou não de autoria, como condição determinante para a formação dos discursos literários, lembra o que Foucault apontou:

Os discursos "literários" não podem mais ser aceitos senão quando providos da função autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe é dado, o status ou o valor que nele se reconhece dependem da maneira com que se responde a essas questões. (FOUCAULT, 2009, p. 276).

Conforme aponta Foucault (2009), a noção de autor não está ligada a uma determinada pessoa; não possui, portanto, uma correspondência física, mas uma correlação com os textos e discursos que podem ser associados a essa entidade. Em *Minha vida de menina*, quando falamos de Helena Morley não podemos estabelecer uma relação imediata com Alice Dayrell. Mais do que um pseudônimo⁹, a autoria da obra é “uma instância ‘profunda’, um poder ‘criador’, um ‘projeto’, o lugar originário da escrita” (FOUCAULT, 2009, p. 276). Helena Morley é autora dessa obra escrita em forma de diário, todavia a função-autor “não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar” (p. 280). Esse texto poderia ter sido atribuído a muitas “Helenas”, que viveram no mesmo tempo, com as mesmas angústias, desejos e inquietações. Essa Helena, a Morley, é apenas aquela que deu voz a todas as outras que, de algum modo, foram silenciadas.

Nesse diário, Helena narra situações vivenciadas por ela em seu cotidiano. As temáticas são diversas, bem como os personagens e os lugares citados. Os episódios são concentrados em fatos experienciados pela protagonista. Porém, em muitas situações, a jovem narra episódios e analisa situações em que ela não é a personagem central. Segundo Fischer,

deste diário, surge um retrato vivido de Diamantina e da extensa família de Helena. As anotações revelam impressões sobre os hábitos e as fraquezas da população local, tanto ricos como pobres, brancos e negros, jovens e velhos, homens e mulheres. Tratam da vida econômica e também das relações de classe e raça numa cidade pequena, mas não pouco importante, alguns anos depois da abolição da escravatura, em 1888. (FISCHER, 1998, p. 176).

A respeito da cidade de Diamantina, onde se passa a narrativa, Eulálio (1993) reitera que no final do século XIX o município atravessava um período de decadência econômica grave, decorrente da escassez de diamantes na região. Esse aspecto fica evidente nas passagens do livro, quando a protagonista revela que, apesar do esforço do pai, a profissão de minerador não era suficiente para o sustento da família.

Apesar de relatar as dificuldades enfrentadas por Diamantina nesse período de decadência econômica, Helena valoriza o que é local. Na narrativa a seguir, a jovem se mostra

⁹ Sobre o uso do pseudônimo, Lejeune (2008, p. 24) afirma: “O pseudônimo é um nome de autor. Não é extremamente um nome falso, mas um nome de pena, um segundo nome [...] Os pseudônimos literários não são, em geral, nem mistérios, nem mistificações: o segundo nome é tão autêntico quanto o primeiro, ele indica simplesmente este segundo nascimento que é a obra publicada”.

incomodada com o fato de as pessoas valorizarem apenas as pessoas e coisas que vêm de outras cidades.

Nós temos a mania de achar tudo que é de fora melhor do que o nosso. Doutor só tem valor vindo de fora. Rapaz, para as moças ficarem com influência, tem que vir de fora. O que é nosso não presta, só de outras terras é que é bom. Eu mesma pensava isso. Não vou mais pensar assim. (MORLEY, 1998, p. 134).

A escrita de Helena atua como elemento que possibilita uma construção de identidade. As reflexões expostas pela narradora-personagem, organizadas textualmente, garantem um posicionamento da jovem perante as situações vivenciadas por ela e, ao mesmo tempo, atuam em sua formação enquanto sujeito pertencente a determinado grupo.

De acordo com Schwarz (1997, p. 47), *Minha vida de menina* constitui um “universo denso, capaz de autênticas revelações, a que a prosa da garota avessa ao tom pretensioso serve com propriedade absoluta, de grande literatura”. Pensando nesse universo criado por Helena em seu diário, pretendemos, ainda neste capítulo, refletir acerca de algumas considerações importantes para o entendimento e análise da obra. Primeiramente, serão consideradas as peculiaridades da escrita diarística, responsáveis pela construção estrutural da narrativa. Em seguida, as características da linguagem serão analisadas e, por fim, as noções de memória serão pensadas a partir da construção do diário e da formação da identidade feminina.

1.1 As peculiaridades da escrita diarística

Para Eulálio (1993), a jovem Helena não imaginava, quando estava escrevendo seus textos na pequena cidade em que vivia:

estar prolongando o velho costume ancestral do lado inglês: *diaries*, *notebooks*, *recollections*, que, a partir do Século XVIII, pontilham a memorialística britânica, documentando com minúcia a vida familiar e sentimental da classe média triunfante. Com a presença de espírito de sempre, também não explica o dom da escrita, para ela nada mais do que a transposição da prosa que ouve. (EULÁLIO, 1993, p. 37-38).

As entradas desse diário “formam unidades breves, com centro em coisas acontecidas, de órbita inteiramente díspar, que não continuam umas as outras e não se dispõem segundo o fio ordenador de uma narração abrangente” (SCHWARZ, 1997, p. 49). Esse aspecto relaciona-se à característica desse gênero textual. O diário é um gênero que se caracteriza,

sobretudo, por uma narrativa fragmentada e cronológica, que pode ou não ter uma sequência linear, já que, às vezes, a sucessão de datas, que aparece no texto, segue uma organização subjetiva dos fatos.

Na escrita diarística não existe uma obrigatoriedade em narrar as situações de modo sequencial, observando a ordem em que aconteceram: é o sujeito quem seleciona aquilo que deve ser registrado no diário de acordo com a importância que atribui ao fato. Na maioria das vezes, a descrição dos acontecimentos e as reflexões e impressões dessas experiências se intercalam e seguem o raciocínio do diarista, o qual pode tratar de diversos assuntos ao mesmo tempo, fazendo um recorte pessoal e subjetivo dos fatos (LEJEUNE, 2008). Na passagem a seguir, Helena se refere à escolha dos assuntos tratados em seu diário, inclusive sobre a angústia de não saber o que escrever:

Eu estava com a pena na mão pensando o que havia de escrever, pois há dias não acontece nada. Tem chovido a semana toda, só hoje estiou. Fui à janela para ver se olhando o céu e as estrelas me vinha alguma coisa à cabeça. Nada. Passa um enterro que subia do Rio Grande. Pensei: Vai me dar assunto? Não, pois se não sei quem é.

Volto para dentro, pensando em copiar só o exercício dos Ornamentos da Memória e dizer ao professor amanhã que não houve tempo para a redação. Quando viro as costas vejo mamãe desorientada com meus irmãos que dormiam a sono solto, pelejando para pô-los em pé enquanto o defunto passava. Sofri isso também quando pequena. Fiquei contente porque achei um assunto.

A superstição em Diamantina (MORLEY, 1998, p. 173-174, grifo do autor).

A autora relata suas vivências no diário, mas demonstra haver uma seleção em relação ao assunto a ser registrado. O diário consiste em uma escritura cotidiana de situações gerais, mas, para Helena Morley, era preciso que o assunto fosse interessante e, muitas vezes, temático, talvez pelo fato de escrever pensando na leitura e análise de seu professor de redação. Por isso, sua escrita não pode ser considerada como uma descrição de fatos, visto que há uma reflexão na escolha das temáticas abordadas.

Em *Minha vida de menina*, o tempo da narrativa é marcado por uma linearidade, tendo início em 5 de janeiro de 1893 e finalizando em 31 de dezembro de 1895. Os episódios são narrados sequencialmente e de forma crescente, todavia as entradas não ocorrem diariamente, havendo, entre elas, intervalos de aproximadamente uma semana. As narrativas são organizadas por ano, portanto o livro se divide em três partes, cada qual como se fosse um capítulo: 1893, 1894 e 1895. Cada entrada do diário se inicia pela data: dia da semana, dia e mês, o que confirma o que Blanchot (2005) aponta como a principal regra do diário: o

calendário. Para o autor, mesmo o diário sendo livre em muitos aspectos, como: pensamentos, sonhos e ficções, deve respeitar as ações do tempo.

A temporalidade na obra auxilia na organização e no sentido atribuído ao texto como um todo. Desse modo, vejamos as três primeiras entradas do diário:

Quinta-feira, 5 de janeiro [1893]

Hoje foi nosso dia bom da semana.

Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada, para arrumarmos a casa e irmos cedo para o Beco do Moinho. A gente desce pelo beco, que é muito estreito, e sai logo na ponte. É o melhor recanto de Diamantina e está sempre deserto. Nunca encontramos lá uma pessoa, e por isso minha mamãe escolheu o lugar. [...] (MORLEY, 1998, p. 19).

Terça-feira, 10 de janeiro [1893]

Hoje Benvinda veio, com a irmã, participar a mamãe e meu pai o casamento dela com um rapaz do Serro, que foi soldado e deu baixa porque teve de cortar a perna. Nós achamos graça no jeito dela contar a história do noivo sem perna. [...] (MORLEY, 1998, p. 20).

Quarta-feira, 18 de janeiro [1893]

Estamos na Boa Vista e fomos hoje à casa de uns amigos que eram tão bons para nós, todas as vezes que aqui vínhamos. Obsequiavam sempre a mamãe com frutas, ovos, frangos e verduras.

Esta amizade ficou forte com a aparência de Luisinha, minha irmã, com a sobrinha deles que estava fora. [...] (MORLEY, 1998, p. 20).

Essas entradas, que se encontram sequencialmente na obra, exemplificam bem as narrativas e temáticas abordadas. As narrativas, cotidianas, tratam de temas diversos, não apresentando sequência entre elas, somente em relação à obra como um todo. Nos trechos selecionados, é possível observar, além da divergência de assuntos, a organização do diário, cronologicamente, iniciando-se por datas.

Além dessa organização, Lejeune (2008) reitera que o diário pode assumir possíveis funções, conforme as necessidades do autor. Segundo o teórico, o diário pode ter a função de conservar a memória pessoal ao fixar o tempo por meio do registro das vivências, possibilitando ser lembrado pela memória coletiva; desabafar, expurgar aquilo que incomoda e sufoca; conhecer-se; refletir sobre o que ocorre ao seu redor; resistir à pressão social e à vida; e, sentir prazer em escrever, em selecionar as palavras para que configurem as representações que deseja formar.

A partir das funções apresentadas por Lejeune (2008), os registros de Helena Morley parecem apontar duas características mais evidentes: o diário seria uma espécie de depositário

dos sentimentos da autora: “escrevo tudo neste caderno que é o meu confidente e amigo único” (MORLEY, 1998, p. 205) e também atuaria como conservação de uma memória pessoal, familiar e histórica. Em nota à 1ª edição, a autora afirma que o motivo de ter aceitado a sugestão de publicar esses escritos ocorreu da possibilidade de perpetuação das memórias da família. A esse respeito, ela afirma:

Esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos e anos guardados, esquecidos. Ultimamente pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para minhas netas. Nasceu daí a idéia, com que me conformei, de um livro que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época. (MORLEY, 1998, p. 13).

Conforme mencionado, a intenção principal de publicação do diário parece ter sido a de conservação de uma memória para as netas, que, por meio da narrativa, poderiam ter acesso às vivências da avó num período com características diversas em relação ao seu. Todavia, é possível considerar que as memórias de Helena atuam na formação de uma identidade de grupo, não apenas familiar, tendo em vista que apresentam subsídios para a compreensão e reflexão acerca da realidade brasileira do século XIX, sobretudo no que diz respeito à vida das mulheres.

Observa-se, ainda, como possível razão para o ato de escrever, o preenchimento das lacunas do tempo. Em muitas situações, Helena assume que a escrita também seria uma maneira despreziosa de fazer o tempo passar mais rápido. A naturalidade assume aqui um papel importante nos momentos em que a protagonista afirma que escrever é algo que ela faz “sem prestar muita atenção” (MORLEY, 1998, p. 82).

Viana (1988, p. 140) acrescenta como função da escrita diarística a catarse, como forma de “desabafo dos medos, decepções, raivas, frustrações e mesmo alegrias da menina Helena. Ele é o bode expiatório, o saco de pancadas”. Em determinada passagem do livro, esse aspecto fica evidente quando a jovem, após visitar uma amiga, sente-se diminuída pelo pai da menina:

Comi muito pequi e vim-me embora para casa. Ela pelejou para eu ficar para jantar e eu não quis, para aproveitar a raiva com que estou do pai dela e vir escrever aqui umas coisas que eu tinha vontade mas não tinha coragem, pensando ser falsidade. Mas hoje vai tudo. [...] Se for escrever tudo, meu caderno não chega. Deixo o resto para outro dia de raiva. (MORLEY, 1998, p. 299-301).

Nota-se, no trecho em destaque, que Helena utiliza o diário também como forma de expurgar as emoções. O ato de desabafar e contar por meio da escrita algo que não teria coragem de expressar pessoalmente faz com que o diário se torne um espaço receptor dos sentimentos da menina. A prática da escrita para a jovem atua, nesse sentido, como elemento libertador, que propicia uma independência de poder exteriorizar seus pensamentos sem repressões.

Ao analisar um texto diarístico, como é o caso de *Minha vida de menina*, devemos pensá-lo sob duas perspectivas: como representação do cotidiano vivido, que o aproxima da realidade apresentada e como discurso literário, que o integra ao universo ficcional. Embora a obra de Helena Morley seja considerada como um diário “real” escrito por Alice Dayrell em fins do século XIX, não se pode julgar que seja apenas uma “cópia” da realidade de Diamantina nesse dado período.

No que se refere ao território ocupado pela escrita memorialística, em que se insere o diário, no campo literário, Castello Branco (1990) reitera que:

se pensarmos a tão questionada classificação dos diversos tipos de discurso literário como uma tentativa de delimitação dos terrenos, dos hemisférios por onde caminha a literatura, certamente perceberemos que o universo dos textos de memória, sempre colocados ao lado do que se considera como estritamente literário, localiza-se numa periferia, num lugar que não se opõe à região central, mas que faz exatamente a borda, o contorno do centro. (CASTELLO BRANCO, 1990, p. 99).

No texto narrado por Morley, o discurso literário é construído de maneira concomitante com a representação do vivido, como assinala Viana (1988):

embora esteja dentro da especificidade do diário íntimo o pacto vivido, e *Minha vida de menina* o ratifica desde a capa, as datas, as introduções e as notas, a preocupação com a escritura e sua linguagem caminha lado a lado com a documentação cotidiana dos fatos. Há fluidez de linguagem, desorganização na apresentação do dilúvio de pessoas e lugares, há espontaneidade, mas há também, e de maneira marcante, a reflexão sobre o vivido, o registrado e a forma desse registro. *Minha vida de menina* mostra, portanto, a possibilidade de uma outra leitura. A começar pelas justificativas da escritura, que estão implícitas, diluídas no tecido da escrita ou nas esferas do interdito do não-dito. Nesse ponto, o diário de Helena trai essa condição de mero registro do cotidiano para se transfigurar em ficção introspectiva, em que a introjeção da realidade, e principalmente a forma de expressá-la, assumem o valor maior. (VIANA, 1988, p. 141).

Sendo assim, o registro escrito de Helena parece encontrar-se em uma posição de entremeio. Como já afirmamos anteriormente, o texto da jovem não pode ser considerado

apenas como representação da realidade, todavia as lacunas encontradas possibilitam uma nova compreensão da sociedade oitocentista brasileira. Além disso, a construção dos “castelos imaginários”, insinuados pela jovem, fazem com que a ficção¹⁰ ganhe espaço na narrativa e possa ser compreendida de modo simultâneo com o registro cotidiano.

Castello Branco (1990) declara que a literatura memorialista ocupa uma posição marginalizada devido às desconfianças existentes em relação ao lugar que ocupa no universo literário. Buscando desconstruir essa imagem, a autora anuncia:

Ao falar de outro lugar, ao pretender imprimir a marca do sujeito a um texto que aparentemente não busca a literariedade, mas a verdade do vivido, ela, de certa forma, não só se afasta do paradigma literário oficial, como coloca com maior propriedade questões teóricas que a ficção muitas vezes apenas sugere: "O que é o sujeito? Como se dá a representação? O que é o real?" são apenas algumas das inúmeras indagações levantadas pela narrativa de memória que, em última instância, termina por se perguntar: "O que é a literatura?". (CASTELLO BRANCO, 1990, p. 101).

Conforme salienta Marchant (2003), a mimesis no texto de Brant não é a única responsável pela caracterização dos sujeitos. Independente do gênero, raça ou idade, o significado de suas representações ocorre não apenas pela vivacidade ou semelhança com a realidade. Em vez disso, o diário de Alice é significativo por duas razões: o livro traça os contornos de um mundo social historicamente específico e reconhece, ao mesmo tempo, a busca convincente de uma jovem mulher para encontrar modelos adequados que possam ajudar a orientá-la no desenvolvimento de sua identidade.

Acerca da literariedade no texto de Helena Morley, Braga (1958) reflete:

É um livro como se costuma dizer, sem literatura; chegará a ser arte o que não é elaborado, o que não sofre nenhuma transposição? Mas aí é que está o milagre da coisa. Muitas outras meninas viviam em Diamantina no fim do século, e o professor de português da Escola Normal obrigava as alunas a fazerem uma composição quase todo dia. A realidade era mais ou menos a mesma para todas. A sensibilidade especial dessa menina, aliada a um jeito natural para escrever, é que permitiu esse milagre de nos trazer até hoje, e para sempre, viva, essa Diamantina de mais de 60 anos atrás. E isso não é arte? E qualquer escritor pode aprender muito aqui e muito tem a invejar, principalmente esse casamento perfeito da linguagem com o assunto. (BRAGA, 1958, p. 2).

¹⁰ Ao tratar do universo ficcional na escrita diarística não estamos considerando o termo “ficção” como sinônimo de fingimento, em oposição ao “real”, mas como expressão que caracteriza a prosa literária. Refere-se, portanto, à construção do imaginário na narrativa. Não se pretende neste estudo discutir o que é e o que não é literatura, apenas buscamos desconstruir qualquer equívoco que possa existir em relação à escrita diarística, muitas vezes marginalizada do ponto de vista da estética literária.

Cândido (2000, p. 12) afirma que para analisar uma obra literária é preciso “ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de *poiese*”.

No que se refere ao diário, Hierro (1999) afirma que este é considerado um gênero literário heterogêneo e ambíguo, sobretudo por situar-se no que, para ele, seria o limite entre o real e o ficcional. Nele, o autor-narrador pode, ao mesmo tempo, construir a imagem de si e do mundo que o rodeia. Kingler (2010) afirma que uma das particularidades da narrativa contemporânea se instala entre a realidade e a dramatização, o público e o privado, a intimidade e a visibilidade, a verdade e a ficção. Sendo assim, as narrativas que se caracterizam como escritas de si, como o diário, atuam num horizonte de instabilidade, ambiguidade e indeterminação.

Seligmann-Silva (2009) também considera o diário como um gênero complexo que transita entre o registro histórico e a ficção, na medida em que o autor-narrador faz um relato autobiográfico em que a imaginação criativa e a prática cotidiana podem ser elementos significativos que se misturam. Segundo o autor, a crença de que o diário seria um gênero antificcional é dissolvida à medida que em sua estrutura se fundem autor, texto e temporalidade. O autor cria um universo íntimo e a realidade que lhe envolve o faz “transpor e saltar entre imagens e palavras, palavras e imagens.” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 163).

Castello Branco (1990), ao tratar dos textos memorialísticos de autoria feminina, afirma que o discurso da memória se constrói a partir de um ponto de tangência entre o histórico e o ficcional:

Porque, afinal, esse discurso que tem pretensões à verdade — mas à singularíssima verdade do sujeito — possui, ainda mais que a ficção, o caráter de documento. Por outro lado, esse mesmo discurso, ao se sujeitar às leis e ao domínio de uma única primeira pessoa, a quem pertencem a história e a verdade, afasta-se radicalmente de qualquer possibilidade de verificação por terceiros. E aí ele perde seu caráter de documento para enveredar pelos descaminhos da criação e da ficção. E aí ele perde seu caráter utilitário, próprio do discurso histórico, para desembocar na inutilidade do delírio linguageiro, próprio da ficção. (CASTELLO BRANCO, 1990, p. 306).

Independente de ser ou não um relato genuíno de uma realidade provinciana do final do século XIX, a obra de Helena Morley apresenta características que permitem ao leitor

repensar os modelos sociais da época, a partir da construção do discurso literário. A respeito da ficção na literatura, Rancière (2005) assevera que:

A soberania estética da literatura não é, portanto, o reino da ficção. É, ao contrário, um regime de indistinção tendencial entre a razão das ordenações descritivas e narrativas da ficção e as ordenações da descrição e interpretação dos fenômenos do mundo histórico e social. (RACIÈRE, 2005, p. 55).

Tendo como base o pensamento de Rancière (2005), o texto de Morley pode ser considerado literário por mesclar elementos relacionados ao cotidiano vivido e à criação poética. A revolução estética foi a responsável por acabar com a linha divisória aristotélica, que colocava em lados opostos realidade e ficção. Nessa perspectiva,

testemunho e ficção pertencem a um mesmo regime de sentido. De um lado, o “empírico” traz as marcas do verdadeiro sob a forma de rastros e vestígios. [...] Do outro, “o que poderia acontecer” não tem mais a forma autônoma e linear da ordenação das ações. A “história” poética, desde então, articula o realismo que nos mostra os rastros poéticos inscritos na realidade mesma e o artificialismo que mostra máquinas de compreensão complexas. (RANCIÈRE, 2005, p. 57).

A proximidade entre o testemunho e a ficção no texto de Helena Morley é observada por Eulálio (1993):

A meio caminho do documento e da ficção, o caderno de anotações escrito à margem da literatura, num calmo dia-a-dia que a adolescência e a província iluminam de modo peculiar, essa história natural de uma menina do interior impôs-se pelas claras qualidades. A sensação de frescor que nos comunica cada página do livro, a franqueza imperturbável dos catorze anos da autora, cujo anticonformismo sem rótulo resulta no mais autêntico humorismo – displicente, sem cerimônia, muita vez impiedoso -, colocam estas memórias nos antípodas do tom acadêmico e do beletrismo e vêm-nas antes aparentar com a literatura picaresca. (EULÁLIO, 1993, p. 36).

A partir da maneira como Helena Morley constrói seu discurso, de modo singelo, mas com discernimento e humor, é possível refletir sobre a linguagem utilizada em *Minha vida de menina*, que, por meio da proximidade com a língua falada, confere afetividade ao discurso enunciado pela narradora-personagem.

1.2 A linguagem na narrativa

Na obra em análise, a construção da linguagem ocorre a partir de traços da oralidade, conferindo uma proximidade em relação ao narrado. A menina não utiliza uma linguagem normativa, mesmo direcionando seus escritos ao professor de redação, o que confere ao texto uma afetividade, própria da língua falada. Além disso, não se pode desconsiderar a idade da autora, que tinha entre treze e quinze anos de idade e talvez não tivesse competência linguística suficiente para utilizar adequadamente a língua escrita padrão. Ademais, é possível observar o uso de uma linguagem regional, própria do falar mineiro, naturalmente por se tratar de uma história que se passa em Diamantina, Minas Gerais.

Ao narrar os fatos, Helena procura descrevê-los tais como ocorrem, buscando, inclusive, reproduzir a fala dos personagens. Nesse sentido, em muitas situações a jovem utiliza uma linguagem mais coloquial e próxima da oralidade. O trecho a seguir é um exemplo disso: “Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; mas quando são na igreja do Rosário, que é quase pegada à chácara de vovó, eu gosto ainda mais” (MORLEY, 1998, p. 57). Ao utilizar a palavra “pegada” como sinônimo de proximidade, a narradora confere ao discurso uma intimidade, que é característica dos textos diarísticos.

Há, na obra, o uso de algumas palavras que fazem parte do vocabulário da época, como ocorre com a forma verbal “obsequiar” em seu sentido de presentear: “obsequiavam sempre a mamãe com frutas, ovos, frangos e verduras” (MORLEY, 1998, p. 20). Na edição de 1998, utilizada nesse estudo, algumas dessas expressões vêm acompanhadas de notas de rodapés devido ao fato de serem formas arcaicas próprias do período em que o diário foi escrito, como é o caso de “borrusquês”, cujo significado indicado no texto é “vales que os comerciantes, industriais e instituições de beneficência emitiam para suprir, diziam, a falta de trocos, e circulavam como dinheiro.” (MORLEY, 1998, p. 29).

Algumas outras expressões também são elucidadas para o leitor por meio de notas de rodapés, tendo em vista que são próprias da língua falada, não condizendo, portanto, com as normas ortográficas do português do Brasil. Como exemplo desse aspecto, podemos observar o seguinte trecho: “Minha tia mandou ralar uma porção de milho verde para fazer pamonhas e corá para o jantar” (MORLEY, 1998, p. 53-54). O vocábulo “corá”, de acordo com nota de rodapé, significa curau, termo que também possui uma conotação regionalista. Sendo assim, Helena opta por trazer em sua narrativa a palavra conforme o uso comum em seu cotidiano, não se preocupando com a questão normativa.

A narradora utiliza algumas expressões cujo significado atual e dicionarizado não condiz com a forma como são exploradas. Em determinado episódio sobre seu primo Lucas, a jovem faz referência a ele da seguinte forma: “Ele é enfezadinho e quase cego mas muito inteligente. Diz versos e corta jaca muito bem” (MORLEY, 1998, p. 177-178). No segmento, pode-se observar o uso coloquial da linguagem em “enfezadinho”. Sobre a expressão “cortar jaca” é definida como uma espécie de sapateado, significado que não poderia ser entendido pelo leitor sem uma nota explicativa. O mesmo ocorre no trecho: “nunca poderei esquecer a ânsia com que esperei o dia da procissão, em que eu iria entrar na ala com as primas e ganhar como elas um cartucho de papel de seda repinicado, cheio de manuscritos” (MORLEY, 1998, p. 296). Além do vocábulo repinicado usado como sinônimo de picado, o termo “manuscritos”, de acordo com nota de rodapé, significa confeitos de cacau. Se o leitor fosse considerar o significado dicionarizado atual da palavra, jamais chegaria a esse sentido.

No livro intitulado “Linguística e Humanismo”, Machado Filho (1974), ao tratar da linguagem familiar, utiliza o livro de Helena Morley para exemplificar esse tipo de ocorrência linguística. Para o autor, a linguagem familiar sofre variações da mesma forma que a língua comum, dependendo das suas peculiaridades. Nesse sentido, reflete, de maneira autêntica, a língua falada. Como exemplo de utilização da língua de modo singular e característico do grupo familiar, Machado Filho (1974) cita uma passagem do livro *Minha vida de menina* em que é utilizada a expressão “franzido do babado” de maneira diversa do original, sendo atribuído, portanto, um novo significado a ela:

Por falar em babado, lembrei-me de uma coisa muito engraçada de vovó. Quando ela vê a sala cheia de mulheres esperando o jantar pergunta a Dindinha, na vista delas: ‘Chiquinha, minha filha, como você vai se arranjar com tanto franzido no babado?’. Dindinha responde: ‘Já desfranzi, minha mãe!’. Vovó então pode ficar descansada, porque isto quer dizer que Dindinha mandou pôr mais água e couve no feijão. (MORLEY, 1998, p. 96).

Como se pode notar, a linguagem utilizada no texto literário em questão é típica da língua falada, com expressões de caráter subjetivo e afetivo. Os vocábulos utilizados ganham significados próprios, cujo sentido só pode ser atribuído dentro do contexto familiar. Sendo assim, o “franzido do babado” só adquire esse significado particular dentro de uma esfera íntima. Complementando esse aspecto, Machado Filho (1974) afirma que é a afetividade que caracteriza a língua familiar. As ideias se apresentam, assim, pelo contato com a realidade, por meio de metáforas, comparações e imagens.

A respeito das comparações, Machado Filho (1974) cita o seguinte trecho do diário: “Eu penso que a vida é como um punhado de fubá que se põe na palma da mão; quando se assopra vai embora e não fica nada” (MORLEY, 1998, p. 122). Esse exemplo lembra o tom ingênuo da linguagem infantil e também se aproxima da formulação dos ditados populares que, de certa maneira, conservam a apropriação de imagens singelas e singulares, utilizando vocábulos próprios do cotidiano. As imagens, simples, utilizadas pela protagonista na construção da linguagem evidenciam a espontaneidade com que as narrativas são desenvolvidas. Ao comparar a vida com um “punhado de fubá”, a jovem se apropria tanto de uma linguagem que é típica da infância, como de uma forma de pensar igualmente característica, que, ao refletir sobre temas complexos não encontra impedimentos e o faz com desembaraço e naturalidade.

No que se refere à metáfora, Machado Filho (1974) se apropria da seguinte passagem do livro para fins de exemplificação: “Mamãe chama Emídio da Chácara e põe na cabeça dele a bacia de roupa e um pão de sabão” (MORLEY, 1998, p. 19). Para o linguista, a metáfora “pão de sabão” é análoga a “pão de açúcar”, expressão já consagrada na toponímia brasileira. Esse uso metafórico da linguagem é característico no ambiente familiar, sendo muito presente na fala.

Outra figura de linguagem explorada pela jovem diamantinense é o eufemismo, que se caracteriza por uma forma de suavizar situações normalmente desagradáveis, por meio da substituição de expressões consideradas indelicadas ou constrangedoras por outras mais amenas. Como exemplo do uso eufemístico da linguagem, Machado Filho (1974) cita um episódio em que Benvinda fala do noivo que só tinha uma perna. Para se referir a ele, a personagem utiliza a expressão “adquiriu defeito” para amenizar o fato de ele ter ficado aleijado enquanto era soldado. Segundo o linguista, os eufemismos são usados para atenuar determinadas situações caracterizadas por tabus linguísticos, que também são típicos da linguagem familiar.

Para finalizar a análise, o linguista afirma que *Minha vida de menina* foi o livro que mais o ajudou no estudo acerca da linguagem familiar, pois para ele, “é um ninho de expressões familiares e de outras preciosidades linguísticas” (MACHADO FILHO, 1974, p. 104). De acordo com o autor, mesmo a obra tendo sido escrita em outro século, em uma cidade do interior, a linguagem explorada no texto pode ser exemplo da língua familiar no Brasil, independentemente do tempo e do espaço. Nesse sentido, embora possa haver uma diferença vocabular, existem características comuns da psicologia coletiva.

Schwarz (1997), sobre a linguagem utilizada na obra, reitera que Helena se mostra contrária à ostentação social, também em relação ao modo de falar. Em determinado episódio, a jovem relata a visita de uma moça de Montes Claros, que, além de bonita, simpática e bem vestida, fala com muita correção:

Ficaram as tias todas admiradas da beleza da moça e de seus modos políticos de conversar. Falava explicado e tudo muito correto. Dizia "você" em vez de "ocê". Palavra que eu nunca tinha visto ninguém falar tão bem; tudo como se escreve, sem engolir um s nem um r. Todas nós ficamos de boca aberta e com medo de falar perto dela. Tia Agostinha mandou vir uma bandeja de uvas e lhe perguntou se ela gostava de uvas. Ela respondeu: "Aprecio sobremaneira um cacho de uvas, Dona Agostinha". Estas palavras nos fizeram ficar de queixo caído. Uma moça de Montes Claros dizer uma frase tão bonita! Depois ela foi passear com outras e Iaiá aproveitou para lhe fazer elogios e comparar conosco. (MORLEY, 1998, p. 301).

Na narrativa, Helena se mostra ao mesmo tempo encantada e incomodada com a fala da moça. Assim como demonstra admiração em relação ao emprego da linguagem e sua proximidade com a língua escrita, também é possível observar que a protagonista fica fatigada com o uso do linguajar, excessivamente empolado. No final da cena, Helena, para irritar a tia, começa a imitar a moça: “aprecio sobremaneira as batatas fritas” (MORLEY, 1998, p. 302). Ademais, é possível inferir que a narradora-personagem, ao perceber o entusiasmo da tia pelo modo de falar da moça, tenha ficado enciumada e, por esse motivo, resolvido imitá-la como meio de provocação.

Na obra analisada, a linguagem possui papel relevante na construção da narrativa. Ao optar por uma forma coloquial e próxima da oralidade, a narradora confere familiaridade na apresentação dos episódios. Quando utiliza um discurso direto, na tentativa de reproduzir fielmente a fala dos personagens, a jovem faz com que seu texto se aproxime da realidade que procura representar. Na estrutura narrativa, esse aspecto é utilizado enquanto recurso estilístico de configuração do universo ficcional e, ao mesmo tempo, de aproximação de uma realidade empírica dos fatos.

Nesse sentido, a linguagem utilizada por Helena é espontânea em razão da proximidade que possui com a língua falada. Esse aspecto fica evidente por meio de expressões de caráter regional e popular presentes nos episódios narrados. Considerado como mecanismo de escolha individual, esse estilo literário da narradora pode ser apontado como instrumento que confere expressividade ao texto.

Castello Branco (1990) considera a utilização de uma linguagem mais próxima da oralidade como característica do discurso feminino:

Nesse movimento feminino da memória, de um retorno que se abre para o futuro, é natural que a linguagem seja a mais maleável possível, à que mais se molda ao ritmo, à estrutura de um discurso feminino sempre em evolução. Por isso o registro da desmemória e do feminino é sobretudo um registro oralizante, que se aproxima do corpo e da voz. Assim se produzem a flutuação e o deslizamento das palavras que uma escrita menos contaminada pela linguagem oral, por sua cristalização, bloquearia. (CASTELLO BRANCO, 1990, p. 175).

Destarte, a escrita feminina de Helena Morley se caracteriza por essa maleabilidade. Ao mesmo tempo em que permite o movimento, a dimensão da memória faz com que o discurso da narradora perdure e se perpetue através dos tempos. Sua linguagem se apropria do habitual na tentativa de produzir novos significados a um pensamento que, até então, permanecia estagnado na mente da sociedade de seu tempo.

1.3 A construção da memória

A memória de Helena é construída concomitantemente com a narrativa. As “mineiridades” presentes na obra e responsáveis pelo despertar das lembranças da infância não se resumem à linguagem utilizada pela protagonista; além disso, são narradas festas familiares e festejos populares, cujos jantares são repletos de comidas típicas, com tradicionais doces de sobremesa, como na passagem a seguir, em que Helena narra a fartura dos jantares em comemoração ao aniversário da avó:

O jantar do aniversário de vovó era um acontecimento na família. Era servido em duas grandes mesas. Na sala de jantar ficavam os filhos, filhas, genros, noras e netos maiores; os menores em outra mesa debaixo da parreira. Tudo era feito com fartura: leitões, perus, panelões de arroz, tutu de feijão com lingüiça, empadas e o mais. Nem neste dia vovó se esquecia de me guardar dos guisados dela. Os doces eram arranjados num quarto grande pegado à despensa, que um negro já prático enfeitava de bambus, bananeiras e folhagens, fazendo um bosque. Ali ficavam os doces, que as negras começavam a fazer com muita antecedência: geléia de mocotó, canudos, luminárias, manjar, toicinho-do-céu, pastéis de nata, doces secos e em calda de toda espécie e sequilhos de toda qualidade. Tinha que haver fartura para as filhas ainda poderem levar para a casa. (MORLEY, 1998, p. 324).

Esse tipo de culinária constitui-se enquanto elemento caracterizador e identificador da cultura mineira. Frequentemente narrado pela jovem diamantinense, os alimentos atuam também como elemento presente na memória de Helena, os sabores experimentados podem ser novamente sentidos pelo estímulo das lembranças. Do mesmo modo, ao relatar os rios, os

pomares, as ruas da cidade, a protagonista possibilita que todas as suas vivências possam ser novamente sentidas.

Proust (2006), no romance “Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann”, relata essa experiência do estímulo das lembranças por meio da memória involuntária. No primeiro capítulo do livro, o narrador descreve a sensação que teve ao provar uma madalena (pequeno bolo recheado) molhada no chá, que o fez rememorar situações experimentadas em sua infância, na cidade de Combray. O sabor da madalena fez aflorar a sua memória, trazendo elementos de seu passado. Em textos memorialísticos, como o diário, as lembranças, muitas vezes, se solidificam por meio do sensorialismo, tal como ocorre na narrativa de Proust:

No mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremecei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. [...] Por certo, o que assim palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visual que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim. [...] E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. (PROUST, 2006, p. 48).

A madalena, em Proust, não é a lembrança em si, mas o elemento estimulador da memória. Do mesmo modo, na obra de Helena Morley, o sensorialismo está presente por meio do saborear das frutas e das comidas preparadas pelas negras da chácara, que aguçam as mais ternas lembranças da infância.

Minha vida de menina é uma obra memorialística que possibilita ao leitor conhecer uma realidade que, embora distante no tempo, possui características que a aproximam das reminiscências das famílias brasileiras, independente da região em que vivem. A respeito das memórias, Arruda (1999) assevera que são textos que se desdobram entre a possibilidade de uma autoanálise, por meio de uma busca constante de uma verdade pessoal, e, ao mesmo tempo, possuem traços universais, possibilitados pela perpetuação dos escritos através do tempo.

Arruda (1999, p. 201), nessa perspectiva, afirma que as memórias “significam um longo processo de imersão característica no passado, cujo ponto terminal é a infância, enquanto repositório das promessas irrealizadas, momento incorruptível da vida e dimensão irresgatável da existência”.

Como relato da infância, o diário de Morley apresenta um texto genuinamente característico: puro e, do mesmo modo, precocemente maduro, composto por reflexões

críticas e racionalmente polêmicas para a época e para a realidade pueril. Helena, apesar da pouca idade, interfere na conversa dos familiares adultos, “sem apequenamento”. (SCHWARZ, 1997, p. 79).

A maior parte dos episódios narrados na obra concentram-se no grupo familiar de Helena, numeroso e heterogêneo. As lembranças relacionadas à categoria doméstica, conforme Bosi (1994, p. 423), “persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar”.

A afetividade presente na esfera familiar está fortemente marcada na escrita de Helena. Apesar da preferência demonstrada pela jovem em relação à avó Teodora e à tia Madge, por exemplo, nota-se um elevado grau de estima em relação ao seu grupo familiar como um todo. Os relatos narrados no diário apresentam muitas características dessa intimidade doméstica, cujos costumes perpetuam-se por meio da memória. Um desses costumes, apresentado por Neukirchen (2005), é o de pedir bênção aos mais velhos. O trecho a seguir é um exemplo:

Chego na Chácara, procuro vovó e vou encontrá-la sentada no jardim, assistindo às negras fazerem velas de sebo.
— A bênção, vovó!
— Deus te abençoe, minha filha. (MORLEY, 1998, p. 32).

Para Neukirchen (2005), a prática dos mais jovens pedirem a bênção aos pais, avós, padrinhos e padres suscita, na obra de Morley, a presença de uma determinada tradição, de origem judaico-cristã, que se conserva na memória de geração em geração. Essas práticas, de acordo com Bergson (1999), estão mais relacionadas ao hábito do que propriamente à memória, pois ocorrem por repetição, por meio de um exercício habitual do corpo.

Na obra, Helena apresenta muitas lembranças da infância, que ocorreram anteriormente à escritura do diário. Em uma dessas passagens, ela afirma: “Não sei porque me vêm à memória certas coisas da minha infância, sempre que pego na pena, talvez porque naquela época as coisas pequenas me impressionassem mais, e eu guardo tudo muito.” (MORLEY, 1998, p. 253). Conforme salienta a jovem, as memórias surgem no momento da escrita, fazendo com que o diário seja não apenas uma maneira de desabafo, mas um modo de releitura do passado por meio das lembranças da infância. De acordo com Halbwachs (2006):

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora

manifestou-se já bem alterada. Certamente, que se através da memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas impressões a lembrança se distinguiria, por definição, dessas idéias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma idéia do que foi o nosso passado. Mas, mesmo se é possível evocar de modo tão direto algumas lembranças, não o é em distinguir os casos em que procedemos assim, e aqueles onde imaginamos o que tenha acontecido. Podemos então chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos e racionalização. (HALBWACHS, 2006, p. 75-76).

A relação entre os sujeitos e as coisas lembradas é fundamental para a abordagem da memória como fenômeno social e não apenas pessoal. Conforme Bosi (1994), lembrar não significa viver novamente determinada situação, mas fazer com que as experiências do passado possam ser repensadas de acordo com as ideologias e os princípios do presente, sendo assim:

a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55).

Em *Minha vida de menina*, quando Helena narra as lembranças da única boneca que teve, ela afirma que as lembranças surgiam em sua memória sempre que se preparava para escrever. Para Bosi (1994), a linguagem seria um instrumento de socialização da memória, portanto a escritura do diário seria uma forma de compartilhar as lembranças com os grupos e consigo mesma por meio das releituras, possibilitando assim, uma reconstrução de significados a partir das vivências narradas.

Algumas lembranças relatadas por Morley em seu diário ocorrem devido à expressividade que determinadas situações representaram em sua infância. Na narrativa a seguir, a jovem demonstra o sofrimento que ela e a família passaram no “ano da fome”:

No ano da fome eu era muito menina mas me lembro ainda de algumas coisas daquele tempo. Se eu estivesse maior e mais esperta como hoje, acho que não passaríamos em casa o que passamos naquela ocasião. Nunca nada me impressionou tanto como a fome daquele ano. Lembro-me até hoje das velas que mamãe acendia no oratório, pedindo a Deus que mandasse chuva. Não havia nada na cidade para se comprar. Os negociantes punham gente nas estradas para cercar os tropeiros para comprar o pouco que eles traziam e vender pelo dobro ou triplo. Quem tinha pouco dinheiro passava fome. Cada

dia tudo subia mais. Chegavam todo o dia notícias de gente morta na redondeza. (MORLEY, 1998, p. 63).

Na obra, com frequência Helena recorre às lembranças de sua infância. Do modo como a narradora descreve o que ela chama de “ano da fome”, é possível constatar que é uma reminiscência marcante para ela, mas possivelmente deve ter sido para a família e para população de Diamantina, de um modo geral, visto que não se trata de um fato isolado na vida de Helena. As recordações aparecem como forma de conferir expressividade e intensidade a esses acontecimentos.

Nesse viés, as memórias narradas por Helena podem ser consideradas pessoais e, ao mesmo tempo, coletivas, pois apresentam as impressões individuais da jovem sobre a realidade em que vive, mas também atuam como instrumento de conservação de memórias familiares, ligadas à sociedade brasileira da época.

Halbwachs (2006, p. 65) assevera que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. A partir dessa consideração, a obra de Morley não seria apenas fruto das impressões subjetivas da jovem; mais do que isso, as narrativas poderiam ser vistas como representações de uma coletividade. Ao tratar de aspectos do seu cotidiano, Helena destaca, de um modo geral, o grupo das mulheres, com base no papel social que desempenhavam na sociedade brasileira oitocentista.

Fundamentando-se em aspectos ligados à identidade, Pollak (1992, p. 204) afirma que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”

Morley, ao narrar suas experiências individuais no diário, deixa evidente o modo como as mulheres desempenhavam seus papéis perante a sociedade da época. Por uma afirmação ou negação dessa identidade feminina marcada por traços patriarcais, a protagonista possibilita que suas memórias sejam refletidas a partir do discurso literário.

Castello Branco (1990), ao tratar da escrita de si a partir do olhar feminino, afirma:

É nesse momento que ingressamos num território muito peculiar e muito familiar a essa escrita: o território dos afetos. Longe de ser uma escrita dos grandes feitos e efeitos, com a epicidade do discurso histórico, ou da memória oficial, essa é uma escrita de afetos: dos amores, das dores, das alegrias casuais, das perdas, das melancolias. (CASTELLO BRANCO, 1990, p. 141).

A escrita de Morley é permeada por essas características. Seus relatos são dotados de afetividade, sejam aqueles que envolvem seu grupo familiar, sejam os que têm como centro personagens diversos de seu cotidiano de província. Ao falar de si e do mundo que a rodeia, a protagonista demarca a voz da mulher em um período patriarcal. A jovem, de inteligência aguçada, apresenta um discurso ao mesmo tempo ingênuo e “adiantado em toda linha”. (SCHWARZ, 1997, p. 49).

As memórias narradas por Helena Morley atuam como formadoras da identidade feminina da jovem tanto na esfera individual quanto na esfera social. Pollak (1989) acredita que as histórias de vida, presentes nas atividades discursivas do indivíduo, atuam na reconstrução da identidade:

Ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros. (POLLAK, 1989, p. 13).

A memória, nesse sentido, possui o papel de auxiliar na formação do indivíduo como membro de um grupo. Em *Minha vida de menina*, Helena reflete sobre os papéis sociais das mulheres oitocentistas como meio de buscar o próprio lugar na sociedade. A criticidade com que observa a superioridade dos homens em relação às mulheres, característica da sociedade patriarcal, revela o espírito libertário da jovem. Sobre o discurso feminino, Castello Branco (1990, p. 136) considera-o “questionador”, tal como observamos na narrativa que caracteriza o corpus desta pesquisa.

Pelo modo com que Helena representa as personagens femininas em seu diário, torna-se possível fazer uma análise que possibilite uma reflexão sobre determinados grupos sociais, como o da família e o das mulheres, a partir da ótica da sociedade androcêntrica do século XIX brasileiro. A partir desse aspecto, buscaremos, no próximo capítulo, repensar o papel desempenhado pelas mulheres oitocentistas, a partir do estudo de fragmentos da narrativa de Morley em que o olhar sobre o feminino aparece de duas maneiras: diluído no interior do discurso ou como tema principal de determinadas histórias.

Capítulo 2

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER OITOCENTISTA SOB A PERSPECTIVA DE UMA JOVEM DO SÉCULO XIX

Antes de partir para a análise da representação feminina na obra de Helena Morley, serão apresentadas, de modo breve, algumas considerações acerca do conceito de representação que, conforme aponta Chartier (1991, p. 184), possui duas acepções mais evidentes: “por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”.

Segundo o objetivo desta dissertação, que consiste em analisar a representação feminina na obra de Helena Morley, a representação está sendo entendida como presença, relacionada à forma como os grupos, de um modo geral, marcam a própria existência dentro da sociedade, por meio de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991).

Nessa ótica, a representação pode ser relacionada ao conceito de identidade, tendo em vista que, em ambos os casos, a individualidade do sujeito o define como membro do grupo a que pertence. Essa relação pode ser estabelecida, a partir de “estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 1991, p. 184).

Quando analisadas no interior de uma determinada sociedade, em um dado momento histórico, as representações adquirem uma significação particular. Para Chartier (2002), é no campo das representações coletivas que a identidade é constituída, pois em seu interior é possível analisar os conflitos presentes em cada sociedade. Confirmando esse aspecto, Bourdieu (2007, p. 447) assevera que “a representação que os indivíduos e os grupos exibem inevitavelmente por meio de suas práticas e propriedades faz parte integrante de sua realidade”.

A representação, assim, pode ser entendida como forma de conferir uniformidade aos sujeitos pertencentes ao mesmo grupo, apesar das diversidades que os constituem individualmente. Quando intencionamos tratar da representação feminina na obra de Helena Morley, a percepção de feminino fundou-se nas características que aproximavam ou distanciavam as mulheres inseridas em um mesmo contexto histórico-social. Ao tratar dessas personagens, não havia intenção de promover um discurso de igualdade em relação à forma como eram tratadas na obra; ao contrário, a pretensão era justamente a de mostrar que, apesar de pertencerem a um mesmo grupo e diante das mesmas condições patriarcais, essas mulheres eram representadas de maneiras diferentes.

Em *Minha vida de menina*, Helena, a narradora-protagonista, apresenta algumas das mulheres com as quais convivia cotidianamente na cidade de Diamantina, Minas Gerais, entre os anos de 1893 e 1895. Nesse período, a cultura patriarcal era predominante e se assentava

na superioridade e liberdade dos homens em relação às mulheres. Em seu diário, a narradora, ao descrever as personagens femininas de sua família, considerava que esse perfil era preeminente. Ao contrário, quando se referia a si própria, a jovem ponderava que a sua identidade era diversa daquela das mulheres com as quais convivia, em razão dos questionamentos que fazia a respeito das diferenciações e imposições sociais.

De acordo com Schwantes (2006, p. 8), o narrador feminino é, por si só, subversivo, “uma vez que a mulher está narrando, ao invés de ser narrada. Há uma interdependência entre personagem e enredo, cada um determinando o outro”. Para a pesquisadora, a narradora ultrapassa os limites do confessional e do autobiográfico quando a protagonista feminina possui um enredo outro daquele sancionado pela sociedade patriarcal.

Tendo em vista que se trata de um registro essencialmente feminino, o diário de Helena Morley constitui um painel rico acerca da realidade social da época. “É um olhar de mulher vasculhando o universo feminino. São incontáveis as mulheres do livro, com seus casos, suas dores, sua submissão ao homem, sua limitação social, tudo passando pelo crivo agudo e sensívelíssimo da diarista.” (VIANA, 1988, p. 139).

Sendo assim, considerando *Minha vida de menina* como um registro feminino, que apresenta as impressões subjetivas de uma jovem acerca da realidade em que vive, torna-se relevante pensar as vivências de Helena como mulher na sociedade brasileira oitocentista sujeita ao modo como o patriarcalismo ainda exercia forte influência sobre o comportamento feminino.

Helena possui um comportamento que a diferencia das demais mulheres de seu núcleo familiar Morley. As divergências a que nos referimos não dizem respeito somente quando comparada às mulheres casadas, uma vez que assim poderia dar a impressão de que a diferença se limitaria à questão da constituição familiar. Pela ótica da narradora, a irmã e as primas, que possuíam idade semelhante à sua, mantinham comportamentos mais conservadores, condizentes com a mentalidade patriarcal imposta culturalmente às mulheres daquela época.

De acordo com Schwantes (2006), a representação é determinada pela “fala” e por tudo o que confere legitimidade social. No diário de Helena Morley, a “voz” da protagonista demarca um caráter de aceitação e de resistência na representação das personagens femininas. Ao passo que as demais mulheres da família apresentam comportamentos análogos, a personalidade de Helena denota uma condição de diferenciação em relação ao grupo a que pertence.

A respeito desse diferencial em relação aos pensamentos de Morley, Silvestre (2011) afirma que:

As observações de Helena às vezes apresentam ironia, ou não, propondo modos de reinventar a vida, concebê-la num outro padrão, não estereotipado pelas convenções sociais, pela igreja e pela ideologia que preconiza o adestramento da mulher. Ao contrário, ela insiste em seguir a sua própria natureza, mesmo que isso a inquiete e a torne condenada pelos olhares femininos, pois ela não se nega a possibilidade de encantar-se com e pela vida. E seu olhar agudo para a realidade que a circunda, sobre si e sobre a vida social, ensina-lhe ponderar a condição da mulher naquele tempo, não numa versão pautada pela alienação, repetição e conformismo, mas sim pela inversão e subversão de valores postulados, pois lhe possibilita entender a dimensão do tempo em que vive. (SILVESTRE, 2011, p. 147).

Helena sempre realça as diferenças existentes entre ela e as demais mulheres da família, como tentativa de “escapar à classificação” (SCHWARZ, 1997, p. 52). A dissemelhança seria uma forma de demarcar sua personalidade e de construir uma identidade própria. A narradora-personagem tenta conceber uma imagem de si, independente da posição social ocupada na sociedade, distinta das mulheres com as quais convive em seu cotidiano. Com frequência, ela tenta demarcar esse contraponto, mas, na prática, evidente nas bordas de seu discurso, nem sempre esse aspecto se confirma e convence o leitor.

Pensar a questão da personalidade da protagonista é importante, sobretudo pelo fato de que, no período em que o livro foi escrito, as mulheres não tinham voz ativa na sociedade. Passaremos, a partir desse momento, a pensar as personagens da obra considerando o modo como conviviam em sociedade e como homens e mulheres se relacionavam no interior dessa trama, tendo em vista a imagem do cotidiano de uma cidade mineira no interior do Brasil, no final do século XIX.

2.1 Uma menina e as mulheres oitocentistas

Helena utiliza as páginas de seu diário não somente para relatar seu cotidiano na pequena Diamantina, mais do que isso, utiliza-as, por vezes, como meio de reflexão acerca da sociedade em que vive. Em relação ao contexto histórico, a personagem contrasta, até certo ponto, com as características das mulheres na tradição oitocentista brasileira. Sobre essa diferenciação, Schwantes (2006) assinala que a narradora homodiegética, além de confessional e autobiográfica, é também aquela que amplia as possibilidades de representação

do feminino, conferindo à protagonista um enredo diverso daquele predominante no universo patriarcal.

Essa diversidade observada em relação ao comportamento de Helena faz com que, constantemente, ela seja alvo de críticas por estar sempre na rua, ao invés de ficar em casa como era costume das moças solteiras. Sempre que retornava de seus passeios, a menina ouvia da mãe:

A mulher e a galinha
Nunca devem passear;
A galinha bicho come,
A mulher dá que falar.
E depois diz: —era por minha mãe nos repetir sempre este conselho, que fomos umas moças tão recatadas. Vinham rapazes de longe nos pedir em casamento pela nossa fama de moças caseiras (MORLEY, 1998, p. 236).

Nesse aspecto, a menina discorda de sua mãe, dizendo-lhe que a fama que ela e suas tias tinham era devido ao dinheiro de seu avô e não necessariamente por serem jovens recatadas. A perspicácia da menina faz com que perceba o casamento por interesse, desconstruindo assim, a teoria da mãe, nutrida de uma educação familiar tradicional, de que os pretendentes estariam em busca de “moças de família”.

Desse modo, a visão que Helena tem das mulheres da família é de mães e esposas exemplares, zeladoras da reputação dos filhos, mas que se colocam sempre em segundo plano. De acordo com Ariès (1981), no século XIX, o papel das mulheres na sociedade era, basicamente, de subordinação ao pai ou ao marido. Schwantes (2006) analisa que “em uma sociedade patriarcal que depende do silenciamento do Outro para se manter funcional, os espaços de expressão pessoal reservados às mulheres são escassos e restritos.” (SCHWANTES, 2006, p. 11).

O estereótipo do homem como o chefe da família era influenciado, sobretudo, pela igreja, que considerava que o papel da mulher era de servir ao marido, procriar e ser uma boa dona de casa. No trecho a seguir, Helena apresenta as principais características das mulheres da família:

Ninguém na família se preocupa consigo. Todas as minhas tias só se ocupam dos maridos e dos filhos. A pessoa delas não vale nada. Nunca vi mamãe ou qualquer de minhas tias comer uma coisa antes dos maridos e dos filhos. Se alguma coisa na mesa é pouca, elas nem sabem o gosto. Mamãe eu ainda acho que é mais abnegada que as outras, porque além dos cuidados com os

filhos, é a que tem mais agarramento com o marido. (MORLEY, 1998, p. 225).

Na visão da narradora-personagem as mulheres da família Morley viviam em função de seus maridos e filhos. Em seus comentários, revela se incomodar com essa situação, pois se sente num lugar privilegiado por ter a oportunidade de estudar, o que não tinha acontecido com todas as representantes femininas da família. Apenas tia Madge, que era irmã do pai Alexandre, formou-se na escola normal e atuava como professora, tardiamente quando tinha por volta de quarenta anos.

Entendendo a importância da escola para um futuro promissor, Helena afirma:

Eu, tirando meu título de normalista, sei que tudo vai melhorar, pois irei até para o fim do mundo dar minha escola. Já fiz meus planos, tão bem assentadinhos, que até poderemos guardar dinheiro. Mas deixar meu pai naquela peleja, furando a terra à espera de diamantes que não aparecem, é que não deixarei. (MORLEY, 1998, p. 71).

Nas primeiras narrativas, a protagonista demonstra ter um pensamento voltado para o futuro. O título de normalista, para ela, era não apenas uma forma de aquisição de conhecimentos, mas uma maneira de conseguir emancipação econômica, algo que, para o perfil tradicional das mulheres oitocentistas, era inconcebível.

Segundo Louro (2002), a educação feminina demarca o início de uma mudança do papel da mulher na sociedade. A criação das escolas normais fez com que aumentasse cada vez mais o número de mulheres no exercício da docência, fato que era alvo de discussões, disputas e polêmica, fruto de uma sociedade com características ainda evidentemente patriarcais.

Louro (2002) assevera, ainda, que embora a mulher, no século XIX, tenha passado a ocupar um espaço mais significativo no cenário educacional, os cursos dedicavam-se não somente à formação da mestra, como também consistiam em uma espécie de preparação para o casamento e a maternidade, exemplo disso era a oferta de disciplinas voltadas para a organização do ambiente familiar, como Economia doméstica, por exemplo.

A ampliação do espaço de sociabilidade da mulher, decorrente da escolarização no final do século XIX, possibilitou que jovens, como Helena, pudessem transpor determinados limites impostos pela sociedade e buscar maneiras de viver uma liberdade feminina, até então limitada pelo patriarcalismo vigente.

A respeito do processo de educação de suas tias, Helena afirma que seu avô “mandava educar os filhos no Rio. As filhas só aprenderam a ler e escrever; mas todas casaram na Lomba sem nunca virem à cidade” (MORLEY, 1998, p. 124). Enquanto as figuras masculinas tinham a liberdade de estudar nas grandes capitais, as mulheres aprendiam o necessário para a condição de uma vida doméstica. Até mesmo sua tia Aurélia, que era considerada indisciplinada quando jovem, depois de se casar com seu tio Conrado, tornou-se subserviente ao universo patriarcal como as outras tias. Em determinada narrativa, Helena comenta que estando sua avó doente, as filhas estavam cuidando dela, no entanto tia Aurélia ausentava-se para servir as refeições ao marido: “vai a casa às dez horas dar almoço a tio Conrado, às quatro horas dar jantar e às nove horas o chá”. E mais: “todos da família comentam como tio Conrado pôs tia Aurélia cumpridora dos deveres e ordeira assim, pois ela era a mais pirracenta e geniosa da família”. (MORLEY, 1998, p. 285).

No fragmento, a afirmação de que a tia tornou-se “cumpridora dos deveres” revela a mulher oitocentista que, culturalmente, seguia determinado ritual de conduta no que se referia aos compromissos e princípios familiares. Essa submissão feminina, denunciada pela protagonista, é característica das práticas culturais relacionadas ao período em que o diário foi escrito, tendo em vista que o processo de representação é construído e determinado pelas relações de poder decorrentes de uma violência simbólica. (BOURDIEU, 2001).

Sobre essa violência simbólica, Bourdieu (2001) afirma:

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação; ou então, em outros termos, quando os esquemas por ele empregados no intuito de se perceber e de se apreciar, ou para perceber e apreciar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), constituem o produto da incorporação das classificações assim naturalizada. (BOURDIEU, 2001, p. 206-207).

Nessa ótica, as atitudes de Aurélia em relação ao marido denotam uma atitude de subordinação, que, embora não ocorra por meio de uma violência física, constitui uma violência simbólica à medida que parece natural, mas na realidade determina uma situação de dependência do dominado em relação ao dominante.

É importante salientar que esse padrão de conduta a que nos referimos era fundamentalmente uma imposição destinada às mulheres brancas. No que se refere às mulheres negras, percebe-se que elas não eram tão cobradas em relação a esses preceitos estereotípicos da sociedade oitocentista brasileira. De acordo com Costa (1999), as mulheres negras não se enquadravam nesse retrato patriarcal, tendo em vista que muitas delas exerciam o papel de chefes de família, trabalhando fora de casa e sendo responsáveis pelo próprio sustento.

Para Costa (1999), o principal papel das mulheres negras na sociedade brasileira oitocentista ainda se concentrava no servilismo. O patriarcado naturalizava a opressão feminina de formas variadas, dependendo da cor e posição social da mulher. Enquanto a mulher branca conservava seu papel de esposa e mãe, mantendo-se na esfera privada, a negra ocupava o espaço público, nas ruas, desempenhando atividades como lavadeira, quituteira, doceira, “alugada¹¹”. Segundo Aguiar (2004), em *Minha vida de menina*, há poucos relatos de mulheres trabalhadoras, com exceção das mulheres negras, cujos resquícios da escravidão permitiam o trabalho extra doméstico, não mais que o necessário para a própria sobrevivência. Uma das poucas mulheres brancas que exercia atividade remunerada na obra era tia Madge, que era professora.

Mulheres negras e brancas eram cobradas de modos diferentes pela sociedade. Ser mulher nesse período era algo desafiador, independente da etnia: enquanto as mulheres brancas tinham obrigação de seguir os padrões estabelecidos pela época, as negras sofriam à margem da sociedade, “como auto-sacrificadas, submissas sexualmente e materialmente reclusas, a imagem da mulher de elite se opõe à promiscuidade e à lascívia da mulher de classe subalterna, em regra mulata ou índia.” (DEL PRIORE, 1993, p. 46).

A partir dos preceitos exigidos para a mulher branca, alguns jornais da época traziam uma espécie de manual de conduta feminina, em que as mulheres eram instruídas em relação aos seus afazeres e cuidados com a família. Um desses jornais, *O Sexo feminino*, traz uma explicação a respeito de como a mulher deveria se comportar perante a sociedade, podendo ser comparada a um anjo ou a um demônio, dependendo da sua conduta:

A mulher demônio impera nas salas, encontra em todos os olhos expressões de amor, em todos os lábios sorrisos forjados pela adulação. A sua desenvoltura excita a admiração pública [...]
A mulher anjo, pelo contrário, goza prazeres mais íntimos, mais santos, mais doces, mais duradouros [...].

¹¹ O termo “alugada” é equivalente à empregada doméstica.

A mulher demônio só pensa em joias e luxos, em rivalizar nos vestidos com as outras, em arruinar o marido, em enfeitar a cabeça (tão despida de juízo?), em passear, dançar e gozar essa vida buliçosa das salas [...]

A mulher anjo dedica-se exclusivamente aos deveres domésticos; só se enfeita para o esposo, para conservar acesa em seu coração a chama do amor, e consagra-se a seus filhos com sublime abnegação (ANJOS e demônios, 1874, p. 2-3).

Telles (1997) assevera que o discurso formulado a partir da ascensão da burguesia considerava a mulher como força do bem, quando ligada ao ambiente familiar, à maternidade e à delicadeza, e como força do mal, quando associada a atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas. Nesse sentido, observa-se, no diário, que a mãe, a avó e as tias de Helena preocupam-se em ensinar às jovens mulheres da família uma conduta adequada perante a sociedade, para que se tornassem “mulheres do bem”. Nesse sentido, os comportamentos e as atitudes da protagonista causam preocupação da família, pois são considerados inapropriados pelos excessos em relação aos passeios e festejos. Em mais de um relato, a narradora expõe os conselhos de sua mãe:

- Minha filha, quem sabe você acha que o mundo vai acabar? É o que eu penso quando vejo você nessa ânsia de se divertir. Você está começando a vida, minha filha. Não vá com tanta sede ao pote. Vocês hoje começaram a folia às seis horas da manhã. Eu estava lá dentro tomando café e vocês já na sala dançando. Isto está me amofinando muito; não é natural. Tudo que sai do natural escandaliza, minha filha. É preciso pôr um ponto final nessa vida e pensar também nos estudos (MORLEY, 1998, p. 319).

A mãe de Helena possui um pensamento mais tradicional tendo em vista o comportamento feminino na sociedade da época. Acredita que sua filha destoa desse padrão, podendo escandalizar a pequena cidade de Diamantina. Para ela, a vida não deveria ser apenas diversão, pelo contrário, era preciso primeiramente se preocupar com os estudos e a postura feminina disciplinada. Embora não tenha estudado, ao contrário da filha, Carolina percebe a importância da educação para a formação da mulher.

Sena (2017) aponta que, no período que compreende o final do Império e o início da República, circulavam, na sociedade brasileira, alguns manuais de civilidade destinados a homens e mulheres. Um desses manuais, intitulado “Tesouro de meninas” tinha como principal objetivo contribuir para a formação das meninas, instruindo-as a serem dóceis, obedientes e virtuosas, características desejáveis para as mulheres da época.

Segundo D’Incao (1997), as mulheres no século XIX tinham que aprender a se comportar em público e a conviver de maneira educada. O vestuário recatado era fundamental

para a caracterização de uma mulher tida como honesta. “Esse discurso da aparência vai ser usado como mais um dos instrumentos de controle e normalização do comportamento feminino” (BICALHO, 1989, p. 92-93).

Os códigos sociais do período oitocentista condenavam a excessiva sociabilidade da mulher. Conforme Bicalho (1989), a ela era preciso dar muitos afazeres domésticos para que não ficasse ociosa. A ociosidade era fonte propulsora da necessidade das mulheres saírem do ambiente doméstico, desconstruindo a ordem familiar. Desse modo, a mãe de Helena tenta ocupá-la com os estudos a fim de afastá-la de atividades que não são apropriadas para meninas de família, como estar constantemente nas ruas, por exemplo. A respeito da forma como a jovem reflete acerca das imposições da sociedade, Schwarz (1997) afirma que Helena se contrapõe à noção adulta, masculina, abastada e branca de progresso, talvez pelo fato de ser criança, mulher e de uma família necessitada.

Em outra passagem do diário, a jovem demonstra contrariedade em relação às colegas que tentam arrumar-lhe namorado. As meninas afirmam que ela não deveria demorar a pensar em casamento, pois senão passaria de uma idade, considerada pela sociedade da época, como própria para a constituição do matrimônio. Tal aspecto pode ser observado no diálogo a seguir:

‘Você já tem quatorze anos. Se não for ajeitando o seu desde já, de mais velha ninguém quererá. E você ficará para tia. Você assim, vai virar facão’. Respondi: ‘Mas se eu quero virar facão, que tem você com isto?’ ela disse: ‘Se quer, está bem, mas nós nos incomodamos porque gostamos de você. É só por isso’ [...] ‘Não se incomodem tanto comigo, minhas amigas; lembrem-se do ditado: casamento e mortalha no céu se talha’ (MORLEY, 1998, p. 186).

Helena é uma jovem que não demonstra ter as mesmas inquietações que as colegas. Enquanto as meninas preparam-se para a vida de matrimônio, ela pensa em terminar os estudos e lecionar. Poderia ser que a protagonista tivesse pretensão de se casar e constituir família, mas, em seu discurso, não parece ser prioridade. Essa característica apresentada pela protagonista, de recusa em relação à condição feminina, constitui um fator determinante na literatura, pois de acordo com Schwantes (2006, p. 16), para sua formação, a protagonista feminina precisa negar-se a ser mulher e “mesmo que em algum momento ao longo de sua trajetória ela acabe por aceitar um, ou vários, destes atributos, para iniciar sua formação, uma protagonista feminina precisa recusar o destino de mulher que a espera”.

Ao contrário de Helena, suas colegas, espelhando-se possivelmente na vida de suas mães, viam no ato matrimonial o futuro que as esperava. Freyre (2006, p. 429) assevera que foi “geral, no Brasil, o costume de as mulheres casarem cedo. Aos doze, treze, quatorze anos. Com filha solteira de quinze anos dentro de casa já começavam os pais a se inquietar e a fazer promessa a Santo Antônio ou São João”. (FREYRE, 2006, p. 429).

Embora não falasse de namorados e demonstrasse desinteresse sobre o assunto, em alguns momentos, chega a cogitar a possibilidade de vir a se casar. De acordo com ela, se arrumasse um marido não precisaria dar aulas, demonstrando que, mesmo Helena tendo personalidade e sendo rebelde, existe uma aceitação no que se refere à sua condição de mulher oitocentista. De certa forma, ela percebe que se não conseguisse um cargo de professora, o que lhe restava era se casar, já que no período mencionado não havia muitas possibilidades para as mulheres fora do lar. O único trabalho considerado aceito era o exercício da docência.

Quanto à importância do matrimônio, D’Incao (1997) afirma que, no século XIX, o casamento ainda era o principal destino das moças de família. Nesse período, os casamentos ocorriam, sobretudo, por interesses econômicos e políticos. Apesar de grande parte dos matrimônios ainda ser um acordo entre famílias, os jovens, nesse período, passam a experimentar os ideais do amor romântico.

Em *Minha vida de menina*, observa-se que o avô de Helena casava as filhas de acordo com seus próprios interesses. Nesse sentido, “a fama do dinheiro das filhas do Batista corria longe. Iam doutores e fazendeiros de Diamantina, do Serro e Montes Claros pedir em casamento uma de minhas tias sem as conhecer, e vovô era quem aceitava ou recusava conforme as informações” (MORLEY, 1998, p. 124). O casamento considerado como negócio feito pelas famílias dos cônjuges é citado no trecho a seguir:

As únicas que casaram por seu gosto foram mamãe e tia Aurélia, porque casaram depois da morte de vovô. Para as outras vovô escolhia o marido que ele queria. [...] Sempre vovô ajustava o casamento de duas ao mesmo tempo. Dava uma festa no Natal e contratava o casamento de duas. Elas levavam um ano fazendo o enxoval e casavam no outro Natal. Nesse ano já ficavam noivas outras duas. (MORLEY, 1998, p. 331).

Nesse episódio, é possível deduzir que os casamentos das tias de Helena foram tratados como negócio realizado entre seu avô e os futuros maridos delas. Esse aspecto fica notório quando a jovem utiliza o vocábulo “contratava” para descrever a forma como os matrimônios eram organizados. Para Gonçalves (1989), até o século XIX, o casamento

ocorria por conveniência e era realizado por intermédio das famílias dos cônjuges. Nessa perspectiva, a mulher era considerada um elemento de troca, tendo em vista que o plano econômico era o articulador das uniões. Essa associação entre casamento e dote da mulher dava ao matrimônio um caráter material e não sentimental. Somente no final do século que o casamento passa a ser fundado em afeto, constituindo-se um espaço de trocas amorosas. (GONÇALVES, 1989).

De acordo com Bicalho (1989), o período oitocentista, apesar de ainda manter as características de uma sociedade patriarcal, começa a assinalar uma nova identidade da mulher, sobretudo no que se refere à educação. A mulher passa a ter acesso às escolas, ganhando visibilidade na esfera pública. A mulher urbana, educada, aos poucos passa a interagir com o mundo a sua volta e buscar seu espaço na sociedade. Mesmo Helena sentindo-se desmotivada em relação aos estudos, sabe que concluir o magistério é a única forma de uma jovem mulher branca conseguir trabalhar fora de casa. A menina faz planos para o futuro: “Renato, assim que tirasse o título, podia ir para longe dar escola, porque é homem; mamãe e Luisinha ficavam com o serviço da casa, e eu na escola”. (MORLEY, 1998, p. 121).

Helena, graças ao espírito questionador que possui, demonstra incompreensão em relação à forma como os homens são considerados mais importantes que as mulheres. Seu pai é muito valorizado na família por ser um homem honesto e trabalhador; no entanto, por mais que Carolina, sua mãe, se esforce, os familiares não a consideram tão boa quanto o marido. Esse aspecto é explicado por Ariès (1981), ao afirmar que o lugar social da mulher, no século XIX, era determinado pelo patriarcalismo; a mulher não apresentava posições de destaque por estar sempre à margem do marido.

Confirmando esse aspecto, Helena diz que desde nova ajudava sua mãe nos afazeres domésticos. No período mencionado, era comum, sobretudo nas famílias mais pobres, que as meninas auxiliassem nos cuidados com a casa, o que já as preparava para desempenharem seus papéis de esposas e mães. Conforme Aguiar (2004, p. 58), a formação feminina de Helena vem da família e do período em que viveu: “o cuidar de casa, o acalento de bebês, as lições das tias inglesas sobre economia e educação de uma moça civilizada, a devoção das mulheres da família pelos seus maridos e filhos”, tudo isso era ensinado para as meninas desde jovens, com o intuito de instruí-las para as atividades que desempenhariam no futuro. Louro (2002) confirma esse aspecto ao afirmar que a mais autêntica carreira feminina, no período em questão, se concentrava no casamento e, por conseguinte, na maternidade.

Já os meninos seguiam as figuras paternas e ajudavam nos trabalhos mais pesados, cuidando dos animais, carregando lenha, como se pode notar nas atividades desempenhadas

por Renato e Nhonhô, irmãos da jovem. Mesmo tendo que ajudar nos serviços domésticos, Helena diz não se importar com o trabalho que executa em casa e na chácara para ajudar a mãe e a avó. Sobre sua vida, ela reflete:

Eu sou a mais pobre da minha roda. Vejo a diferença da minha vida e das outras e não as invejo [...] Em casa tenho que passar as roupas a ferro, fazer a arrumação e nas quintas-feiras arear a metade da casa. A outra metade é da Luisinha, Tenho de lavar meu uniforme e passá-lo. Também arrumação da cozinha nas quintas-feiras é minha. Eu mesma é que peço a mamãe para me deixar esse trabalho.

Na chácara ajudo a apanhar jabuticabas e espremer para fazer vinagre, a apanhar café, a colher frutas. Ajudo a fazer molhos de verduras para vender, a fazer velas e outras coisas mais. (MORLEY, 1998, p. 148).

Apesar de cumprir tarefas domésticas para ajudar a mãe e realizar trabalhos manuais para comercialização de produtos que ajudam no sustento da casa, Helena não demonstra se incomodar com isso. Uma das hipóteses seria a necessidade de movimento demonstrada pela jovem, bem como o desejo de ter uma participação ativa na vida familiar.

De acordo com Costa (1999), essa visão dicotômica entre homem/mulher era típica da sociedade da época. Nesse período caracterizado pela transição de uma sociedade monárquica, escravista, agrária para uma sociedade republicana, livre, industrial - ainda vigoravam os velhos padrões sociais, em sua maioria, advindos do pensamento cristão nos moldes difundidos pelo Sistema Colonial. No entanto, o discurso de Helena funciona como a representação das nuances de uma nova mentalidade feminina, cujas observações perspicazes e reflexivas demonstram indícios de rompimento com o pensamento tradicional e misógino oitocentista. É fato, por outro lado, evitando qualquer tipo de anacronismo, a postura dessa narradora não pode ser encarada como de uma revolucionária. Ela representa uma jovem questionadora do papel da mulher nessa sociedade, na qual, na maioria das vezes, tudo era imposto e aceito.

2.2 Um olhar feminino sobre as figuras do pai e do irmão mais velho

Nesse tópico, a proposta é fazer uma análise das figuras do pai e do irmão mais velho a partir da ótica de Helena Morley. Vale ressaltar que nossa intenção não consiste em colocar homens e mulheres em posição de combate, mas observar como as relações sociais e familiares ocorrem no interior da trama. Com base no modo como os sujeitos masculinos são

apresentados, por meio de um olhar feminino, é possível repensar o papel da mulher no interior da obra e também no contexto em que está inserida.

A partir da leitura desse diário, uma questão vem à tona: que voz se sobressai na obra: a masculina ou a feminina? Parece evidente em *Minha vida de menina*, especialmente pelo fato de ser escrita por uma menina/mulher, que a voz predominante é feminina. Seria possível pensar que, apesar do patriarcalismo na época em que foi escrito o diário, a própria escritura do texto aparece como tentativa de romper, até certo ponto, com um padrão. Ou será que a escrita do diário ocorre pelo fato de ser íntima, sem, a princípio, a intenção de ser lida por outro?

A hipótese que nos parece mais evidente é que seria tanto uma forma de rebeldia juvenil e feminina quanto uma forma de desabafo íntimo. Ao escrever um diário íntimo, pelo menos a princípio, não existe uma intenção de torná-lo público, o que faz com o diarista tenha liberdade de expressar seus sentimentos mais íntimos. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que Helena traz à tona um modo de organizar seus pensamentos e posicionamentos a partir de sua posição de mulher, sendo importante considerar que ela lia alguns episódios para o pai e a avó e, além disso, levava alguns deles para a escola, para apresentar ao professor de Português.

Desse modo, a escrita íntima deixa de ser unicamente uma exposição de pensamentos e emoções, passando a ser uma forma de mostrar à sociedade um ponto de vista crítico, apesar de irreverente, acerca de situações que se passam no cotidiano da cidade de Diamantina, no final do século XIX. A partir dessa análise inicial, podemos considerar que *Minha vida de menina* pode ser considerada uma obra de grande valor, não só literário como histórico, tendo em vista que os fatos narrados por Helena trazem um panorama interessante das relações pessoais e sociais de homens e mulheres nesse dado período.

Ao analisar a mulher e suas perspectivas sociais, culturalmente impostas pela tradição oitocentista, torna-se necessário, até mesmo por uma questão de diferenciação, fazer um panorama das relações entre homens e mulheres no interior da obra. Nesse sentido, é preciso esclarecer que o livro é narrado por uma jovem, o que significa dizer que os personagens masculinos são considerados a partir de uma perspectiva feminina.

No diário da jovem diamantinense, homens e mulheres desempenham papéis sociais diferentes, por isso torna-se relevante observar a construção de dois dos principais personagens masculinos presentes na obra: o pai, Alexandre e o irmão mais velho, Renato.

Pensando no ambiente familiar, é possível perceber que, ao contrário das mulheres, cuja função se restringia basicamente ao trabalho doméstico e aos cuidados com os filhos e o marido, os homens se ocupavam do sustento da família, ou seja, socialmente, sua dinâmica de

relações era voltada também para a esfera pública. No século XIX, o homem era detentor do poder tanto na esfera pública quanto na privada. Sendo assim, de acordo com Beauvoir (1970), cabia ao homem governar, à mulher administrar e aos filhos obedecer. Confirmando esse aspecto, Zolin (2009) declara que os textos literários mostram indiscutíveis relações entre gênero e poder. Sendo assim, “as relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder.” (ZOLIN, 2009, p. 217).

Seguindo essa lógica, no diário em questão, a imagem que se tem dos homens¹² está relacionada quase sempre ao trabalho. Quando estavam no ambiente doméstico era sempre para demonstrar seu poder como chefes de família. A esse respeito, percebe-se que Alexandre, pai de Helena, é apresentado de forma ambivalente; ao mesmo tempo em que parece ser autoritário, desempenhando de maneira tradicionalista o papel de patriarca, também se apresenta como uma figura que possibilita à protagonista uma liberdade de expressão, sobretudo quando a incentiva a escrever os fatos que ocorrem em seu cotidiano, aspecto que analisaremos mais adiante.

A imagem que Helena tem de seu pai é de um homem bom, mas ausente, visto que fica no campo a semana toda, voltando para casa somente aos sábados. Mesmo assim, a menina afirma não gostar dos dias que o pai está em casa, pois ela e os irmãos são obrigados a ouvir suas histórias após as refeições, o que para a jovem é muito entediante:

Eu podia gostar muito mais da vinda de meu pai a Diamantina do que gosto. Ele vem todo sábado e volta segunda-feira. Os dias que ele passa em casa são tristes para nós e alegres para mamãe. A segunda-feira é alegre para nós e triste para mamãe.

Haverá na vida suplício maior do que este que temos de agüentar todos os sábados e domingos? Temos de ficar sentadas à mesa uma hora inteira, ouvindo os casos de meu pai. Já ouvimos todos mais de vinte vezes (MORLEY, 1998, p. 52).

Como Helena gosta de agitação, ficar em casa, sentada ao redor da mesa e ouvir seu pai contar suas histórias era monótono. Ela sente-se contrariada com o fato de ter de acatar e não poder dar sua opinião, uma vez que o pai desempenha um papel de chefe da família e, portanto, é preciso obedecê-lo e respeitá-lo. Essa diferenciação entre homens e mulheres, traz à tona a questão do poder desigual e da dominação masculina, conforme salienta Schneider

¹² Os personagens masculinos aparecem na narrativa de maneira menos significativa do que as personagens femininas. Na obra, observam-se com mais frequência relatos envolvendo as mulheres da família. Em relação aos homens, os mais representativos são o pai, Alexandre e o irmão mais velho, Renato, o que justifica a escolha de uma análise voltada para esses personagens.

(2000). Essa dominação masculina ocorre devido a uma submissão paradoxal, resultante de uma violência simbólica, “que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (BOURDIEU, 2002, p. 6).

Considerando o personagem do pai como dominante, é possível estabelecer uma associação com o conceito de representação e com as diversas relações que os indivíduos ou grupos mantêm com o mundo social:

em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, “presentificam” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder. (CHARTIER, 2011, p. 20).

Nessa perspectiva, a representação estaria relacionada às relações entre os indivíduos e o mundo social, por isso a figura paterna é vista como forma de autoridade, pois é detentora do poder. No período em que o diário foi escrito, os homens eram os principais responsáveis pelo sustento da família, ficando muito tempo ocupados com o trabalho, como é o caso de Alexandre, que somente retorna para casa nos finais de semana. Quando o pai está em casa, retoma sua posição de chefe, silenciando a voz dos outros membros da família, já que a esposa e os filhos deviam se calar diante da sua presença, deixando que somente sua voz fosse ouvida.

Na visão de Chartier (2011), a questão da dominação, presente nos estudos de Bourdieu (2002), refere-se ao exercício da autoridade. Esta é observada nas relações entre os sexos, “pensadas como a inculcação, pela repetição das representações e as práticas, da dominação masculina e também com a afirmação de uma identidade feminina própria, enunciada fora ou dentro do consentimento, pelo rechaço ou a apropriação dos modelos impostos. (CHARTIER, 2011, p. 23).

Essa imposição determina, por exemplo, o posição de superioridade do pai no interior da família. Sena (2017) aponta que um dos manuais de conduta que circulavam no século XIX “Tesouro de meninos” evidencia a figura paterna como aquela responsável pela construção da identidade dos filhos. O pai é o exemplo a ser seguido, sobretudo pelos meninos.

Em *Minha vida de menina*, a autoridade de Alexandre, às vezes, aparece de maneira velada. O próprio conselho do pai de que a jovem escreva o que acontece na vida dela, parece uma forma de controlá-la, já que, em alguns momentos, fica claro que ele e a avó liam os cadernos e as histórias que ela escrevia. No trecho a seguir, Helena reflete acerca do conselho do pai: “Cada dia acho mais razão no conselho de meu pai de escrever no meu caderno o que penso ou vejo acontecer. Ele me disse: ‘Escreva o que se passar com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações’” (MORLEY, 1998, p. 68).

Ao pedir que a filha escreva tudo o que se passa com ela, Alexandre pode ter acesso ao que acontece em sua vida. Ao mesmo tempo, conforme assevera Marchant (2003), ao incentivá-la a expressar-se dentro dos limites silenciosos das páginas de seu diário, Alexandre, de certa forma, a aprisiona, deslocando-a das relações sociais. Aguiar (2004, p. 53) concorda com esse domínio paterno ao afirmar que “considerando suas ausências prolongadas, quando sugere o uso do diário à filha [Alexandre] está discretamente propondo uma forma de controle, prendendo a menina em casa, evitando “bate-pernas” e, de certa forma, segurando a menina sob suas vistas de pai.” De acordo com Gárate (1991 apud Marchant, 2003), os diários são escritos precisamente para manter os pensamentos das mulheres confinados em um espaço exclusivamente privado, sem que tenham a possibilidade de tornarem-se públicos. Seria, portanto, uma prática disciplinar de dominação dos ímpetos e pensamentos.

Apesar desses indícios de controle paterno, Helena não parece se sentir ameaçada pela presença do pai, pelo contrário, parece que ele, até certo ponto, permite que a jovem fale o que pensa. Entretanto, quando ele está contando seus casos não suporta a ideia de ser interrompido. “E quando ele está contando e Luisinha olha para mim e rimos, já vem com descompostura: ‘Insuportáveis, sirigaitas!’” (MORLEY, 1998, p. 52).

A partir de tais apontamentos, é possível perceber a dualidade que perpassa o personagem Alexandre. Como chefe de família exigia respeito, todavia, ao mesmo tempo, consentia que Helena se expressasse livremente. Essa liberdade talvez possa ser justificada pela formação religiosa protestante, que diferencia o personagem em relação a alguns membros da família da esposa, fervorosamente católica. Aguiar (2004) descreve, no fragmento a seguir, as características dessa figura paterna:

O pai, com sua empáfia, permeia a sagacidade da menina através da sua lógica e racionalidade, que se contrapõem, às beatarias e tagarelices de um

povo ignorante, supersticioso (descrito no diário), agarrado às batinas dos padres em infundáveis rezas, novenas e pecados. “*Vocês confessam tanto, rezam tanto, que há de chegar um pouco para mim também*”, dizia ele. (AGUIAR, 2004, p. 53).

Em virtude de sua formação protestante, Alexandre possui pensamentos que divergem da esposa e da família dela. Em determinados momentos, o personagem se contrapõe a algumas solicitações da mulher para se confessar e jejuar na semana santa. Carolina se entristece com tal recusa por acreditar que, segundo a crença católica, o marido não poderia ir para o céu. O avô inglês de Helena também sofreu as mesmas pressões sociais quando estava vivo. Assim que morreu, todos passaram a dizer que ele foi para o “céu dos ingleses”, uma maneira separatista de cunho religioso, de demarcar a superioridade da igreja católica em relação às demais religiões. O “céu”, considerado o paraíso para o catolicismo, não poderia receber os protestantes ingleses, pois estes ocupavam uma posição de inferioridade.

Em alguns trechos, Helena deixa evidente a liberdade que tinha com o pai, contando-lhe o que se passa com ela e dizendo-lhe o que considera errado nas suas atitudes. Esse aspecto é explicado por Ariès (1981), para quem essa maior liberdade se devia a uma reestruturação familiar e doméstica, ocorrida com o advento da burguesia, que resultou em uma disposição mais habitável do espaço interno da residência, permitindo um processo de privatização da família, baseado na valorização da intimidade e da individualidade de seus membros (ARIÈS, 1981).

Todavia, o relacionamento de pai e filha na obra é baseado em uma dualidade, portanto, mesmo estimando a figura paterna desempenhada pelo pai, a protagonista, em muitos momentos, discorda das atitudes dele. Um dos maiores problemas considerados por Helena diz respeito à profissão do pai, minerador.

Devido à decadência na extração de diamantes, a família estava sempre em dificuldades financeiras. Alexandre é considerado um homem sonhador que, apesar das dificuldades, não perde a esperança de encontrar um local em que possa investir e lucrar com seu trabalho. Certo dia, ele consegue encontrar alguns diamantes e fica animado, acreditando que poderia salvar os prejuízos do ano anterior. No entanto, Carolina não acredita nisso, pois se dizia acostumada com vida de mineiro “tira da terra num ano e torna a enterrar no ano seguinte” (MORLEY, 1998, p. 136).

Alexandre, apesar desse lado sonhador, não deixa de expor para a filha os acontecimentos políticos nacionais, fazendo com que ela compreenda a situação vivenciada não somente por Diamantina, mas por todo o país. Em uma das passagens que explicam esse

aspecto, Helena afirma: “Meu pai hoje veio da Boa Vista com tio Joãozinho para votarem no Presidente da República e no Dr. João da Mata para deputado. Na nossa família todos têm de mexer com política, por causa de tia Aurélia e tio Conrado que são muito influentes” (MORLEY, 1998, p. 133). Em outra situação, a protagonista anuncia:

Meu pai hoje ficou, como todos da cidade, muito satisfeito com a posse do Prudente de Moraes. Foi uma alegria na cidade quando chegou o telegrama e todos festejaram como se fosse coisa nossa. Mas diz meu pai que é porque ninguém aqui, a não ser os jacobinos, gosta do Floriano e não esperavam que ele largasse o lugar para Prudente, porque ele tem muita influência no Exército. Todos agora esperam que tudo vai melhorar com o Prudente de Moraes. Eu sempre digo a meu pai que não pode entrar na minha cabeça que tenha alguma influência para nós aqui na Diamantina mudança de presidente. Meu pai diz que tem toda, que o governo é uma máquina bem organizada e que o presidente sendo bom e fazendo bom governo beneficia o Brasil inteiro e chega até aqui para nós. (MORLEY, 1998, p. 202).

Ao apresentar para a filha os aspectos políticos vivenciados pela cidade e pelo país, Alexandre possibilita a Helena refletir sobre o que se passa na realidade em que vive, auxiliando na formação de uma consciência sócio-política necessária para a consolidação do sujeito na sociedade.

Quando analisamos os personagens masculinos, sobretudo na família de Helena, logo percebemos que meninos e meninas são criados de maneira diferente. Enquanto as meninas desde muito novas são ensinadas a cuidar da casa e dos afazeres domésticos, os meninos são responsáveis pelos serviços braçais. Os irmãos de Helena, Renato e Nhonhô, têm mais liberdade para sair de casa, ficando, às vezes, o dia todo na rua, andando a cavalo, o que causa inveja na jovem, impossibilitada pela família de fazer as mesmas coisas. Na primeira entrada do diário, esse aspecto logo fica evidente, quando Helena relata que todas as quintas-feiras iam ao Beco do Moinho. Enquanto Luisinha, a mãe e ela lavam as roupas, Renato e Nhonhô pescam e pegam passarinhos.

A respeito da formação de gênero na família e na sociedade, Showalter (1994) afirma que a criança desenvolve sua identidade simultaneamente com a diferenciação, entretanto o processo não é o mesmo para meninos e meninas. Enquanto o menino deve aprender sua identidade de gênero de modo negativo, como sendo não-feminino, a identidade de gênero de uma menina é positiva e baseada na perpetuidade e na identificação com a mãe.

Em virtude da maior liberdade que os irmãos tinham, Helena constantemente afirma que queria ter nascido homem. A passagem a seguir relata o desfecho de uma de suas tentativas de imitar os irmãos:

Estou esta semana presa em casa com o joelho ferido e inflamado de uma queda de cavalo. Tenho sofrido muito, não pela ferida do joelho mas pela prisão em casa; ainda mais, no campo. Como é horrível ficar presa num rancho, sabendo que há tanta coisa boa para a gente fazer! Quando eu penso que podia estar no córrego pescando ou mesmo atrás das frutas do mato, dos ninhos de passarinho, armando arapuca e tudo, e que em vez disso estou num rancho pequeno, vendo Renato e Nhonhô lá fora aproveitando, nem sei mesmo o que eu sinto. Se eu soubesse escrever poderia até mesmo escrever um livro grande, tão compridos têm sido os dias agora para mim. **Mamãe diz que eu merecia este castigo para não querer mais virar menino homem. Foi mesmo castigo. Tudo que meus irmãos fazem eu invejo, e enquanto não faço não sossego.** Segunda-feira meu pai mandou Renato levar o cavalo para o pasto e eu invejei e fui atrás. No caminho eu lhe pedi para me deixar montar em pêlo, como ele fazia. De maldade ele deixou. Montei no cavalo e não tinha ainda me sentado direito e Renato o cutucou. O cavalo deu um pinote e me atirou nas pedras. Foi com sacrifício que eu consegui voltar para casa. Se a coisa fosse perto de casa eu teria chorado mais e feito muita manha para meu pai castigá-lo; mas foi longe e eu só pude vir gemendo até o nosso rancho. Eu tinha muita inveja de ver meus irmãos montarem no cavalo em pêlo, mas agora estou curada e não montarei nunca mais na minha vida, pois vi que cair é horrível e machuca muito a gente. Como vou acabar mal o ano! Só desejo agora sarar e cair no campo. Como vou ser feliz quando estiver na beira do rio com a minha peneira, pescando! (MORLEY, 1998, p. 116-117, grifo nosso).

Helena percebe que, no cotidiano em que vive, os meninos têm mais liberdade do que as meninas. A diversão para eles está sempre garantida, uma vez que podem brincar na rua sem a constante repreensão dos pais. Para elas, ao contrário, os passeios e brincadeiras são censurados com frequência pela família. O trecho em destaque é marcado pela desigualdade entre homens e mulheres. O descontentamento da mãe em relação à forma como a protagonista se comporta é evidente. Ao considerar sua queda como castigo, Carolina revela seu posicionamento tradicional em relação ao papel da mulher na sociedade da época, que consistia em permanecer no espaço doméstico. Ao passo que ao homem era permitido circular pelo espaço público, sem se preocupar com repressões.

Ao tratar da representação, Chartier (1991) evidencia que uma das formas de definição desse conceito relaciona-se a uma condição de aceitação ou de resistência no que se refere à formação dos grupos. Portanto, enquanto os personagens masculinos presentes no diário atuam positivamente quanto à conduta que os homens deveriam ter no período, Helena possui um comportamento de relutância e negação de uma condição feminina previamente determinada.

Todavia, nem sempre essa relutância é observada na obra, pois, mesmo consciente da diferenciação relacionada à formação dos meninos e meninas, Helena relembra alguns fatos

que não lhe causavam inveja, visto que ao mesmo tempo em que os irmãos tinham mais liberdade para ficar na rua, também era deles algumas responsabilidades desagradáveis. Em uma das situações narradas pela jovem, ela afirma:

Meu pai chegou ontem da Boa Vista às dez horas da noite. Eu sempre desejei ter nascido homem e só certas horas gosto mais de ser mulher. Ontem, por exemplo, fazia um frio! Pois meu pai teve de chamar meus irmãos para levarem a besta para o pasto de Pedro Falci, que é muito longe! Os dois foram tiritando de frio e eu fiquei na minha cama quente, contente de ser mulher. (MORLEY, 1998, p. 75).

Essa passagem esclarece a diferença existente nas atividades desempenhadas por meninos e meninas. A jovem deseja ser homem somente quando pensa na liberdade que têm os irmãos, não querendo as mesmas responsabilidades. Até mesmo Nhonhô, irmão mais novo de Helena, de aproximadamente sete anos, não foi poupado da tarefa de enfrentar o frio para levar o animal ao pasto tarde da noite. Em outra passagem, a protagonista também demonstra que seu desejo de ter nascido homem é facilmente abandonado dependendo da situação:

Desde pequenina eu tinha inveja dos meninos e desejava ser homem; só agora estou vendo que é melhor ser mulher. Não sei como João Antônio e Lucas irão se arranjar aqui. Se tivessem completado os estudos poderiam ir para S. Paulo ou outro qualquer lugar. Mas assim não acham que fazer fora de Diamantina. (MORLEY, 1998, p. 322).

No fragmento em questão, Helena fala de seus primos João Antônio e Lucas, que tiveram que retornar do Rio de Janeiro para Diamantina, pois, com a morte da avó, não conseguiram manter os estudos. A partir da análise dessa situação, a jovem chega à conclusão de que é mais fácil ser mulher, visto que os homens precisam se preocupar em fazer carreira, ao passo que as mulheres não têm muitas escolhas a se fazer, restando-lhes apenas o casamento e a maternidade ou, no máximo, o exercício da docência. Esse pensamento de Helena fica evidente somente nas últimas narrativas do diário. A criança que demonstrava desejo por liberdade cede lugar à jovem que aceita sua condição feminina e sucumbe às pressões sociais.

De acordo com a narradora-personagem, Renato e Nhonhô foram acostumados a trabalhar desde pequenos. “Meus irmãos são criados no trabalho. Meu pai diz que na Inglaterra não há negros e são os brancos que trabalham” (MORLEY, 1998, p. 90). Por esse motivo, alguns parentes aproveitam-se do fato de eles trabalharem para explorá-los.

Na ausência do pai, que trabalha a semana toda no campo, Renato é quem desempenha esse papel, tanto em relação aos cuidados com a família quanto ajudando no sustento da casa. O jovem se responsabiliza por vender alimentos e utensílios na cidade para conseguir dinheiro. Vendia desde peixes e passarinhos até vassouras e ovos. A respeito dessa responsabilidade do irmão, Helena declara:

Renato é de uma pachorra incrível, mas faz tudo direitinho. Tenho inveja dele quando se levanta e nos pergunta: “Querem alguma coisa para Diamantina? Hoje vou lá levar umas coisas para vender”. Arruma o feixe de varas e vassouras, põe no ombro, pega a gaiola de passarinhos com a outra mão e cedinho mete o pé na estrada. De tarde já está ele de volta com os cobres.

Se ele gostasse de estudar como de trabalhar, poderia dar gente. (MORLEY, 1998, p. 219).

Em relação aos cuidados com a família, Renato também se apropria da função do pai, na tentativa de proteger as irmãs dos rapazes que se aproximavam delas. As figuras masculinas no período oitocentista brasileiro são responsáveis por resguardar a pureza das jovens mulheres da família. Na ausência do pai, os irmãos mais velhos apoderam-se da tarefa de proteger as irmãs dos rapazes. Em certa entrada do diário, Helena menciona que o irmão quase brigou com um português que se interessou por ela:

Renato entrou em casa como uma fúria; tinha brigado com um português chegado a pouco, que está empregado como caixeiro da loja de Seu Cadete. Foi entrando e me dizendo: “Já briguei com o Manuel do Cadete por sua causa. De agora em diante passe por ali com a cara séria. Não fique andando pela capistrana com as outras sempre rindo como vocês fazem. Você está ficando moça; é preciso ter modo na rua. Por essas e outras é que eu ouço dessas coisas.” (MORLEY, 1998, p. 298).

Em relação a sua personalidade, Renato é considerado tímido devido à falta de habilidade que demonstra em conviver socialmente. Por esse motivo, sente-se inibido diante das moças, sendo incapaz de tirá-las para dançar nas festas que frequenta. Devido à idade dele, tia Madge se preocupa com isso. Nesse sentido, Helena assevera:

Renato é muito acanhado. Ele não tem convivência com meninas; só com as primas. Não conversa com nenhuma das colegas da Escola e não vai à casa de ninguém fora da família. Tia Madge vivia incomodada e dizia a mamãe: “É preciso desasnar o Renato. Ele já fez quinze anos e parece um bicho do mato. Só quer andar pescando e pegando passarinhos e não aprendeu ainda a entrar numa sala. Como vai ser se ele crescer assim? É preciso metê-lo na sociedade, e eu vou tratar disso.” (MORLEY, 1998, p. 198-199).

Em relação a Renato, a tia inglesa sentia-se incomodada com o fato de ele ter quinze anos e não possuir habilidades sociais. Ao contrário do que ocorria com as meninas oitocentistas, que eram preparadas desde novas para saber se comportar em público, visando conquistar um bom marido, os meninos, por estarem sempre ao lado do pai, preparando-se para o trabalho, nem sempre sabiam conviver socialmente. Para tentar ajudá-lo, tia Madge o convida juntamente com seus irmãos para uma festa na casa do compadre Francelino. Nessa festa, Luisinha o chama para dançar na tentativa de acostumá-lo, uma vez que, devido à idade, ele já precisava se familiarizar com essas festas, onde normalmente os meninos observam e cortejam as moças, que, posteriormente, podem vir a se tornar suas esposas.

Apesar de tímido, em algumas situações Renato demonstra possuir um comportamento parecido com o de Helena, no sentido de questionar determinadas imposições dos adultos. Certos comentários feitos por ele contrariam os pensamentos da mãe. Em determinada situação, Renato duvida da existência de uma vida após a morte:

Renato parou com o alçapão e disse: “Sabem o que eu já estive pensando? Não há esse negócio de céu nem de inferno nada; isso tudo é conversa de padre. Eu penso que a vida é como um punhado de fubá que se põe na palma da mão; quando se assopra vai embora e não fica nada. Nós também depois de mortos a terra come; não tem nenhuma alma”. Mamãe ficou horrorizada e perguntou: “A quem você saiu com estas idéias? Estou pasma do que você disse! Como um menino de sua idade pode ter essas idéias tão hereges! Valha-me Deus, que castigo! Que fiz eu a Deus para ter um filho assim? Virgem Santa! Agora vou viver só por sua conta, meu filho”. Mamãe contou a história de uma mulher que tinha um filho assim e fez penitência de rasgar o corpo com um prego para deus perdoar-lhe. Deus perdoou e ele se ordenou e foi um padre muito santo. Renato fazendo o alçapão, sem levantar a cabeça, disse: “Mas a senhora não precisa rasgar seu corpo com prego que eu não vou ser padre. Pau que nasce torto não se conserta”. (MORLEY, 1998, p.122-123).

Ao contrário do que ocorre na maioria dos episódios, Helena não dá um parecer acerca da opinião do irmão. Essa lacuna deixada pela autora parece significar uma concordância em relação ao pensamento dele. A necessidade de contrariar as imposições adultas, típica da adolescência, ocorre na obra tanto por parte do irmão quanto por parte da protagonista. Além disso, não se pode deixar de lembrar o desejo de liberdade de Helena, que possivelmente se espelha na condição favorecida e masculina do irmão para inspirar seus anseios de independência e autonomia.

Fischer (1998) acredita que a questão do gênero e da faixa etária é fundamental para compreender o sentido da obra. A visão apresentada é feminina, portanto expõe o modo como

as mulheres pensavam e viviam as relações na sociedade brasileira oitocentista. Helena, até mesmo quando representa os sujeitos masculinos, o faz a partir de uma ótica feminina.

Para Marchant (2003), a qualidade relacional do diário de Morley - as comparações e avaliações em que ela se envolve - embora seja certamente um produto do momento sócio-histórico em que foi escrito, também decorre da busca da autora por sua própria identidade. Pode-se, assim, compreender o livro através de uma lente dupla: como um documento de um momento histórico particular, e como um registro de uma mulher jovem em busca de um sentido para si mesma.

A partir desse olhar da mulher oitocentista acerca da realidade brasileira da época, passaremos, no próximo capítulo, a considerar o modo como algumas personagens femininas do diário são representadas, a começar pela narradora-personagem, Helena Morley.

Capítulo 3

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: O UNIVERSO DAS PERSONAGENS FEMININAS NO DIÁRIO DE HELENA MORLEY

Tendo em vista que este estudo se propõe a analisar as personagens femininas da obra *Minha vida de menina*, torna-se necessário fazer uma análise dessas personagens, apresentando seu modo de ser e agir diante da família e da sociedade. Primeiramente, pretende-se fazer uma reflexão acerca da personagem principal, Helena Morley, que é a narradora do diário. Em seguida, a análise passará para as demais personagens femininas da família Morley e, finalmente, serão estudadas as personagens negras, também presentes de maneira significativa na obra.

3.1 Helena Morley

Em *Minha vida de menina*, Helena é, ao mesmo tempo, narradora e personagem. Os fatos narrados por ela envolvem situações vivenciadas em seu cotidiano, abrangendo outros personagens com os quais convive. Helena Morley é uma jovem de grande personalidade. Considera-se diferente das demais mulheres da família e, frequentemente, entra em conflito por causa de suas atitudes intempestivas. De acordo com a jovem, “aqui em casa somos quatro irmãos e mamãe sempre diz que eu nem pareço filha dela nem de ninguém da família, e que não sabe a quem saí” (MORLEY, 1998, p. 137). Apesar de ser considerada “diferente”, é muito querida tanto na família como na vizinhança e na escola. Além disso, a personagem reflete acerca das situações cotidianas que vivencia e apresenta prováveis soluções para os problemas enfrentados.

Para Schwarz (1997), Helena é uma jovem precoce por conta do desenvolvimento de seu senso crítico e sua capacidade de expressão numa fase em que:

A criança ainda prefere a cozinha à sala, os empregados aos pais, os pobres e os trabalhadores à gente de bem, a mistura social e racial dos brinquedos de rua à propriedade e à distinção de classe etc. Não há nada único nessas preferências “infantis”, salvo a capacidade, esta sim incomum, de expressá-las em veia polêmica e sem apequenamento, colocando em evidência a injustiça e o sacrifício impostos pela razão dos proprietários, o que ocorria ser a ordem dos adultos. (SCHWARZ, 1997, p. 79).

Essa personalidade marcante, evidente nas narrativas, também pode ser percebida nos vários apelidos destinados à jovem, muitos deles bem condizentes com essa característica. O que mais reflete sua maneira de ser e agir é, segundo ela, o de “tempestade”, que traduz perfeitamente a sua personalidade:

De pequena, aqui em casa, eu era “Ovo de Tico-Tico” por causa das sardas. Fui crescendo, ficando alta e magra e virei “Frutuosa Pau-de-Sebo”, uma mulher comprida e amarela que tem esse nome. Aprendi a brigar com Renato e a não admitir que ele me governe como quer, e o apelido mudou para “Aninha de Bronze”, uma mulher brigona da cidade.

Na Escola, do mesmo modo. Meu primeiro uniforme tinha uma saia curta na frente e comprida atrás; tomei o apelido de “Galinha de Postura Caída”. Um dia deu uma carreira na chuva para não me molhar, e os colegas mudaram o apelido para “Relâmpago”. Briguei com Seu Emídio na aula de Aritmética e tomei o de “Tempestade”. Mas o que pegou mesmo foi o de “Tempestade”, e meu pai achou que estava muito assentado (MORLEY, 1998, p. 233).

Os apelidos atribuídos à jovem parecem dizer muito sobre a imagem que ela representa. Enquanto os dois primeiros nomes “Ovo de Tico-Tico” e “Frutuosa Pau-de-Sebo” se referem mais às características físicas da jovem, que era alta, magra e com sardas; os demais, em sua maioria, podem se relacionar à sua personalidade, como “Aninha de Bronze” e “Tempestade”, que revelam seu posicionamento contrário às imposições da família, bem como evidenciam sua impulsividade. Sendo este último considerado o mais adequado pelo pai, pode-se afirmar que Helena é uma jovem inquieta e provocadora.

A protagonista considera-se inteligente e esperta, mais do que todos na família:

Vou fazer quatorze anos e já raciocino mais de que todos da família. Comecei a tirar conclusões desde dez anos ou menos, eu penso. E juro que nunca vi uma pessoa na família de mamãe pensar nas coisas. Ouvem uma coisa e acreditam, e aquilo fica para o resto da vida. São todos felizes assim! (MORLEY, 1998, p. 174-175).

Para a jovem, os membros de sua família são abnegados e incapazes de analisar criticamente as situações, o que pode se justificar pelo fato de que são poucos os familiares que tiveram acesso aos estudos, o que, de certo modo, parece ser um empecilho em relação ao desenvolvimento de uma consciência analítica dos acontecimentos. Ao contrário, Helena é normalista, lê muito e é considerada inteligente e esperta, o que a auxilia em relação a um pensamento mais crítico acerca dos fatos experienciados por ela.

Por seu pensamento independente, Helena é criticada pelas demais figuras femininas da família por ser considerada alegre e festiva. Para elas, a felicidade excessiva poderia se transformar em sofrimento futuro, aspecto que é contrário ao pensamento da jovem, que demonstra necessidade de aproveitar a vida. Esse sofrimento a que a protagonista se refere pode encontrar subsídios tanto no pensamento da igreja católica - valorizado pela família da personagem - que prega uma postura mais contida, quanto forma de preparação por parte das

mulheres da família, em relação às dificuldades enfrentadas na idade adulta, em que as responsabilidades se sobrepõem ao deleite. Nesse sentido, a jovem acrescenta:

O dia pior para mim é o dia seguinte a qualquer festa. Mamãe é que tem pena de mim porque diz que eu não vou ser feliz com este gênio de querer aproveitar tudo; que a vida é de sofrimentos. Mas eu é que não serei tola de fazer de uma vida tão boa uma vida de sofrimentos. (MORLEY, 1998, p. 52).

Constantemente, a jovem deixa de estudar para poder se divertir com os primos, pois julga a vida muito boa para perder tempo com livros ou com sofrimentos. Essa ideia de considerar os estudos como desperdício de tempo se deve à inobservância de benefícios imediatos compreendidos no ato de estudar. Ao contrário, passear e brincar são ações que causam um prazer instantâneo, que independe da ação construtiva do tempo. Quando precisa estudar, a jovem se questiona: “Para que ficar em cima dos livros fazendo uma coisa tão aborrecida, quando posso estar no Jogo de Bola me divertindo na companhia dos primos? Fiquem mamãe e Luisinha fazendo da vida delas sofrimento; eu vou aproveitar a minha” (MORLEY, 1998, p. 311).

A respeito da importância do divertimento e das brincadeiras para Helena, Schwarz (1997) afirma que:

a disposição refletida e enérgica de aproveitar a vida entra em conflito não só com o desprendimento cristão, a precedência das famílias, as limitações provincianas, a resignação dos pobres etc., mas também com a nova civilização utilitária e burguesa. [...] o brilho do livro se prende à composição inesperada desta frente de batalha, que algo tem a ver com a adolescência, e algo com a indefinição do momento histórico e suas perspectivas. (SCHWARZ, 1997, p. 87).

Nessa perspectiva, Helena demonstra ter opinião própria e se dispõe a refletir acerca de aspectos da vida e da sociedade. Utilizando uma linguagem irreverente, a garota faz um registro de sua vida familiar e, ao mesmo tempo, de suas impressões acerca do momento histórico e da sociedade em que vivia – Brasil, no final do século XIX. Seus registros são marcados por uma linguagem popular e coloquial, em que o sarcasmo e a ironia estão sempre presentes.

De um modo geral, a protagonista se mostra inquieta, espirituosa, individualista e, por vezes, interesseira. Normalmente, é contrária ao que esteja ligado à moral e aos bons costumes. A respeito, a jovem afirma: “Eu presto atenção às conversas dos mais velhos e

tomo partido que eu sei muito bem que não é da minha conta. Mas o que hei de fazer se é meu gênio?” (MORLEY, 1998, p. 137). A jovem pode ser considerada moderna no que diz respeito às presunções de ostentação social e de rebeldia, devido à sua posição contrária aos preconceitos de classe e raça. Além disso, é “esclarecida contra a superstição e a ignorância, mas amiga de festejos religiosos e populares” (SCHWARZ, 1997, p. 122).

Certo episódio demonstra bem esse modo contrário ao rigor. “Se há uma casa onde eu não gosto de dormir é na tia Aurélia. Não aguento o método e a ordem de tio Conrado com hora certa para tudo. Isso só dá certo para o estudo dos primos, mas para mim é enjoadíssimo!” (MORLEY, 1998, p. 73). Helena valoriza a liberdade, por isso não suporta as atitudes metódicas de seu tio Conrado. Embora a jovem veja um ponto positivo, que é a imposição de normas para os estudos, que faz com os primos tenham destaque na escola, ela não consegue se imaginar em situação semelhante, pois não foi criada com o mesmo rigor. Mais importante do que os estudos, para a personagem, é a possibilidade de viver nas ruas, brincar no campo e se divertir sem o compromisso enfadonho de ser regida por normas.

Ainda a respeito do sistema rígido de seu tio Conrado, Helena acrescenta que, mesmo gostando muito das quitandas preparadas por sua tia Aurélia, não aprecia os passeios realizados com a família dela, visto que o tio não permite brincadeiras. “De que serve a gente passear com eles? Não se pode andar pelo rio abaixo, descalça. Não se pode subir nas árvores. Não se pode procurar gabirobas longe. Não se pode fazer nada” (MORLEY, 1998, p. 49). O fragmento destacado é mais um exemplo de como a protagonista é contrária às normas, postura que, possivelmente, condiz com a liberdade pretendida pelos jovens com a sua faixa etária. Para ela, bons passeios precisam ter atividades dinâmicas e que envolvam ação. O imobilismo exigido por seu tio vai de encontro ao seu modo de ser e agir.

Esse pensamento da jovem também pode ser observado no modo como ela vê a escola. Para Helena, o ambiente escolar é enfastante, tanto pelo excesso de regras, como pela maneira como é exigido um comportamento mais contido dos alunos, o que contraria os hábitos da jovem. De acordo com Holanda (1995), os antigos métodos de educação eram baseados na obediência, o que para a jovem era inconcebível, visto que ela valorizava a liberdade como meio de expor suas ideias e pensamentos.

Apesar de demonstrar contrariedade em relação à escola, Helena não se queixa das atividades de escrita. Isso porque o diário, para ela, significa mais do que apenas um caderno de redação, é o local onde ela pode expressar seus sentimentos com liberdade. Para Lejeune: “O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia

protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2008, p. 262).

Além do espírito aventureiro, a protagonista apresenta sempre uma solução para todos os problemas enfrentados, o que confere autoridade a sua fala. No último episódio relatado no livro, a menina conta que a avó dava a entender que ela, pelo fato de ser inteligente e bondosa, teria condições de ajudar a sua família no futuro, pois certamente seria bem sucedida. Nesse sentido, Helena relata em vários trechos que é considerada a mais inteligente da família, só não se destaca mais na escola pelo fato de ser preguiçosa. No fragmento abaixo, o pai fala a respeito da inteligência dela:

Para meu pai ninguém tem a minha inteligência. Ele tem certeza que eu seria considerada águia se não fosse vadia e não tivesse tantos primos e primas para me tomarem o tempo e não me deixarem estudar. Nisto eu lhe dou razão. Não sou águia mas não faria o papel que faço na Escola onde é raro ter uma nota boa num exercício. E assim mesmo eu confesso aqui no meu caderno, escondido, que é mais pela simpatia que alguns professores têm por mim do que mesmo pela minha ciência. (MORLEY, 1998, p. 172).

A menina se considera preguiçosa e, apesar de menosprezar um pouco a própria inteligência, acredita que seria uma melhor aluna se não se distraísse tanto com passeios e brincadeiras. O que para Helena seria “preguiça”, na realidade, mais parece uma aversão ao engessamento do modelo assumido pela escola da época. No contexto escolar, os alunos não tinham liberdade de expressar seus pensamentos, visto que as atividades desenvolvidas abrangiam, sobretudo, a memorização de conteúdos. Por isso, a liberdade de poder se divertir com os primos parece mais atraente, por provocar prazer e uma satisfação que a escola não era capaz de proporcionar. Todavia, o mais importante nesse relato é o final, no qual Helena confessa que os professores dão a ela melhores notas não por mérito acadêmico, mas pela afeição demonstrada pela estudante.

Em outra entrada, datada de terça-feira, 27 de novembro, a jovem menciona um episódio em que decide vender um broche de sua mãe para mandar fazer uma roupa, que lhe serviria para ir à escola. Mesmo sabendo que o broche seria dela quando estivesse mais velha, a garota decide vendê-lo por considerar que sua necessidade era imediata. Como forma de se sentir menos culpada pela venda da joia, ela atribuiu esse ato a Nossa Senhora. No dia anterior, Helena conversa com a santa e chega à conclusão de que ela está de acordo com seu desejo de vender o broche da mãe. A respeito de seu ato, a menina reflete:

Será isto que se chama de furto? Penso que não, pois a idéia me foi dada por Nossa Senhora. [...] Mamãe só saberá da venda do broche quando o vestido chegar. Estou tão feliz que até já sei o que vou lhe dizer. Eu receberei o vestido e mostrando para minha mãe lhe direi: “Este é comprado com o dinheiro do broche que meu pai disse que é para mim depois de moça. Depois de moça já terei a minha cadeira de professora ou um marido, e não precisarei de broche furado. Agora é que ele me serviu” (MORLEY, 1998, p. 207).

Esse fato novamente reforça as características comportamentais de Helena, que sempre faz o que deseja, mesmo que a atitude não seja ética. Do modo como se expressa em suas narrativas, a jovem apresenta sempre uma explicação para suas atitudes, tentando fazer com que elas pareçam justificáveis pela situação.

Em outro fato ocorrido, a protagonista relata um dia em que chegou à casa da avó mancando devido aos pregos de suas botinas, que lhe machucavam os pés. Vendo a dificuldade da neta em andar, Teodora pede que ela vá até uma determinada loja e peça novas botinas, as mais baratas que tivesse. Ao chegar lá, o vendedor a convence de levar as mais caras e melhores da loja, pois a avó poderia pagar. Helena fica muito satisfeita com as novas botinas, que eram de pelica, mas não tem coragem de ir para a escola com elas por ter medo de estragá-las e conclui: “o que vale é que ontem eu disse a [sic] vovó que minhas botinas velhas não tinham mais pregos e que meu pé já estava são” (MORLEY, 1998, p. 107).

Mais uma vez, a menina utiliza-se de artimanhas para conseguir o que deseja, mesmo que para isso tivesse que mentir para a avó. Parece que realmente as botinas estavam machucando seus pés, no entanto não o suficiente para a impedirem de caminhar, dado que no dia seguinte ela prefere calçar as botinas velhas a usar as novas para ir à escola.

Pode-se constatar, após a análise das atitudes de Helena, que a personagem não deixa de expor suas ações no diário, mesmo tendo consciência de que recorre a condutas inapropriadas. Normalmente, esse tipo de comportamento costuma ser camuflado, mas ela não faz questão de encobrir sua postura. Parece que, para a protagonista, qualquer iniciativa é válida quando o objetivo é conquistar algo que deseja. As próprias características do diário íntimo também contribuem para esse posicionamento, uma vez que, por ter um caráter de confissão de si, esse gênero se concentra apenas na esfera privada, portanto admite e resguarda (quando não é divulgado) qualquer segredo.

Pensar esses aspectos relacionados às características e comportamentos de Helena é fundamental para refletir o seu papel como mulher no contexto em que vivia. Brant (2003), em um ensaio sobre o diário em questão, afirma que imaginava que naquela época as mulheres faziam só o que os pais e os maridos permitissem. Ao contrário, a jovem dialogava

com os pais, “dizia-lhes o que bem entendia, discordava, concordava às vezes, não arredava um milímetro do que considerava ser o correto” (BRANT, 2003, p. 23-24). A jovem diamantinense acredita ter liberdade de dizer o que pensa a seus pais. “Eu estive dizendo a [sic] vovó que eu converso com meu pai o que quero, conto tudo a ele e juro que se ele fizesse alguma coisa malfeita eu lhe falava francamente”. (MORLEY, 1998, p. 77). A ousadia de Helena ao afirmar que diz o que pensa revela muito sobre sua personalidade. A liberdade que a personagem demonstra ter não se relaciona somente às atitudes intempestivas e respostas prontas, mas também à coragem de assumir um posicionamento considerado inoportuno para os padrões estereotípicos da sociedade em que vivia.

A respeito dessa submissão feminina, Freyre (2006, p. 510) afirma que, no período em que vigorou o patriarcalismo, era negado às meninas tudo o que indicasse independência. “Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina respondona ou saliente; adoravam-se as acanhadas, de ar humilde”. Do mesmo modo, Holanda (1995) afirma que a ordem familiar patriarcal norteava uma educação voltada para o círculo doméstico, segundo a qual os jovens não tinham autonomia e liberdade. Em uma sociedade dominada por essas características, Helena não possuía um comportamento adequado e condizente com o período em que vivia.

Para ela, a família da mãe era resignada por nunca poder desagradar seu avô. A respeito desse temperamento autoritário, a avó afirma que:

Para viver bem com ele tinha de esconder as coisas malfeitas e tudo o que o aborresse porque, quando ele zangava, trancava-se no quarto e não queria sair. Uma vez ela teve de pular a janela e adúlá-lo muito tempo para ele sair. Eu disse a vovó: “Eu não fazia isso. Ele podia ficar no quarto o tempo que quisesse, que eu não iria adúlá-lo” (MORLEY, 1998, p. 76).

O relato da avó demonstra a submissão que tinha em relação ao marido e como era preciso utilizar-se de artimanhas para conviver de maneira pacífica como ele. Esse aspecto é destacado por Freyre (2006, p. 510) ao confirmar que as “meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos”. Ao contrário de Teodora, Helena não aceita contrariedades e se mostra irredutível em relação ao que considera certo. Para ela, era inconcebível adular alguém simplesmente porque essa pessoa era autoritária.

A atitude da avó se reafirma no modo como as filhas são abnegadas. Ao contrário delas, a “inglesinha”, como seu pai a chama, possui um comportamento totalmente diverso. Se pensarmos no período em que o diário foi escrito (1893-1895), as atitudes das mulheres da família se mostram mais condizentes com as aspirações da sociedade oitocentista brasileira.

Nesse sentido, Helena é quem se diferencia do padrão estabelecido para a época, principalmente pelo fato de que seu discurso apresenta indícios de uma busca por liberdade de expressão, considerada imprópria, tendo em vista os preceitos morais requisitados no período patriarcal. A própria jovem afirma não haver parâmetro na família que justifique a sua personalidade, visto que, para ela, sua natureza é totalmente diversa. “Não sei por que hei de ter este gênio de não suportar as contrariedades, tendo sido criada na nossa família, com todos tão resignados e conformados” (MORLEY, 1998, p. 137).

Na entrada datada de sexta-feira, quinze de março de 1895, Helena reflete acerca da chegada de uma repartição dos correios na cidade de Diamantina, que, para ela, era desnecessária, pois a cidade precisava de coisas mais importantes. E afirma:

Se me dessem a Diamantina para dirigir, a última coisa que eu poria aqui seria repartição de correio. [...] Meu pai diz que tudo isso é política, só para dar empregos. Mas não seria melhor que em vez de administração de correios eles pusessem luz nas ruas para a gente, nas noites escuras, não estar andando devagar com medo de cair em cima de uma vaca? E encanar a água? Isso também não seria mais útil? Sem carta ninguém morre, mas a água do Pau de Fruta, que corre descoberta, tem matado tanta gente que podia estar viva. Diz que a febre tifo vem da água. Tudo isso melhoraria muito mais a cidade do que repartição de correio (MORLEY, 1998, p. 235).

Na maioria dos episódios, as situações narradas são observadas de maneira analítica. Nessa passagem, a jovem apresenta um discurso político, tanto que ela se considera apta a governar a cidade, acreditando que possui discernimento para perceber as reais necessidades de Diamantina. Todavia, mesmo sendo relevante seu questionamento, a menina não perde a pureza na forma como anuncia. É evidente que a energia elétrica seria importante para a cidade, mas o motivo colocado por ela - a possibilidade de tropeçar em uma vaca à noite - é, no mínimo, curioso.

A forma como as relações são abordadas, sejam elas familiares ou sociais de um modo geral, apontam para uma visão simples dos acontecimentos, mas ao mesmo tempo dotada de favorecimentos. Helena muitas vezes recorre a manobras que se distanciam da moral para conseguir o que deseja, contudo a forma como conduz as narrativas deixa transparecer que tudo é feito de maneira pensada e buscando um objetivo maior, considerado mais digno e justo, mas sempre com o intuito de se beneficiar.

Essa maneira ardilosa com que a jovem conduz as narrativas relaciona-se diretamente com sua personalidade intempestiva, de não aceitar as contrariedades e achar injusto tudo o que não condiz com suas vontades. Nesse sentido, a menina se utiliza de malícia para

conseguir o que deseja. Seu poder de persuasão é grande, e, em muitos casos, Helena consegue convencer facilmente as pessoas, que reconhecem essa habilidade e a chamam de “águia”.

Helena demonstra aversão por tudo que se relaciona à ostentação social. Para ela, o exibicionismo das classes é algo inconcebível, por isso parece tão difícil suportar os primos ricos, considerados “idiotas” e os tios que sempre fazem conta de expor tudo que têm de forma a humilhar e se sobressair aos pobres da família. Ao mesmo tempo em que a menina, por vezes, sente inveja das meninas ricas, considera a rotina delas muito enjoada e sem movimento. Essa necessidade de dar valor a tudo que é contrário à imobilidade é algo muito peculiar na jovem.

No episódio abaixo, é possível comprovar essa necessidade de movimento. Helena é muito ativa e gosta de estar sempre na rua, até mesmo a escola para ela era sinônimo de monotonia. Essa urgência por ação está concentrada tanto em aspectos físicos quanto psicológicos. A jovem precisa manter o corpo ativo e a alma livre para mover os sonhos:

Se alguém quiser me dar um castigo é me obrigar a ficar à toa. Penso que a minha vadiação na Escola é mais por não considerar estudo como trabalho. Eu gosto é de serviço de mexer com as mãos e me deixar o espírito livre para pensar no que eu quiser e fazer os meus castelos. Adoro fazer castelos e cada dia faço um mais lindo... Os que tenho feito ultimamente são tão bons, que até gosto de perder o sono só para pensar neles. Não me importo de realizá-los e nem penso mesmo nisso. Fazê-los me basta (MORLEY, 1998, p. 328).

Os castelos a que a protagonista se refere são resultado da sua imaginação criadora e denotam a necessidade de cultivar sonhos. Ao mesmo tempo em que narra os fatos do seu cotidiano, também confere ao diário a categoria de amigo, aquele que compartilha com ela todos os momentos, inclusive vivencia a criação de suas fantasias. Lejeune (2008, p. 262) observa que ao escrever um diário: “o papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepção, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade”

Morley se aproveita da liberdade concedida pelo diário, para analisar as situações e emitir sua opinião:

Eu acho que a pior invenção da vida é mingau de fubá. Não compreendo para que ele serve. Se a gente está com fome, toma mingau e a fome aperta mais. Se não está com fome, bebe mingau e a fome abre. Há tanta coisa boa

para se fazer com fubá: cuscuz, broas, sonhos, bolos, e ninguém quer sair do mingau de fubá. (MORLEY, 1998, p. 27).

Ao analisar o fragmento em destaque, Schwarz (1997) ressalta que Helena faz uma crítica ao comportamento dos adultos, que sempre optam pela monotonia e imutabilidade, que contradizem o espírito curioso e inovador da jovem. Fica notório, assim, o desgosto em relação à imobilidade, aspecto que ocasiona repressão por parte dos adultos.

No início do livro, Helena possui 13 anos e as características da menina confirmam a pouca idade em muitos aspectos. Nas primeiras narrativas, ela constantemente confronta os adultos e questiona suas imposições, não aceitando prontamente todas as atribuições que lhe são determinadas. Por meio de sua impulsividade, demonstra uma necessidade de tomar as próprias decisões sem interferências dos familiares.

Esse aspecto é observado por Schwarz (1997, p. 85- 86), segundo o qual "ao longo do livro assistimos à transformação da criança observadora e crítica na mocinha espertíssima, a qual resolve tudo da própria cabeça, em que aposta as suas fichas para o bem e para o mal". Do mesmo modo, Fischer (1998, p. 180) afirma que, "durante os dois primeiros anos de seu diário, 1893 e 1894, quando tinha 12 e 13 anos, Helena Morley ainda se encontrava neste estado feliz de poder seguir sua vontade com impunidade; arriscar-se a ser vista como uma menina 'moleca'".

Conforme Helena narra os fatos que ocorrem em seu entorno, fica evidente que a personagem apresenta uma mudança comportamental, não em relação a sua personalidade, mas na forma como analisa e reflete, de maneira perspicaz, as situações. Na proporção em que vai ficando mais velha, a menina começa a propor soluções para os problemas enfrentados. Nesse momento, percebe-se que a criança impaciente cede lugar à jovem que analisa os acontecimentos antes de tomar as decisões, refletindo sobre a melhor maneira de contornar/solucionar os contratempos.

Fica evidente, assim, uma transformação física e psicológica de uma menina para uma jovem mulher. No episódio de 12 de novembro de 1894, Helena afirma que um jovem chamado Joviano contratou umas aulas de inglês com seu pai e que isso a atrapalhava a estudar. Todavia, a irmã dele afirma que o motivo de ele frequentar as aulas de Alexandre era justamente para ver Helena:

Hoje, conversando com Maricas, irmã dele, eu lhe contei o caso e o nosso sofrimento de rirmos à toa, principalmente depois que o irmão está vindo dar lições. Ela disse: "É porque Seu Alexandre ainda não desconfiou que ele gosta mais de ouvir você rir do que das lições. Ele disse lá em casa que

gostava de ver você rir e falar perto dele o dia inteiro. Não se lembra daquela bobagem que você fez no dia que a levamos para a casa com aquela chuva? Você estava com umas botinas de elásticos arrebitados e encharcadas e da porta da rua foi sacudindo as pernas e atirando as botinas no corredor. Viano falou na mesa que sabe que vai ficar solteiro, porque só se casará com uma moça que faça aquele gesto perto dele e sabe que não encontrará" (MORLEY, 1998, p. 201-202).

A mesma espontaneidade observada nas análises feitas por Helena parece ser o que atraiu o jovem a se interessar por ela. A protagonista se vê nesse momento sendo admirada por um rapaz, situação que até então não tinha sido narrada por ela no diário. Essa narrativa evidencia o surgimento de uma mulher e não mais de uma menina. Nesse episódio, diferentemente dos demais, a narradora não faz uma análise da situação, talvez por ter sido surpreendida pelo interesse do rapaz ou então por não ter percebido que isso marcava uma mudança em sua formação como mulher.

Nos últimos episódios, a jovem já manifesta certa maturidade, demonstrada a partir da morte da avó. Esse fato possui uma importância singular na obra, pois a partir desse momento a menina começa a se revelar mais responsável e prudente. Mesmo demonstrando ainda sua irreverência e alegria, a protagonista desperta para reflexões acerca de seu futuro e da família. A morte da avó ocorreu em 3 de setembro de 1895, já no final da obra, logo após o aniversário de 15 anos da jovem. A importância desse episódio consiste não somente no fato de a protagonista demonstrar grande apreço pela avó, mas também por significar um divisor entre uma Helena mais independente e outra mais integrada às responsabilidades do mundo adulto.

Após esse episódio, a protagonista passa a lidar com algumas questões que antes não lhe diziam respeito, como as brigas entre os irmãos pela herança da avó. A jovem demonstra mais maturidade ao se entristecer com isso ao invés de fazer piada ou se enfurecer com a situação. O próprio pai em determinada narrativa percebe uma mudança comportamental na filha. No dia da morte de Joaquim Angola, o último negro africano de sua avó, Helena se nega a vê-lo, mesmo sabendo que ele chamava por ela para despedir-se. "Meu pai diz que me desconheceu, pois me julgava muito atirada e corajosa" (MORLEY, 1998, p. 310). Percebe-se que a jovem despreendida do início da narrativa apresenta-se mais cautelosa. Ela afirma que correu para o colo do pai e o abraçou, pois sentiu medo. De acordo ela, Alexandre se mostra desapontado com essa atitude: "Meu pai disse que se eu fosse uma menina, ainda vá. Mas uma moça de quinze anos, é demais". (MORLEY, 1998, p. 310).

Em outra situação, muito semelhante ao primeiro episódio do livro, que narra o bom dia da semana, se referindo à ida ao Beco do Moinho, Helena nos apresenta uma cena equivalente em outro rio. Todavia, diferentemente daquela narrativa, em que o serviço e a brincadeira tinham a mesma importância, a jovem se mostra menos entusiasmada com as distrações e mais preocupada com os afazeres, como lavar as roupas, por exemplo. Após o almoço, a jovem diz que ela e as primas andaram na beira do rio, pegando caramujos, mas logo se questiona a respeito da utilidade disso. “Não tardamos a cair na realidade; tínhamos de dar conta da roupa enxuta” (MORLEY, 1998, p. 329).

Em seguida, Helena apresenta uma visão poetizada da situação ao narrar os cantos da mãe. “Voltamos e já encontramos mamãe, de volta da lavanderia, enxaguando-a [roupa] e cantando umas coisas tão ternas como só ela sabe cantar. Como é simpática a voz de mamãe!” (MORLEY, 1998, p. 329). As mesmas narrativas que nas duas primeiras partes do livro são feitas de maneira mais objetiva e em forma de anedotas, na última parte ganham um caráter lírico e sentimental, talvez por Helena já estar mais madura, apresentando uma visão mais poética acerca das situações. A alegria continua presente na jovem, contudo observa-se que as responsabilidades interferem na forma como ela analisa os acontecimentos.

3.2 Outras mulheres da família

Em *Minha vida de menina*, Helena Morley apresenta para o leitor um número elevado de personagens que dividiram com ela momentos significativos de sua infância/juventude, no final do século XIX, em Diamantina, Minas Gerais.

Considerando as mulheres da família de Helena, percebe-se que a sua mãe e a avó aparecem na obra de maneira mais significativa. Carolina, mãe da protagonista, é filha de Teodora e casada com Alexandre. Além de Helena, também é mãe de Renato, Luisinha e Nhonhô. Casou-se após a morte do pai, o que possibilitou a ela escolher o próprio marido, oportunidade que não havia sido dada às irmãs mais velhas.

No que se refere à forma como é vista na família, Carolina é admirada, principalmente, por seu espírito trabalhador, mas, ao mesmo tempo, percebe-se que existe um ressentimento por parte de Helena pelo fato de a mãe demonstrar mais consideração pelo marido do que pelos próprios filhos. Esse aspecto também pode ser entendido como ciúme, típico da infância, em que os filhos exigem uma atenção única, o que também pode resultar em uma cobrança em relação à mãe. Esses sentimentos não ficam nítidos na obra, mas é possível inferi-los no decorrer dos episódios: “se mamãe fizesse assim, eu seria boa aluna

como eles são” (MORLEY, 1998, p. 64). Nesse trecho, Helena se queixa que, ao contrário de tio Conrado e tia Aurélia, sua mãe não se preocupa com as regras e com a educação dela e dos irmãos, pois coloca sempre o marido em posição de destaque.

O fragmento a seguir retrata o apego de Carolina em relação ao marido:

Mamãe só vive para ele e não pensa noutra coisa. Quanto ele está em casa, os dois passam juntinhos o dia inteiro numa conversa sem fim. Quando meu pai está na Boa Vista, que é a semana toda, mamãe leva cantando umas cantigas muito ternas que a gente vê que são saudades e só arranjando-lhe as roupas, juntando ovos e engordando os frangos para os jantares de sábado e domingo. São dias de se passar bem em casa. (MORLEY, 1998, p. 107).

Ao mesmo tempo em que Helena admira os cuidados e o afeto que a mãe demonstra pelo pai, percebe-se que existe certo desconforto pelo motivo de que ela e os irmãos ficam em segundo plano. A mãe sempre se mostra disposta a seguir o marido no campo, mesmo que para isso tivesse que deixar os filhos na chácara com a avó. Em outro momento, a protagonista também demonstra esse ressentimento se referindo ao fato de ela e os irmãos não serem estudiosos como deveriam: “Nós, com meu pai vivendo fora, na lavra, e mamãe querendo ir sempre atrás dele, teremos mesmo de ser como somos” (MORLEY, 1998, p. 28).

Como a protagonista e os irmãos ficam muito na chácara com a avó, percebe-se que Teodora torna-se responsável por algumas decisões importantes relacionadas à vida dos netos. Por ocupar-se tanto do marido, Carolina destina a outras pessoas a obrigação que era considerada da mãe pela sociedade do século XIX. No período oitocentista brasileiro, as mulheres casadas e com filhos deviam ter sua vida destinada ao cuidado com a família, o que incluía a educação da prole. Em uma das entradas do diário, Helena relata seu desejo em ir ao baile de carnaval, até que resolve pedir à mãe licença para ir e esta lhe responde:

“Se sua avó deixar, eu deixo”. Pedi a vovó: “Vovó, mamãe deixou. A senhora me deixa ir ao baile com a Glorinha?”. Ela disse: “Não deixo não!”. Saí batendo o pé com força e caí na cama dela, chorando. Ela vem, tira a chinela do pé e me dá duas chineladas, dizendo: “Então chore com razão!”. Bati com as pernas mas não me levantei (MORLEY, 1998, p. 25).

Apesar de narrar fatos que deixam implícito um sentimento de mágoa em relação à mãe, a jovem, em outros episódios, demonstra admiração por ela, o que faz com que a relação entre as duas possa ser entendida como ambivalente:

Meu pai é muito querido na família. Todos gostam dele e dizem que ele é muito bom marido e um homem muito bom. Eu gosto muito disso, mas fico admirada de todo o mundo só falar que meu pai é bom marido e nunca ninguém dizer que mamãe é boa mulher. No entanto, no fundo do meu coração, eu acho que só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe (MORLEY, 1998, p. 265-266).

Como possui um espírito questionador, Helena não compreende porque, na família, as pessoas valorizam mais seu pai do que sua mãe. Considerando que ambos são bons, deveriam ser, portanto, igualmente reconhecidos. A menina admira o pai, mas como convive mais com a mãe e vê de perto o quanto ela é trabalhadora, acredita que as pessoas devem considerá-la tanto quanto seu pai.

Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas por sua família, Helena se admira com as atitudes da mãe:

Nós às vezes reclamamos as coisas mas mamãe nunca piou. Nunca disse uma palavra que pudesse aborrecer meu pai; é só lhe dizer: "A vida é de sofrimento; não se entristeça, Deus nos ajudará". Eu que sou menos paciente fico só fazendo castelo, antes de dormir, de ficar invisível, tirar dinheiro dos ricos e trazer para casa. Já descobri que isto é um bom meio para a gente dormir. (MORLEY, 1998, p. 266).

Helena demonstra respeito pela forma como a mãe é abnegada, considerando tudo como "vontade de Deus", mas acredita ser diferente dela nesse ponto. Ao contrário da mãe, a jovem utiliza a imaginação para superar as dificuldades. Ao afirmar que faz "castelos", a protagonista demonstra sua proximidade com o mundo dos sonhos e da imaginação criadora.

A vida de Carolina é voltada unicamente para o bem-estar da família. Em tempos em que não havia energia elétrica, água canalizada e telefone, a rotina doméstica das mulheres se estendia durante todo o dia. Carolina acorda cedo, apanha lenha para acender o fogo, prepara o café do marido e dos filhos e conclui seus afazeres domésticos somente à noite. Essa disposição da mãe para o trabalho é apresentada a seguir:

Não admiro que exista uma mulher tão disposta como mamãe para andar e trabalhar.

Em Diamantina ela não visita ninguém fora da família, mas além do trabalho todo da casa, que ela faz sozinha quando não podemos ajudá-la, ela nunca deixa de sair de noite para ir à Chácara ou ao Jogo da Bola.

Ela tem um gênio tão trabalhador que não deixa meus irmãos em paz. Eu achava tanta graça quando estávamos na Diamantina, de ver mamãe amolar bem uma faca, pegar num pau de lenha, entregar a meus irmãos enquanto eles faziam o quilo do almoço e dizer: "Vão fazendo palitos com isto que não impede a digestão" (MORLEY, 1998, p. 219).

Nesse sentido, a rotina de Carolina se resume às idas ao Beco do Moinho, para lavar roupas e à Boa Vista, onde seu marido, Alexandre, trabalha com mineração. Como tem muitos afazeres, a mãe de Helena a ensinou, assim como a irmã, Luisinha, a ajudar nos serviços domésticos desde cedo. Ao chegarem da escola, as meninas cuidam da limpeza da casa e passam roupas.

Além da mãe, a avó exerce um papel importante na educação de Helena e de seus irmãos, o que se justifica não apenas por Carolina sempre acompanhar o pai, mas também por Teodora ser considerada uma mulher sensata e virtuosa, capaz de dar bons conselhos.

A figura da avó auxilia também na formação da memória da narradora-personagem. De acordo com Bosi (1994), os avós desempenham um papel importante no desenvolvimento das crianças, contribuindo para a construção da memória. Para a autora:

a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1994, p. 73).

A avó¹³, preocupada com o futuro dos netos, sente-se responsável por educá-los de acordo com os costumes da época e da igreja. Ao contrário de Carolina, a avó preocupa-se mais com os estudos da jovem, exigindo que ela guardasse um tempo do dia para fazer as tarefas da escola.

De acordo com Schwarz (1997, p. 89), a relação de Helena com a avó é bonita e complicada. “De um lado a matriarca rica da família, adulada por todos; de outro, a criança pobre, invulgar e de gênio difícil, a quem a abastança das primas punha um nó na garganta”. Teodora demonstra preocupação pela neta, sobretudo pelas dificuldades econômicas vivenciadas por ela e os irmãos; ao mesmo tempo, a família da jovem demonstra insatisfação em relação à preferência demonstrada pela avó em relação a ela, o que gera conflitos de interesses, visto que Teodora é idosa e sua fortuna é motivo de cobiça.

Teodora é considerada muito religiosa e em sua casa o terço é rezado todas as noites, o que deixa Helena aborrecida, visto que rezar é algo enfadonho para ela. De acordo com a

¹³ A avó de Helena representa na obra a figura da matriarca, que possui uma posição dominante em relação aos demais membros da família, principalmente sobre as filhas e netas. Ela é a personagem que aconselha e que ensina as mulheres mais jovens o modo adequado de se comportar perante a sociedade. A voz matriarcal é aquela que confirma o patriarcalismo. A figura da avó é responsável por orientar em busca de uma conduta adequada e condizente com o modelo social patriarcal. Ela ensina a ser uma boa esposa e mãe dedicada.

jovem, sua avó “não pode compreender que a gente não ache rezar a melhor coisa da vida. Eu só gosto de rezar quando estou triste ou na hora que está trovejando” (MORLEY, 1998, p. 99). Embora não goste muito de rezar, a menina sente-se entusiasmada pelas festas da igreja, que a seu ver são animadas e alegram a cidade. “Eu acho a festa do Divino uma das melhores que nós temos. Isto da música levar nove dias indo a todas as casas buscar, debaixo da bandeira, as pessoas que fazem promessas, alegra a cidade muitos dias seguidos” (MORLEY, 1998, p. 56).

A festa do Divino é tradicional na cidade de Diamantina e atua como elemento de democratização social, tendo em vista que brancos e negros participam dessas festividades. Esse tipo de festividade religiosa alegra as cidades por misturar elementos litúrgicos e folclóricos, em que as pessoas desfilam vestidas de personagens religiosos e históricos.¹⁴

A jovem demonstra grande admiração pela avó e utiliza a preferência que acredita existir por parte dela para conseguir vantagens e presentes. Em vários trechos da obra, a garota ressalta esse aspecto:

Vovó mostra gostar mais de mim que de Luisinha que é afilhada dela. Desde pequenina me fazia uns agrados que mamãe nunca fez e prestava atenção em tudo que eu falava. Ela me diferencia tanto das outra que, sem sentir, fica me parecendo que ela é a mãe e mamãe é avó [...] Ela, depois de mais velha, me faz de menino pequeno. Se come uma coisa me dá o resto; se vai passear na horta me chama; se quer apanhar fruta sou eu que tenho de ir; na hora da reza, de noite, eu é que tenho de tirar o terço (MORLEY, 1998, p. 87).

Certo dia, a menina sente-se mal depois de comer jabuticabas e, a avó, vendo o sofrimento da neta, pede que ela tome um purgante de óleo para melhorar. Helena se recusa e a avó diz que, se ela tomar, dar-lhe-á um lindo vestido. A jovem, aproveitando-se da situação, diz que só tomaria o remédio quando chegasse a roupa e assim ela fez. Helena parece gostar da avó de maneira sincera, tanto que, de acordo com os relatos contidos no diário, é a neta que mais sofre com a morte dela. Mesmo assim, a jovem utiliza o apreço que a avó demonstra ter por ela para se favorecer.

¹⁴ De acordo com Silveira e Medaglia (2014, p. 115), a festa do Divino é “tida pelo catolicismo como uma das principais festas religiosas do calendário litúrgico, as celebrações se iniciam cinquenta dias após a Páscoa no domingo de pentecostes, e comemora o culto secular cristão do Espírito Santo. Tradicionalmente realizada em Diamantina, esta é uma das mais antigas comemorações realizadas na cidade, sendo realizadas há mais de dois séculos. Suas celebrações ocorrem na Capela Imperial de Nossa Senhora do Amparo, a qual passou a ser chamada popularmente por Capela do Divino. Inicialmente o organizador do ano em questão indicava sete nomes para ser coroado como imperador, e por meio de um sorteio, a pessoa sorteada tomaria para si as responsabilidades na organização do ano seguinte”.

Ao mesmo tempo em que a afeição da avó é sinônimo de regalia, por vezes também é causa de insatisfação por parte da jovem:

Eu não queria que ela gostasse tanto de mim. Gosto muito dela me querer tanto bem; mas tenho de me contrariar tantas vezes para não aborrecê-la, que costumo ter inveja de Luisinha. Ela e Renato vêm almoçar em casa todos os dias; eu tenho de almoçar com vovó na Rua Direita. Ela sempre me guarda alguma coisa boa. Mas eu gosto do passeio com as colegas da Escola até aqui na Cavalhada, na ida e na volta (MORLEY, 1998, p. 262).

Além da mãe e da avó, as tias da jovem também aparecem frequentemente nas narrativas. A família é numerosa, principalmente por parte da mãe. Dos familiares de seu pai se destaca tia Madge, que, assim como a avó, também cuida da menina como se fosse sua mãe. Ela exerce influência na vida de Helena. É professora e considerada, na família, como a mais inteligente e culta. Essa tia exerce o papel de disciplinadora, ou seja, é a figura que atua como sua verdadeira educadora, ensinando-lhe bons modos, leituras de livros importantes, além de economia.

Além disso, a tia inglesa professora seria uma figura que, de certo modo, destoava dos padrões femininos da época, tendo em vista que não se casou, tampouco teve filhos. Sobre tia Madge, Aguiar (2004, p. 58) afirma que “a formação protestante e a ‘solteirice’ contribuíram eficazmente para o desempenho de sua função no magistério. A professora solteirona. A que não casou, a que ficou na contramão do processo feminino”. Ao mesmo tempo que essa tia parece ter fracassado no desempenho de sua função como mulher oitocentista, também não se pode deixar de destacar a importância que desempenha como incentivadora de Helena, visto que é uma das poucas personagens femininas trabalhadoras presentes no diário.

A respeito da mulher solteira que se dedicava à docência, Louro (1997) afirma que havia uma ambiguidade na forma como era representada, pois:

De um lado, essa era uma mulher que falhara, pois carregava para sempre o insucesso de não ter casado e não ter tido filhos; por outro lado, ela era uma mulher que tinha uma instrução mais elevada, trabalhava fora do lar, com uma possibilidade de circulação pelo espaço público maior do que as demais mulheres. Além disso, ela exercia uma atividade remunerada, o que podia garantir seu sustento ou, eventualmente, de pessoas sob sua dependência. (LOURO, 1997, p. 104-105).

Assim, apesar de não ter casado, tia Madge possuía uma independência financeira que poucas mulheres naquela época podiam ter. Apesar do baixo salário, ela possuía formação e recursos para seu próprio sustento, o que causava admiração das demais mulheres com as

quais convivia. Dona Teodora demonstra sua estima, aconselhando Helena a aprender com o exemplo da tia: "Veja só que mulher extraordinária é sua tia. Por isso é que ela com os oitenta mil-réis da escola vive tão bem, sustenta a casa e as irmãs e ainda convida pessoas para jantar como você vê. É o segredo dela, minha filha; aprenda tudo e não perca nada". (MORLEY, 1998, p. 33).

Com tia Madge e com a leitura dos livros indicados por ela, Helena relata ter aprendido a poupar e a se organizar. Demonstrando ter aprendido os ensinamentos a respeito de economia, a protagonista demonstra a diferença existente entre ela e os irmãos:

Cada um de nós tem duas ou três galinhas. Meus irmãos só esperam as deles botarem e às vezes até acabam de puxar ovo da galinha para assarem na colher ou fazerem gemada. Eu, desde que li os diabos dos livros, ajunto os ovos. Quando inteiro uma dúzia eu vendo. Uma vez comprei uma escova de dentes; outra vez comprei um par de meias. Se vovó manda um queijo ou uma caixeta de marmelada para nós, os outros comem a parte deles no mesmo dia, eu guardo a minha parte para ir comendo aos poucos; mas sempre acabo repartindo com eles. (MORLEY, 1998, p. 58-59).

Essa preocupação em se organizar financeiramente também pode ser compreendida como uma tentativa de ajustar-se ao mundo adulto. Ao conviver com tia Madge, Helena demonstra adquirir certo amadurecimento, prudência e sensatez no que diz respeito às exigências advindas da maioridade que se aproxima.

Os cuidados da tia em relação à jovem nem sempre trazem benefícios, já que, muitas vezes, atrapalham-na ao invés de ajudá-la. Certo dia, tia Madge decide fazer os uniformes de Helena para presenteá-la; no entanto, como ela não possui muita habilidade com costura, eles ficam muito mal feitos e fazem com que a menina passe vergonha na escola. Esse sentimento é narrado a seguir:

Quando uma pessoa tem sorte para tudo logo dizem: "Você nasceu empelicada". Eu desejava saber o contrário de nascer empelicada o que é. Foi o que me aconteceu. Por que eu de ter tão pouca sorte na vida? Atribui isto à afeição de tia Madge por mim; mas ela me ajuda às vezes e é tão boa sempre, que eu reconheço que ela faz tudo por bem. Ela não sabe coser como tia Ifigênia e não quer se convencer. Tia Ifigênia é madrinha de Luisinha e poucas vezes toma os vestidos dela para fazer, sendo modista. Mas quando toma algum faz muito bem feito. Eu, se quero ter um vestido a meu gosto, tenho que fazê-lo sem tia Madge saber (MORLEY, 1998, p. 130).

A avó e a tia Madge desempenham um papel semelhante ao da mãe de Helena, o que nos permite concluir que seriam necessárias três figuras femininas para exercer essa função.

Cada uma dessas personagens desempenha o papel materno em níveis diferentes. A mãe cuida da formação da jovem e a prepara para ser uma mulher respeitável e que soubesse desempenhar as atividades domésticas; a avó cuida da formação religiosa e lhe dá carinho e atenção; e, por fim, tia Madge atua na formação intelectual da adolescente. A respeito do excesso de cuidado que tinham com ela, a jovem afirma “todas as minhas primas são governadas só pelos pais. Ah, se eu também fosse assim! Meus pais são os que menos me amolam. Não tivesse eu o governo de vovó e tia Madge, teria ido ao baile de Máscaras do teatro” (MORLEY, 1998, p. 25).

A escolha do vocábulo pela narradora revela muito sobre sua forma de pensar. No trecho acima, Helena afirma que as primas são “governadas” pelos pais, da mesma forma que ela é “governada” por tia Magde e pela avó. A seleção do termo em destaque revela que a relação entre os representantes mais velhos da família em relação aos mais jovens é pautada por dominância. Como a jovem preza pela liberdade, a linguagem utilizada demonstra seu posicionamento contrário a essa forma de opressão. A intenção da jovem ao relatar esse episódio não é apenas de mostrar o rigor dos tios e da avó na educação dela e dos primos, mas de expor a relação de sujeição vivenciada pelos jovens da família.

As outras tias aparecem na obra de maneira menos marcante, sendo que todas elas têm características semelhantes. Assim como a mãe, elas dedicam-se à família e aos filhos. Aquelas cujo marido já havia falecido e não tinham filhos se ocupavam dos cuidados com Dona Teodora. De acordo com Helena, elas não se preocupam consigo mesmas e colocam seus desejos em segundo plano. A seguir desenha-se, de maneira esquemática, um breve panorama das características de algumas delas:

- Tia Agostinha é considerada muito boa, estando sempre disposta a ajudar as pessoas. Por esse motivo, é uma das preferidas de Helena. É tida como inteligente, mas se casou com um homem muito ignorante.
- Tia Aurélia mora no centro da cidade, o que para os sobrinhos é desagradável, pois em sua casa não há lugar para brincar. Foi considerada quando jovem a mais rebelde da família, pois sempre se recusava a casar com os pretendentes que o pai escolhia. No entanto, essa rebeldia se acaba no momento em que o primo a pede em casamento. Sempre que pode, Helena vai até a casa dela tomar café no intervalo da escola, pois ela faz muita quitanda e sempre há coisas boas para se comer.
- Dindinha é considerada por todos os membros da família como a mais querida, por isso a tratam de Dindinha (madrinha). A história dela é sofrida, já que com apenas dois

anos de casamento ficou viúva e, em seguida perdeu também a filha, quando ainda era um bebê. Apesar de ter apenas vinte e dois anos quando o marido faleceu, nunca mais se casou.

- Tia Carlota é considerada engraçada por ser a mais diferente da família. Para Helena, é a mais feia e foi casada com um professor que tinha idade para ser pai dela. Essa tia é boa somente na casa dos parentes, mas em sua casa esconde tudo o que tem. Usa dentaduras e as tira para comer, o que causa espanto por parte dos familiares.
- Tia Clarinha mora em Montes Claros, mas costuma visitar a família em Diamantina. Helena não gosta dela, primeiramente por ser esnobe e gostar de ser tratada com regalias, mas também por ter um filho de sete anos muito arteiro.

Quando analisamos as mulheres da família Morley, percebemos que elas são apresentadas como boas mães e esposas dedicadas. Até mesmo Dindinha, que ficou viúva jovem, procurava exercer o papel materno cuidando dos filhos das criadas. Vemos aqui que esse requisito era essencial para a mulher. Ser mãe e esposa era uma condição necessária para as mulheres na sociedade oitocentista brasileira.

Além de todas as tias, outra figura feminina que merece destaque na obra é Luisinha, irmã da protagonista. Luisinha tinha o temperamento bem diferente da irmã, sendo considerada calma e bondosa. Nesse sentido, Helena afirma:

Luisinha é um anjo de bondade. Não sei como se pode ser como ela, tão sossegada. Nunca sai de casa sem ir empencada no braço de mamãe. Não reclama nada. Se eu disser que já a vi reclamando um vestido novo, minto. E se ganha um vestido e eu quiser lhe tomar, ela não se importa. Pois todos me chamam de menina rebelde e ninguém elogia Luisinha. (MORLEY, 1998, p. 78).

Nos episódios narrados, Luisinha é sempre considerada tranquila e obediente. Por esse motivo, Helena se aproveita das características da irmã em benefício próprio. Certo dia, a protagonista convence a irmã de lhe dar um dinheiro para fazer um jantar em comemoração ao seu aniversário e, em troca, disse que dividiria com ela todos os presentes que ganhasse, no entanto, a jovem não teve coragem de se desfazer das coisas que havia ganhado e acabou dando a Luisinha somente um par de meias e um sabonete, dizendo que sabia que logo ela esqueceria o fato e conclui de maneira ardilosa: “Eu sei que o trato não foi cumprido, mas não tenho remorso, porque eu preciso mais do que ela. Ela quase não sai de casa, só vai à Chácara, e eu saio todo dia” (MORLEY, 1998, p. 79).

Nesse exemplo, fica evidente que Luisinha possui uma personalidade bem diferente de Helena. Enquanto esta é ardilosa e se apropria da bondade da irmã em benefício próprio, aquela se mostra tranquila e desinteressada. Por esse motivo, a protagonista sempre se refere à irmã como serena, pacífica e amiga, qualidades consideradas boas, mas que, pela falta de atitude, podem indicar, também, ingenuidade. Nos episódios em que ela está presente, parece existir uma relação de amizade entre as duas. Mesmo ambas sendo jovens, é possível perceber que não há um pensamento unívoco entre elas. Helena, sempre que se refere à irmã, não a imagina em outro espaço que não seja o ambiente doméstico. Em certo episódio, a narradora faz projeções para o seu futuro e o de sua família:

Eu já estava com minha vida na cabeça: meu pai continuava minerando; a casa ele vendia e punha um negócio aqui para Nhonhô; Renato, assim que tirasse o título, podia ir para longe dar escola, porque é homem; mamãe e Luisinha ficavam com o serviço da casa e criando galinhas, e eu na escola. (MORLEY, 1998, p. 121).

A escola, para Morley, seria uma maneira de alcançar liberdade, por meio da idealização de um futuro em que seria capaz de ajudar a família economicamente. Enquanto vislumbra um futuro para si em que se forma professora, para a irmã, a protagonista imagina um destino semelhante ao da mãe, cuidando da casa e dos serviços domésticos. Helena menospreza a capacidade de Luisinha conseguir um espaço na sociedade, talvez por considerá-la inocente e desprovida de uma sagacidade necessária para obter êxito nos relacionamentos de ordem social. Ao contrário, como vimos anteriormente, a narradora-protagonista tende a se considerar mais inteligente e esperta, por esse motivo desvaloriza as demais mulheres da família.

Além das mulheres da família Morley, as personagens negras também aparecem de maneira significativa nas narrativas. O diário foi escrito em um período de recente abolição da escravatura, o que exigia, dessas mulheres, uma reconstrução identitária necessária para se adequar aos moldes da nova sociedade que estava em construção.

3.3 As personagens negras

Neste estudo, optamos por abordar as personagens negras em um tópico específico, tendo em vista que, na obra analisada, elas merecem destaque, sobretudo pela ênfase dada pela protagonista. Vale ressaltar que não pretendemos, ao tratar da mulher negra, considerá-la como uma categoria universal, mas situá-la nas relações sociais características do período

oitocentista brasileiro. Em *Minha vida de menina*, as mulheres negras estão presentes em um grande número de episódios, sendo possível realizar um estudo que enfatize a forma como são abordadas. Essas personagens podem ser analisadas isoladamente em episódios específicos, mas também como grupo, por meio do qual é possível repensar o papel desempenhado por elas no final do século XIX brasileiro.

Na obra, Helena narra diversos fatos envolvendo personagens negras que convivem com ela. Muitas delas continuaram vivendo e trabalhando na chácara da avó Teodora, mesmo depois da abolição da escravatura, em 1888. Segundo Holanda (1995), embora a abolição represente um marco entre duas épocas, que indica no Brasil o fim do predomínio agrário, nota-se que na prática as mudanças ocorreram lentamente. De acordo com Costa (1999, p. 342), o abolicionismo “representou uma etapa do processo de liquidação da economia colonial no país, envolvendo ampla revisão dos estilos de vida e de valores da nossa sociedade. Não significou, entretanto, uma ruptura definitiva com o passado”.

Tendo em vista que o diário de Helena Morley foi escrito de 1893 a 1895, torna-se relevante pensar o papel da mulher negra nesse período pós-abolição. As situações que envolvem personagens negras na obra são interessantes, sendo a maioria delas analisada de forma crítica pela protagonista. Diferentemente das mulheres brancas, cuja função social se resumia basicamente à condição de esposa, as negras exerciam diversos papéis na sociedade. Em *Minha vida de menina*, elas desempenham funções diversificadas, desde o trabalho como domésticas até a comercialização de quitutes variados. Na obra, há relatos de negras bordadeiras, que fazem vestes para Nossa Senhora; de doceiras, que produzem e vendem doces na porta da igreja; de cozinheiras, que preparam pasteis para vender no teatro; de domésticas, que alugam seus trabalhos às casas de família; além disso, são as negras que produzem as velas, utilizadas nas festas de cunho religioso.

A postura de Helena para com as mulheres negras é apresentada de maneira ambígua, pois “ora apela para afetuosidade e ora para a exploração e para as práticas discriminatórias” (ARAÚJO, 2016, p. 10). De acordo com Schwarz (2000), esse posicionamento da protagonista e dos familiares em relação aos negros desvela a conduta das elites brasileiras que, para manter-se em posição de autoridade, fazia campanhas externas com promessas abolicionistas, enquanto internamente endossava à continuidade da escravidão.

Uma das narrativas que melhor retrata as características da mulher negra na obra é o das agressões de uma negra chamada Magna ao seu marido, Mainarte, um ex-escravo de Dona Teodora. Helena relata que, constantemente, ela batia no marido, pois era muito brava e não aceitava a falta de atitude dele. Certo dia, Magna é presa por tentar matá-lo e Dona

Teodora a tira da cadeia, indagando-a sobre o motivo de ter cometido tal ato. Ela respondeu: “Não, senhora! Ele mesmo é que é de raça de gente que morre! Eu só apertei o pescoço dele e pus a língua de fora pra não me responder. Não quis matar ele, não, senhora” (MORLEY, 1998, p. 50-51).

Nesse episódio, é possível perceber características do momento histórico em que o diário foi escrito. Nesse período de recente abolição da escravatura, os escravos ainda demonstram, em seu discurso, resquícios do período escravista. Existe, na narrativa em questão, uma espécie de repetição por parte de Magna da forma como os negros eram tratados no período da escravidão. Em determinado momento, a negra afirma: “Eu não capeio preguiçoso” (MORLEY, 1998, p. 50-51), justificando o fato de bater no marido. O uso dessa expressão pode ser entendido como a reprodução de um discurso de uma autoridade, em relação a um indivíduo marginalizado, no caso, de um senhor a um escravo.

Helena afirma que muitos negros e negras do tempo do cativo continuaram morando na chácara da avó, mesmo após a Lei de Treze de Maio:

Eu ainda me lembro de quando chegou a notícia da Lei de Treze de Maio. Os negros todos largaram o serviço e se ajuntaram no terreiro, dançando e cantando que estavam livres e não queriam mais trabalhar. Vovó, com raiva da gritaria, chegou à porta ameaçando com a bengala dizendo: "Pisem já de minha casa pra fora, seus tratantes! A liberdade veio não foi pra vocês não, foi pra mim! Saiam já!". Os negros calaram o bico e foram para a senzala. Daí a pouco veio Joaquim Angola em nome dos outros pedir perdão e dizer que todos queriam ficar. Vovó deixou, e os que não morreram ou casaram estão até hoje na Chácara. Também com a vida que eles levam... (MORLEY, 1998, p. 211).

A fala da avó revela certo descontentamento em relação à abolição da escravatura. Para ela, os negros estavam sendo ingratos ao comemorar a liberdade. Além disso, quando pedem para permanecer na chácara, os ex-escravos estão antecipando as dificuldades que encontrariam para tornarem-se realmente livres, uma vez que com a abolição, eles foram abandonados à própria sorte, conforme sinaliza Costa (1999). Além disso, no final da narrativa, Helena ironiza o fato de os negros viverem bem na casa da avó, contudo em muitos momentos ela afirma que eles continuavam prestando serviços na chácara, o que denota um discurso, até certo ponto, segregador. Tendo em vista que era preciso trabalhar para continuar morando no local, a vida deles não deveria ser tão boa quanto a jovem entendia.

De acordo com a protagonista, todos permaneceram realizando atividades domésticas e cuidados com a chácara como se ainda fossem escravos. A respeito das mulheres, a jovem afirma que “as negras, as que não bebem, são muito boas, e para terem seus cobres fazem

pastéis de angu, sonhos e carajés para as festas de igreja e para a porta do teatro” (MORLEY, 1998, p. 52). Sendo assim, as negras continuavam morando na chácara e ajudando nos serviços, mas também faziam quitandas como forma de obtenção de renda. Outro aspecto relevante no trecho destacado diz respeito à afirmação implícita de que as negras que bebiam não eram consideradas boas, visto que sua conduta contrastava com os padrões ideais de comportamento feminino da época. Conforme aponta Costa (1999), as mulheres negras não faziam parte da tradição patriarcal, entretanto, no diário de Helena Morley, as ex-escravas continuaram morando na chácara de dona Teodora, mesmo após a abolição da escravatura, portanto exigia-se delas um comportamento mais adequado ao modelo tradicional requisitado pela sociedade conservadora vigente.

Certo preconceito em relação aos negros pode ser observado no fragmento em destaque:

As negras da Chácara do tempo do cativo são todas pretas, mas não sei por que saiu uma branca e bonita. Chama-se Florisbela mas nós a tratamos de Bela. Ela casou com um negro que faz até tristeza. No dia do casamento houve uma mesa de doces e fazia pena ver Bela sentada perto do noivo, coitada. Marciano é o negro mais estimado da Chácara. Aprendeu o ofício de ferreiro e entra na sala para cumprimentar vovó e minhas tias. Mesmo assim eu não queria que Bela casasse com ele. Ela é tão bonitinha! Parece até uma rosa-camélia, clara, corada e com uns dentes lindos. No dia do casamento meu pai disse: "É um brilhante no focinho de um porco" (MORLEY, 1998, p. 127).

Nessa citação, pode-se perceber que Helena utiliza um discurso discriminatório para descrever uma ex-escrava chamada Florisbela. Ao afirmar que não sabe como pode ter nascido uma moça “clara” e bonita entre tantos negros, é possível inferir que, para ela, todos os negros são feios, por isso a admiração em relação aos encantos de Bela; além disso, ao ressaltar o fato de que a ex-escrava era branca, evidencia-se que o motivo da beleza estava associado à cor de sua pele. Esse discurso também fica evidente quando ela afirma que Marciano, o marido da jovem, é um negro que “faz tristeza”. Nessa perspectiva, o vocábulo “tristeza” é usado de maneira diversa do original, uma vez que, na frase, tem o sentido de “muito feio”. Para finalizar, a frase utilizada pelo pai “é um brilhante no focinho de um porco” evidencia a beleza de Florisbela, ao mesmo tempo em que deprecia o marido dela, comparando-o a um porco.

Além disso, no fragmento em destaque, é possível pensar a questão da miscigenação ocorrida, sobretudo, por meio das relações entre mulheres negras e homens brancos, normalmente ancoradas por violência física e sexual. Morley parece não entender o motivo de

ter nascido uma mulher “branca” filha de negros, talvez por pura ingenuidade típica de uma jovem de sua idade. Todavia, podemos questionar: Quem seria o pai dessa jovem? Tendo em vista que, como afirma Helena, Florisbela era uma “negra” do tempo do cativo é possível inferir que o pai da jovem pudesse ser até mesmo o avô da protagonista, que era o homem branco da casa. Mesmo não podendo confirmar essa situação, não se pode negar que Florisbela seja filha de um homem branco. Para Freyre (2006), as mulheres negras na sociedade patriarcal eram duplamente submetidas ao poder masculino, ser mulher e negra nesse período significava servir ao homem como mão de obra escrava e também como objeto de exploração sexual.

Uma das negras mais comentadas na obra é Cesarina, que trabalha na casa de Helena e ajuda a mãe nos afazeres domésticos. Ela é uma espécie de escrava da casa, embora aparentemente a família a trate com certo respeito; na realidade o que se observa é uma espécie de racismo cordial, em que o ato discriminatório aparece de forma mascarada, visto que existe um interesse por parte da família, que necessita dos trabalhos dela. Em uma das entradas do diário, a protagonista fala que a criada está doente e acrescenta:

A nossa negrinha Cesarina tem nos feito muita falta. Ela adoeceu do peito e mamãe não quis tratá-la em casa, coitadinha, porque diz que a moléstia pega muito. Ela está na Boa Vista e soubemos que já está melhorando. Fiquei muito contente porque a mãe dela morreu física e eu tinha medo que ela morresse também. Ela é tão nossa amiga e tão boazinha para nós (MORLEY, 1998, p. 70).

Nesse fragmento, parece haver carinho por parte de Helena em relação à Cesarina, determinado pelo uso do diminutivo em “nossa negrinha”, que sugere uma ideia de afeto. Para o leitor de hoje, é possível pensar o discurso de Helena como uma forma de demarcar uma hierarquia, em que a criada é considerada inferior. Todavia, é importante que se pense a obra de acordo com o período em que foi escrita, a fim de não cairmos em anacronismos, tendo em vista que a questão discriminatória possui conotações diferentes dependendo da época. Em outra passagem, a menina fala de quando a negra volta de Boa Vista, já curada da doença que a acometia. “Hoje ela voltou bem mais gordinha e alegre. Quando ela está em casa é só fazendo a gente rir, mas ajuda no trabalho que é uma coisa boa para mamãe e para nós. Agora já vou ter mais tempo para estudar e escrever, pois ela arruma tudo direitinho e cuida de minha roupa” (MORLEY, 1998, p. 81). Pode-se notar que Helena fica feliz não apenas por Cesarina ter voltado forte e sadia, mas acima de tudo, pela falta que sentia do trabalho

realizado por ela na casa. Apesar disso, quando afirma que a negra os faz rir o tempo todo, percebe-se que existe uma afeição em relação à ex-escrava.

A respeito das negras escravas, Freyre (2006) afirma que tinham uma boa imagem, sobretudo perante as crianças. Era a ama negra que, nos tempos patriarcais, cuidava dos meninos, dando-lhes de mamar, ensinando as primeiras palavras e as orações. Em *Minha vida de menina*, as mulheres negras são consideradas grandes contadoras de histórias. Em um dos episódios narrados, a protagonista afirma que Reginalda era a negra que mais sabia contá-las e todas as vezes que os primos se reuniam na chácara não viam a hora de ouvir suas fábulas. A respeito disso, Freyre (2006, p. 413) afirma que “foram as negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de histórias”.

Helena descreve ainda outras situações em que as mulheres negras são apresentadas. No episódio de 5 de março [1895], a jovem relata a visita de uma “pretinha”, afilhada sua. De acordo com a protagonista, sabendo que seria madrinha da menina, se dispôs a arrumar o enxoval dela antes de seu nascimento. Conseguiu roupas usadas com a vizinhança e arrumou-as para ela, o que causou admiração de todos à sua volta, já que nessa época Helena tinha apenas dez anos de idade. Nesse episódio, a forma como a jovem se refere à afilhada, no diminutivo “pretinha”, tanto indica a miudeza da menina quanto sinaliza uma forma carinhosa de tratamento, que se evidencia ainda mais quando a jovem relata os esforços que teve para fazer o enxoval da menina, antes que ela nascesse.

Helena afirma em suas narrativas que é querida pelas negras, que a admiram por ser solidária e carinhosa. De acordo com Schwarz (1997), Morley faz com que a voz dos subalternos seja ouvida, fazendo com que os pontos de vistas de mulheres e ex-escravos, por exemplo, não sejam silenciados, confrontando as regras da propriedade e da autoridade, características do momento histórico.

Em muitas situações, a jovem descreve que uma de suas principais distrações é cuidar das crianças negras que havia na vizinhança, o que causa desconforto na mãe, que demonstra preconceito em relação a isso. Segundo Fischer (1998), é possível supor que a dor e o desconforto que Helena sofreu, sobretudo por meio de situações determinadas pela pobreza, como a falta de roupas e comida, o uso sapatos com pregos que lhe machucavam os pés, “contribuíram para reforçar sua empatia com aqueles que também sofriam, mas que não podiam escapar da dor por meio da graça ou da insistência” (FISCHER, 1998, p. 181). Desse modo, a jovem demonstra solidariedade em relação à condição do negro, apesar de demonstrar certo preconceito em algumas situações.

Para a protagonista, a mãe se incomoda com essa aproximação com os negros porque havia sido criada com muitos escravos, que tinham a função de auxiliar no trabalho com a casa e na lavoura. Esse incômodo da mãe em relação ao assunto fica nítido no episódio em que Bibiana, esposa de tio Geraldo, sugere que Nhonhô deva carregar o feixe de lenha, comparando-o a um “negro de senzala”. Quando Carolina ouve Bibiana falar dessa maneira ao referir-se ao seu filho, fica furiosa, e grita para Nhonhô: “Larga isso aí já! Se eles não querem ser negrinhos de senzala, você é que há de ser?”. E acrescentou: “E fique sabendo, de hoje em diante você não será mais criado de ninguém. Já chega!” (MORLEY, 1998, p. 91). Ao refletir sobre o assunto, Helena afirma que se o fato tivesse acontecido com seu pai, não teria repercussão, pois ele considera o trabalho como algo dignificante e não ultrajoso. De acordo com Costa (1999), mesmo no período pós-abolição, os preconceitos elaborados durante a época da escravidão continuaram existindo. Muitas famílias, especialmente as que viviam em meios rurais, consideravam a abolição uma perda de *status*. Por esse motivo, Carolina não aceita que o filho seja considerado “negrinho de senzala”. Para ela, que foi criada em família que tinha muitos escravos, isso era sinônimo de humilhação e rebaixamento.

Helena sempre se mostra muito próxima dos personagens negros, que convivem com ela diariamente, não apenas na chácara da avó, como na vizinhança. A jovem afirma gostar das pessoas independente da etnia delas. Em um dos episódios, a narradora se mostra impressionada com a rápida recuperação das mulheres negras após o parto e indaga: “não é tudo tão diferente com essa gente? Se fosse mulher branca, tinha de ficar deitada na cama oito dias tomando caldo de galinha. Margarida trabalha desde o dia que tem o menino e diz que até é melhor porque se sente mais leve” (MORLEY, 1998, p. 332). Esse fragmento evidencia a força da mulher afro-brasileira, que não se deixa abater pelas dificuldades. Desse modo, pode-se notar que Helena coloca a negra, nesse determinado momento, em situação de superioridade em relação à mulher branca.

Conforme salienta Schwarz (1997), a afeição de Helena em relação à condição do negro,

não se entende bem sem o pano de fundo da civilização escravista. Nalguns momentos, nem sempre, a menina recusa a discriminação pela cor de pele: “Eu não diferencio, gosto de todos”. Mais que a injustiça feita aos pretos, entretanto, o que ela não aguenta são os bloqueios, as limitações que a escravidão recém-abolida impunha à própria gente livre, em particular no capítulo do desmerecimento do trabalho e do esforço braçal. (SCHWARZ, 1997, p. 132).

Essa maneira particular de pensar sobre a condição dos negros pode encontrar respaldo em sua formação protestante, por parte de pai, que valoriza o trabalho, mas também em sua repulsa à estagnação. As restrições advindas do período pós-abolição são mais relevantes, para ela, do que a própria discriminação racial. As proibições sociais causam inconformismo na jovem. “São as energias misturadas da negação e da acomodação que somam e se canalizam com espontaneidade através da verve da escritora”. (SCHWARZ, 1997, p. 132).

No fragmento a seguir, Helena deixa clara sua admiração em relação a uma família de negros, que para ela, eram melhores do que muitos brancos:

Salomão minera sozinho e tira sempre seus diamantinhos. A mulher dele chama-se Margarida. É uma família de negros limpos e bem-educados, que nos oferecem um jantar todas as férias e café com qualquer coisa todas as vezes que lá vamos. Eles têm uma casa limpa que faz gosto. A mesa da sala de jantar e os bancos são areados e claros como novos. O pote de água, coberto de uma toalha de crochê alva; a bandeja de xícaras também. Têm um quintal com frutas e uma hortinha muito bem tratada, com verduras de toda espécie, um galinheiro cheio de galinhas e colhem muitos ovos. Uma gente preta melhor e mais bem-educada do que muitos brancos que eu conheço. (MORLEY, 1998, p. 331-332).

A forma como a jovem descreve a casa e o asseio dessa família de negros é, ao mesmo tempo, de admiração e certo espanto pela limpeza e organização. Quando afirma que é “uma gente preta melhor e mais bem-educada do que muitos brancos” também é possível inferir que normalmente os negros eram considerados inferiores pela sociedade da época, fator que é desmentido por Morley em sua narrativa.

Pode-se notar que existe uma ambiguidade na forma como Helena narra os fatos envolvendo personagens negras; é possível perceber uma cordialidade no tratamento dessas personagens, bem como empatia pelas dificuldades enfrentadas por elas em seu cotidiano, contudo, em muitas situações, percebe-se que essas mulheres ainda são tratadas em condição de desigualdade, chegando a ser representadas de maneira anedótica por parte da protagonista. O excerto a seguir é um exemplo desse tipo de tratamento:

Ultimamente eu andava com pena de tia Aurélia, pela luta que ela tinha com uma alugada que trazia a vida dela num inferno; era malcriada, porca, burra, idiota e ruim, e minha tia vivia infeliz com a demônia. Na hora do café tínhamos de ouvir sempre as ruindades e as burrices de Isabel. [...] Hoje eu faltei à aula de Desenho e corri para o café na casa de minha tia. Logo que nos sentamos na mesa, tia Aurélia foi dizendo: "Vou lhes dar uma notícia ótima. Fiquei livre da Isabel". Todos perguntamos: "Como foi que a senhora conseguiu?". Ela disse: "Dei-lhe uma surra, ela ficou com medo, carregou a trouxa e foi-se, graças a Deus". Os primos todos disseram ao mesmo tempo:

"Que absurdo a senhora fez, mamãe! Ela é uma negra forte e doida e a senhora tão pequena e magra; podia ter-lhe batido e machucado muito". "E até matado!" disse meu tio. Tia Aurélia respondeu: "Quem sabe vocês pensam que eu sou alguma idiota? Eu experimentei-a primeiro com um tapinha leve. Como eu vi que ela não reagiu, dei o segundo. Ela ficou quieta. Aí eu aproveitei, peguei na vassoura e lavei-a de veras". Todos rimos e achamos graça na idéia de minha tia. (MORLEY, 1998, p. 269).

Helena relata de maneira humorística os meios utilizados por sua tia Aurélia para livrar-se de sua criada, Isabel. Percebe-se pela escolha vocabular da narradora “malcriada, porca, burra, idiota, ruim, demônia” que a negra não era querida na família. Mesmo assim, a forma como ela é expulsa da casa condiz com as brutalidades cometidas no período da escravidão. Além disso, a aceitabilidade por parte da criada em não revidar reitera a subserviência dos negros em relação aos brancos.

Em outra situação, é narrado o entusiasmo das negras nas festas da Igreja do Rosário, principalmente quando são sorteadas para rainha. Em um dos eventos narrados, a protagonista relata o dia em que uma ex-escrava que morava com sua avó foi chamada para rainha do Rosário. Júlia gastou nessa coroação todo o dinheiro que estava guardando para comprar um rancho e ainda tinha ficado devendo. No dia do evento, a rainha tinha que vestir-se a caráter, usar uma coroa e oferecer um jantar a todos, o que ficava muito caro. A respeito disso, Helena reflete: “eu acho graça é no entusiasmo dos pretos neste reinado tão curto. Nenhum rejeita o cargo, mesmo sabendo a despesa que dá” (MORLEY, 1998, p. 57).

No fragmento acima, Helena considera as negras como objeto de riso pela empolgação que demonstram em participarem das festas da Igreja do Rosário, todavia o entusiasmo em relação à festa parece estar associado à visibilidade que as negras ganhavam quando coroadas como rainhas. Acostumadas com uma posição subalterna, essas personagens ganhavam um destaque que não condizia com a realidade delas, o que fazia com que arcassem com grandes despesas para atingir essa colocação.

Ao analisar as personagens negras em *Minha vida de menina*, pode-se observar que a narradora, ao mesmo tempo em que se compadece das dificuldades enfrentadas por essas mulheres, também as trata de maneira discriminatória, no entanto o modo como constrói a linguagem faz com que esse aspecto seja observado de forma subjacente. De acordo com Costa (1999), os negros foram segregados de maneira informal pelos brancos no Brasil. Para a autora, “a maioria da população negra permaneceu numa posição subalterna sem nenhuma chance de ascender na escala social” (COSTA, 1999, p. 366).

CONCLUSÃO

Minha vida de Menina, de Helena Morley, é uma obra bastante instigante e envolvente que, por meio de um discurso diarístico, adentra nas mais diversas possibilidades de representação do universo das mulheres do período oitocentista brasileiro. Sob a ótica de uma jovem, colocam-se em evidência, principalmente, três perfis femininos do cotidiano de uma cidade de interior: 1) de uma jovem questionadora da condição e dos limites do papel da mulher em seu tempo; 2) de mulheres ainda condizentes com os padrões patriarcais impostos culturalmente; 3) de negras em difícil construção de suas identidades, após o período escravista.

O modo como Helena reflete acerca das situações vivenciadas por ela no cotidiano familiar parece sinalizar para a construção de um pensamento questionador em relação à condição da mulher na sociedade que, mais adiante, revelar-se-ia por meio das primeiras revoluções feministas. A protagonista coloca em questionamento a hierarquia de papéis em que os homens aparecem mais valorizados e têm mais independência e autonomia sociais do que as mulheres.

Por esse motivo, em muitas situações, a jovem confronta com a avó e a mãe, que exigiam dela um comportamento mais contido e conveniente com o que se esperava das mulheres no século XIX. Nesse período, as mulheres tinham suas tarefas basicamente restritas à esfera privada, devendo, desde jovens, se prepararem para os cuidados com o ambiente doméstico e familiar. Apesar disso, Helena parece não se preocupar com essas obrigações; valoriza, em seus relatos diarísticos, a liberdade de ser e agir diante da família e da sociedade oitocentista.

Helena possui uma personalidade marcante por falar o que pensa sem se preocupar com as opiniões dos adultos ou com as imposições da sociedade. Em relação às primas, tias e amigas, a protagonista manifesta uma superioridade narcisista. A vaidade da jovem encontra subsídios na própria escrita diarística, em que o papel é considerado um espelho que permite que a narradora-personagem possa olhar para si mesma e entender a própria personalidade. Lejeune afirma:

O papel é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento. E a imagem que fazemos de nós tem a vantagem de se desenvolver ao longo do tempo, repetindo-se ou transformando-se, fazendo surgir as contradições e os erros, todos os vieses que possam abalar nossas certezas. É certo que só é possível viver com alguma autoestima, e o diário será, como a autobiografia, o espaço de construção dessa imagem positiva. Mas ele também pode ser espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção. (LEJEUNE, 2008, p. 263).

No modo como sistematiza suas narrativas, é possível perceber que a jovem sempre se considera mais inteligente e esperta do que as outras mulheres com as quais convive. O diário seria, portanto, o local onde Helena projeta a própria imagem, não um reflexo, mas uma representação do modo como ela se vê ou gostaria que as pessoas a vissem. Ademais, essa necessidade da narradora-protagonista de se declarar diferente e superior dentro do ambiente familiar pode ser interpretada como uma forma de disputa, Pollak (1992, p. 204) considera que a memória e o sentimento de identidade “constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas”.

Seja nas reuniões familiares, na escola ou na rua, a protagonista gosta de estar sempre em evidência. Utiliza a afeição e simpatia que as pessoas demonstram por ela para se beneficiar: na escola, se aproveita da amizade com os professores para vadiar; na chácara, o apreço demonstrado pela avó é utilizado para conseguir vestidos e sapatos novos. Por esses motivos, alguns membros da família sentem inveja e a consideravam *águia*.

Essa personalidade inquieta é responsável pelas reflexões acerca da realidade em que vive. Quando analisa os personagens masculinos com os quais convive cotidianamente, Helena demonstra a superioridade que possuem em relação às mulheres, o que a deixa incomodada. Nessa perspectiva, o pai é representado por meio de uma dualidade: admite que a jovem se manifeste livremente em seu diário, todavia é autoritário no trato com a família. O irmão mais velho, Renato, ocupa a posição do pai em sua ausência, desempenhando atividades típicas do chefe da casa. A supremacia masculina ressaltada na obra é causa de inveja por parte da protagonista, que demonstra seu desejo de ter nascido homem, a fim de possuir a mesma liberdade.

Outro aspecto relevante diz respeito à forma como a jovem representa as personagens negras. Nos episódios narrados, as negras ora são apresentadas com empatia pelo difícil papel que desempenham na sociedade, ora são tratadas com desigualdade e certo preconceito. A afeição demonstrada por Helena em relação às criadas negras é ainda maior quando o trabalho delas é necessário e os favores são concedidos.

Helena começa a escrever em seu diário a conselho do pai, que a incentiva a relatar no caderno os fatos vivenciados por ela. A partir de então, a jovem passa a registrar diversos acontecimentos envolvendo um grande número de personagens: membros de sua numerosa família, negros e negras da chácara, amigas da escola normal.

Nota-se, nesse momento, que o diário assume algumas funções para a diarista: o papel de confidente, espaço onde é possível contar segredos inconfessáveis; local onde as emoções

podem ser expurgadas; e, finalmente, receptor das memórias da jovem. Escrever é um dos prazeres de Helena: “Duas coisas eu gosto de fazer, escrever e ler histórias, quando encontro”. (MORLEY, 1998, p. 26).

Na construção da narrativa, Helena Morley atua na conservação de uma memória tanto individual, por meio do processo de construção identitária da jovem, que busca conhecer a si mesma, quanto coletiva, considerando a mulher como parte de um grupo, sujeita às peculiaridades características da sociedade patriarcal.

O registro escrito da narradora-personagem, que se apropria de um discurso próximo da oralidade, evidencia tanto a singularidade e simplicidade da linguagem quanto a complexidade das reflexões que contrariam os valores impostos socialmente. De acordo com Castello Branco (1990, p. 176), no texto feminino, a memória “soa antes como voz, como fala, do que propriamente como escrita. Entretanto, essa é uma voz que escreve, ou, melhor dizendo, inscreve: borda, recorta, faz marcas no corpo do texto”.

A narrativa de Morley se apropria dessas características, deixa marcas particulares, de uma jovem que ainda está em busca da própria identidade. A linguagem se opõe ao padrão, ao cristalizado e apresenta liberdade: de expressão, de poder anunciar com a própria voz, sem preocupações com a rigidez linguística e com adequações de ordem social, impostas culturalmente. Observando a dinâmica da escrita feminina, Castello Branco (1990) a compara com um tecido, uma renda que:

se desenha, excessiva e econômica, detalhista e lacunar. Abordá-la, portanto, é também bordejar os contornos, é também suportar o silêncio e a tagarelice, os saltos inesperados e as voltas em torno de um mesmo eixo. É talvez ocupar, como o texto feminino, o lugar que não é este nem aquele, mas um terceiro, não intermediário, não mediador, mas *outro*, terceira via, terceiro veio, terceira imagem: aquele do suporte da ambiguidade, da sustentação do absurdo, da exasperação de um processo que procura levar a linguagem a seu próprio limite. (CASTELLO BRANCO, 1990, p. 201, grifo do autor).

Silêncio e tagarelice, mesmo que de modo antagônico, exprimem perfeitamente o universo exteriorizado pela narradora-personagem de *Minha vida de menina*. O não-dito possibilita interpretações diversas acerca da realidade feminina da época, da mesma maneira que o tagarelar reforça o pensamento libertário da jovem.

Nessa ótica, a forma como Helena constrói suas narrativas faz com que essa obra possa ser considerada singular no que se refere à maneira como as mulheres são representadas. Por se tratar de uma escrita feminina, e, sobretudo, marcada por traços de uma sociedade patriarcal, a narrativa diarística torna-se ainda mais relevante por permitir que as

características das mulheres oitocentistas, sejam elas brancas, negras, jovens ou idosas, sejam trazidas à tona e estudadas a partir de um olhar voltado tanto para aspectos sociais quanto literários.

Ao destacar as qualidades da obra de Helena Morley, Schwarz (1997) afirma:

A pertinência literária chega através de certa agregação de interesses: a escrita da menina faz com que o ponto de vista dos desvalidos, dos parentes pobres, dos ex-escravos, das mulheres, do trabalho, dos esfomeados, dos bichos, bem como da própria criança escape ao mutismo e se defronte com as regras da propriedade e da autoridade. (SCHWARZ, 1997, p. 132).

O senso crítico da jovem dá voz aos menos favorecidos pela sociedade. Ao possibilitar que as mulheres expressem seus sentimentos, que as negras possam construir suas identidades em igualdade de condições e que os pobres possam ter os mesmos direitos que os ricos, Helena está ajudando a construir uma sociedade em que os ideais de liberdade possam ser atingidos com igualdade, independente da etnia, gênero ou condição social.

A escrita da menina, mais do que uma atividade de redação escolar ou de desabafo íntimo, assume a importante função de possibilitar ao leitor uma reflexão em relação à sociedade oitocentista tradicional, com todas as ambiguidades presentes em seu interior. Sendo assim, por meio de um registro íntimo, Helena consegue atingir a esfera social. Ao analisar os indivíduos com suas singularidades, a jovem também está refletindo acerca das relações sociais ocorridas no cotidiano da pequena cidade em que vivia.

Pelas razões apresentadas, que demarcam a importância da obra, seria possível pleitear por uma revisão do cânone da historiografia literária brasileira oitocentista, o que possibilitaria que a obra *Minha vida de menina*, de Helena Morley, se tornasse mais conhecida e estudada pelos pesquisadores em literatura brasileira. Embora existam pesquisas que ressaltem o valor sócio-literário dessa obra, ainda se observa que, no meio acadêmico, ela é pouco reputada pelos estudiosos da área.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria Salete Alves de. *Imagens de um processo formativo: a educação da menina no diário “Minha vida de menina” de Helena Morley*. 2004. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ANJOS e demônios. *O sexo feminino*, Campanha, 30 ago. 1874, ano 1, n. 44. p. 2-3.
Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706868&pesq=anhos%20e%20dem%C3%B4nios>> Acesso em: 10 jan. 2017.
- ARAÚJO, Bárbara Del Rio. A revisitação de Minas Gerais em Minha vida de menina, *Inventário*, n. 18, ago. 2016. p. 1-15.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BARCELLOS, Sérgio da Silva. *Escritas do eu, refúgios do outro: identidade e alteridade na escrita diarística*. 2009. 263f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v.1.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BICALHO, Maria Fernanda Baptista. O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, A. C.; BRUSCHINI, C. *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989. p. 79-99.
- BISHOP, Elizabeth. O diário de Helena Morley: o livro e a autora. In: _____. *Esforços do afeto e outras histórias*. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Violência simbólica e lutas políticas. In: _____. *Meditações pascalianas*. Tradução Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 199-251.

_____. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRAGA, Ruben. Cadernos de menina. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 ago. 1958.

BRANT, Vera. Helena Morley – Alice Dayrell Caldeira Brant. *D. O. Leitura*, n.8, ago. 2003.

_____. *Alice e Helena Morley*. Brasília: Editora Kiron, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. *A traição de Penélope: uma leitura da escrita feminina da memória*. 1990. 383 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1990.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 7.ed. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

<https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>

_____. *À beira da falésia: a História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

_____. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, v.13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 223-240.

EULALIO, Alexandre. A história natural de Helena Morley: Minha Vida de Menina. In: _____. *Livro involuntário: literatura, história, matéria & memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

FISCHER, Britta. As experiências de liberdade de Helena Morley. *Novos Estudos*, n. 51, p. 175-188, jul/1998.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. v. 3.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Dote e casamento: as expostas da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. In: COSTA, A. C.; BRUSCHINI, C. *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989. p. 61-78.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HIERRO, Manuel. La comunicación callada de la literatura: reflexión teórica sobre el diario íntimo. *Mediatika*, n.7, p. 103-127, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JEAN, Ivonne. Esquina de Brasília. *Correio braziliense*, Brasília, p. 2, 10 set. 1970.

KINGLER, Diana. *Aporias da escrita de si*. 2010. Disponível em: <<http://www.pequenamorte.net/aporias-da-escrita-de-si-diana-klinger/>> Acesso em: 14 maio 2016.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Linguística e humanismo*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MARCHANT, Elizabeth A. Minha vida de menina: rereading Helena Morley's Diary. *Mester*, v. 32, n. 1, 2003. p. 85-102. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/9sg7s7pz>> Acesso em: 30 out. 2017.

MEYER, Marlyse. Uma tradução e as suas circunstâncias. *Literatura e Sociedade*, n. 9, p. 279-290, 2006.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORLEY, Helena. *The diary of Helena Morley*. Translation of: Elizabeth Bishop. New York: Farrar, Strauss and Cudahy, 1957.

_____. *Minha vida de menina*. Lisboa: Guimarães editores, 1959.

_____. *Journal D'Helena Morley*. Traduit par Marlyse Meyer. Paris: Calmann-Levy, 1960.

_____. *Una ragazza in Diamantina: diário*. Traduzione di Giuseppe Valsaina e Giovanni Vicentin. Torino: SEI, 1963.

_____. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *La mia vita da bambina*. Traduzione di Federica Prosperi. Roma: Castelvecchi, 2015.

NEUKIRCHEN, Clarice Braatz Schmidt. A arte de rememorar na obra *Minha vida de menina*. *Trama*, v. 1, n. 2, 2º sem. 2005.

PISCITELLI, A. G. Histórias que as histórias de amor contam: mulheres, rebeldia e casamentos. In: COSTA, A. C.; BRUSCHINI, C. *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989. p. 121-142.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-13, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: o caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2006. v.1.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 182-189.

_____. Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber. In: RAMALHO, Christina (org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 23-40.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel (Org.). *As armas do texto*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000. p. 119-139.

SCHUMAHER, Maria Aparecida; BRAZIL, Erico Teixeira Vital. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. *OPSIS - Revista do NIESC*, v. 6, 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O esplendor das coisas: o diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin. *Escritos*, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p. 161-185, 2009.

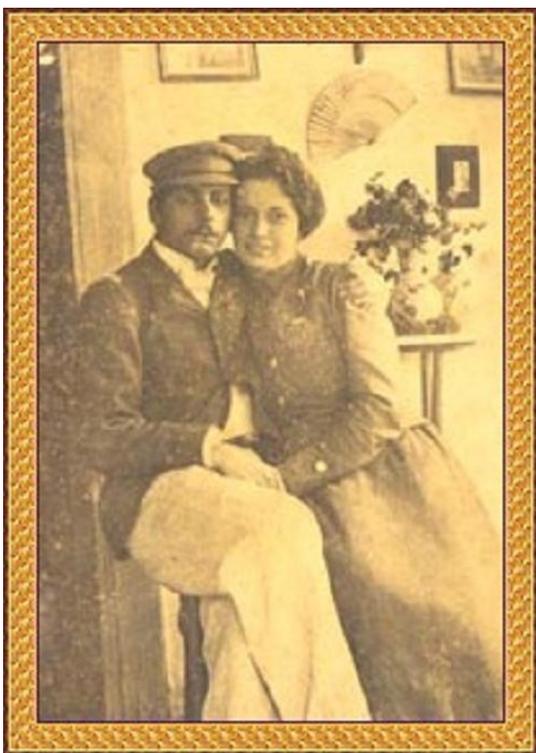
SENA, Fabiana. *A tradição da civilidade nos livros de leitura no Império e na primeira República*. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.
- SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana (Orgs.). *Desenvolvimento turístico em cidades históricas: estudos de caso de Diamantina/MG*. Diamantina: UFVJM, 2014.
- SILVESTRE, Penha Lucilda de Souza. *Diário de uma vida de menina: cinema e literatura no Brasil (representações da personagem feminina)*. 2011. 438 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 401-442.
- VIANA, Maria José Motta. Apesar de você... (uma leitura de Minha vida de menina, de Helena Morley). *O Eixo e a Roda*, v. 6, p. 137-144, 1988.
- VIDA de menina. Direção de Helena Solberg. Produção de David Meyer. Rio de Janeiro: Radiante Filmes, 2004. 1 DVD (101 min.). son., color.
- ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.p. 217-242.

ANEXOS

ANEXO A - Fotos da família Dayrell (Morley)

Legenda: Alexandrina (Carolina), Felisberto (Alexandre) e Alice (Helena)
Fonte: <http://www.familiadayrell.uaivip.com.br/felisberto.htm>



Legenda: Augusto Mário e Alice
Fonte: <http://www.familiadayrell.uaivip.com.br/felisberto.htm>



Legenda: Vera Brant e Alice Dayrell

Fonte: <http://verabrant.com.br/1/cronicas/Helena%20Morley.htm>

ANEXO B – Os espaços da memória: fotos de locais de Diamantina citados no diário de Helena Morley



Legenda: Vila do Biribiri

Fonte: <http://diamantina.mg.gov.br/turismo/atrativos-naturais/>



Legenda: Igreja Nossa Senhora do Carmo

Fonte: <http://diamantina.mg.gov.br/turismo/pontos-turisticos/>



Legenda: Igreja Nossa Senhora da Luz

Fonte: <http://diamantina.mg.gov.br/turismo/pontos-turisticos/>



Legenda: Teatro Santa Izabel

Fonte: <http://diamantina.mg.gov.br/turismo/pontos-turisticos/>



Legenda: Rua da Glória

Fonte: <http://diamantina.mg.gov.br/turismo/pontos-turisticos/>



Legenda: Rua Direita

Fonte: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon628272/icon628272.jpg



Legenda: Igreja Nossa Senhora do Amparo

Fonte: <http://diamantina.mg.gov.br/turismo/pontos-turisticos/>



Legenda: Beco do Motta

Fonte: <https://rrupta.wordpress.com/2013/02/21/o-beco-do-mota/vista-do-beco-do-mota-diamantina/>



Legenda: Escola Normal

Fonte: <http://nelioblog.blogspot.com.br/2014/04/antigo-largo-da-intendencia-praca-matta.html>



Legenda: Festa do Rosário em Diamantina

Fonte: <http://zedaseblog.blogspot.com.br/>



Legenda: Largo da Cavalhada Velha
Fonte: <http://zedaseblog.blogspot.com.br/>

ANEXO C - Cartas enviadas por Alice à Vera Brant

Verinha, querida:

Como você não compreendeu bem a minha filosofia de vida, venho hoje explicar-lhe.

A vida é sempre cheia de problemas para todos nós, desde a infância. Quando eu me refiro à inteligência para a vida, refiro-me à pessoa que sabe se afastar de todos os problemas e tirar proveito das coisas boas; que nasce com juízo para se afastar dos perigos, que guarda um pouco do que ganha para não passar necessidades, que evita as doenças, as más companhias e sabe tirar proveito da inteligência, como Churchill, por exemplo.

Tenho conhecido homens de nenhum dom intelectual que se transformaram em grandes homens, somente pelo trato, talvez adquirido na infância.

E conheço outros, que todos nós sabemos, cujas inteligências só serviram para desmoralizá-los.

Quanto a saber viver, você sabe melhor do que eu. A diferença é que você está vivendo o presente, e eu só vivo, hoje, o passado.

Mas eu sei que você, como nenhuma de suas companheiras, poderá, no futuro, viver o passado, porque não o terão tido.

A vida na infância só é agradável no campo, com a natureza, os animais, as aves e, acima de tudo, com a liberdade. E quem é que cria filhos, hoje, com liberdade? A vida das crianças em casa, enquanto pequenas, e nos colégios, quando vão crescendo, cheia de trabalhos e obrigações, é vida? Não, não é vida. E nada disso vai servir para lembrar, depois de velha.

Mas eu, com toda a pobreza de meus pais, vivi a minha infância. E, depois de casada, ensinei Augusto Mário a viver.

Hoje quero lhe descrever alguns episódios na minha vida, depois de casada.

Não me cansava de obrigar Augusto Mário a fazer aventuras. Imagine nós dois viajando a cavalo, com uma família de doze pessoas e uma grande carga, com colchões, travesseiros e mantimentos! Isso, com mais três filhos pequenos e mais uma menina que eu criava.

A viagem era de dois dias, dormindo-se no caminho, em ranchos abertos.

Uma vez em que íamos a Santa Bárbara e nos arranchávamos para dormir, a empregada foi afastando uma pedra para fazer a cama dos meninos, quando viu, embaixo, um ninho de escorpiões.

Eu estava, nessa hora, no rio, dando banho nos meninos, por isso não vi. Augusto Mário proibiu que me contassem e passou a noite sentado à beira da cama, lendo e vigiando os pequenos.

Hoje estou sem ocupação e vou passar algumas horas me distraindo, recordando o passado.

Para estação de Santa Bárbara nós tínhamos o hábito de ir uma vez por ano. Aconteceu que, numa das vezes, várias pessoas de Diamantina resolveram ir também fazer uso das águas.

Foram Alcides, Belinha, Dr. Telles com a Donana e duas filhas, Serafim Libano e Dona Augusta e os dois filhos rapazes e Padre Manoel Alves com uma amiga minha, Catarina Neves.

Além desses, foi também um industrial de Montes Claros, com a mulher e dez filhos.

Nossa família, Alcides e Belinha, ficamos no Arraial numa fazenda abandonada. O Dr. Telles, numa única casa que havia no arraial. Os outros companheiros fizeram rancho de sapê, próximo das águas, que formavam um grande poço, espécie de piscina de água quente.

O padre, além do rancho, mandou construir uma capelinha com um altar e todo o necessário.

Todos os domingos nós, do arraial, tínhamos que assistir à missa. Como era longe, íamos a cavalo.

Para assistir à missa, vinha todo o pessoal da redondeza e ia se acampando por fora da Igreja.

Não havia um só domingo que não houvesse casamentos. Lembro-me de uma vez que foram quatro casais e todas as moças se casaram com um só vestido e um só véu. Acabava um casamento e a noiva tirava o vestido e o véu e entregava à outra noiva. E todas nós, animadas com a novidade, ajudando as moças a se vestirem.

Quando ajudávamos a última do grupo, chega na porta do rancho do padre um rapaz e grita: Ô donas, não vistam a Maria que eu não caso com ela! Que tragédia! A pobrezinha caiu no pranto.

Eu fui lá fora implorar ao João para se casar com a Maria. E ele respondeu: Se a senhora faz questão de me casar, então me case com a Joana.

Ele havia viajado com as duas e, no caminho, verificou que a Joana era mais bonita que a Maria.

Não posso, também, deixar de contar as originalidades da mulher do industrial, minha xará: ela criava todos os filhos amamentados por uma cabra, que atendia ao choro da criança, subia na cama e lhe colocava a teta na boca. Um dia, quando chegamos ao poço, ela estava terminando um forno de barro, para assar o pão. Engraçado é que ela manejava tudo com uma cuia. Cuia para encher de barro, cuia para amassar o pão, cuia para lavar a roupa. E era cada cuia do tamanho de uma bacia.

O industrial, marido dela, tinha uma fábrica de tecidos e uma grande fazenda. Mais de uma vez vimos chegar carroça cheia de tudo para eles. Apesar dessa fartura, a mulher era muito miserável. Se jantávamos ou almoçávamos com eles, era sempre a convite do marido.

Um dia, Augusto Mário resolveu ir às águas palestrar com o industrial, que era muito simpático. O homem prendeu-o para jantar. A mesa era debaixo de uma grande árvore e comprida, para caber toda a família. Jantaram. Terminado o jantar, veio o café. O marido perguntou pela sobremesa e ela respondeu: Não tenho. Um dos filhos, de uns cinco ou seis anos, gritou do meio da mesa: E aquelas latas de doce que estão debaixo da sua cama?

A mulher foi ao quarto, trouxe uma lata, de uns dez quilos, de doce de leite, distribuiu para todos com fartura.

Esse incidente foi um desapontamento para todos nós.

O rancho da dona Augusta era uma simpatia. Os filhos o colocaram num lugar bem agradável. As mesas de jantar de todos os ranchos eram fora de casa, sempre debaixo de uma árvore. E nunca chovia.

Um dia, chegando nas águas e indo ao rancho de dona Augusta, só encontramos um montão de cinzas. Os filhos embeberam um maço de algodão no álcool, acenderam-no na ponta de um bambu para acabar com uma caixa de marimbondos que estava sobre o rancho! Engraçado é que ninguém comentou a estupidez. Os rapazes fizeram, numa só noite, outro rancho.

Um episódio também marcante em Santa Bárbara deu-se, um dia, comigo: Donana e Belinha descobriram um sítio onde havia frutas. Relacionaram-se com a família e foram lá duas vezes, sem mim.

Quando eu soube, protestei, chamei-as de amigas ursas e me zanguei, deveras.

Donana, mais velha dez anos do que eu, explicou-me: Não te levamos porque sabíamos que, se você fosse lá, inutilizaria o nosso passeio. Há coisas que dão vontade de rir e nós nos contemos. Mas você não seria capaz de se conter. Você mesma sabe disso. Eu lhes disse que brigaria se fossem sem mim, de outra vez.

Chegou o dia delas irem atrás das frutas e dos ovos. Chamaram-me e disseram: Hoje nós vamos ao sítio do seu Juca, mas você fique sabendo que ele é assassino e que não pode rir na cara dele.

Eu respondi: Vocês estão me julgando uma louca que não pode conviver com os outros?

Donana retrucou: Se é assim, vamos.

Sáímos as três pelo campo. O sítio era distante de nossa casa.

Durante a viagem pela estrada, Donana não fez outra coisa senão recomendar: Quando você vir que vai cair nos seus acessos de riso, procure antes se lembrar de qualquer coisa triste.

Eu, então, reclamei: Chega, Donana!

Ela ainda teimava: Não ria, não ria! Estou temendo que você vá nos fazer perder este sítio.

Eu já estava indignada com tanta recomendação e já morta de vontade de rir vendo o medo da Donana.

Fomos andando e chegamos ao sítio. Do lado de fora, próximo à porta, estava um homem gordo, com uma grande barba, amolando um facão, numa pedra. Donana foi dizendo: Boa tarde, seu Juca! O homem levantou a cabeça, com aquele enorme facão na mão e respondeu: boas tardes, madames!

Não foi preciso mais nada para que eu caísse no acesso de riso. As duas, que também caíram no riso, dispararam a correr pelo campo afora me deixando sozinha com o homem. Eu, sem conseguir parar de rir, larguei também o homem e fui brigar com as duas, por terem me abandonado. Mas as encontrei iguais a mim, no mesmo acesso de riso.

Desta estação poderia, ainda, contar muita coisa engraçada.

Mas já escrevi bastante e sei que você não terá paciência de ler.

Um beijo.

Alice

Rio, 5 de junho de 1958

Verinha, querida:

Havia em Belo Horizonte, no meu tempo, um comerciante rico, chamado Avelino Fernandes.

Um jornalista, insaciável por dinheiro, escreveu no Estado de Minas um artigo elogioso ao Avelino, na esperança de arrancar-lhe algum. No dia seguinte à saída do artigo, O Avelino foi ao jornal: Vim lhe agradecer as boas palavras que o senhor disse a meu respeito, mas quero lhe dizer, também, que o senhor exagerou, eu não sou nada daquilo que o senhor disse no jornal.

O jornalista: É sim, seu Avelino. O senhor é que é muito modesto e não reconhece.

Qual o quê, Doutor. Eu conheço os meus adjetivos.

Gostei da frase do Avelino e nunca a esqueci.

É muito raro uma pessoa reconhecer os seus “adjetivos”, mas eu reconheço os meus.

Isto vem a propósito da resposta à sua carta. Escrevi ontem e, quando terminei e reli, achei-a sem graça e rasguei-a .

Sou como o Avelino, reconheço quando o que escrevo está sem graça. Mas como você insiste na resposta, vai aí:

A minha época na chácara da Gávea foi a mais divertida possível. Lá havia de tudo: macumbeiros fazendo macumba; criadas surrando umas às outras, baile da criadagem na garagem, enfeitada de bambus e folhagens.

A criadagem se reunia e dava, cada um, certa quantia para as comedorias. Quem fazia os pastéis, sanduíches, batidas e limonada eram as minhas empregadas, cozinheiras e copeira. Elas arranjavam na garagem uma grande mesa e enchiam-na. Nós ficávamos, de nossa varanda, apreciando o baile. Era engraçadíssima a gana do pessoal! Antes do baile avançavam, todos, nas comedorias.

Ignez tinha como ama do Luiz Roberto uma moça clara, de uns trinta anos, metida a importante e ajuizada. Nunca se misturava aos empregados.

Num desses bailes, ela ficou da janela, vendo os criados dançarem e eu verifiquei que ela estava com inveja do pessoal. Perguntei-lhe: Por que você não vai, também, dançar, Edite?

E ela: A senhora acha que eu posso me misturar com eles?

Acho. Por quê você não pode se misturar se você é empregada como eles?

AH! Se a senhora pensa assim, então eu vou.

Foi e se divertiu à grande!

Sabe de uma experiência que eu adquiri na Gávea? Verifiquei que muitas vezes a gente se distrai mais vendo os outros se distraírem.

As macumbas eram importantes e dispendiosas. Numa das vezes, o macumbeiro levou um tiro na boca e eu tive de telefonar para a assistência.

Quanto à sua pergunta a respeito do Pedro, quero lhe contar do princípio a história dele.

Augusto Mário mandou fechar o laboratório do Paulo, que estava dando prejuízo. Pedro era empregado do laboratório e ficou sem colocação. Paulo mandou-o para a chácara da

Gávea, dizendo: Vocês o puseram na rua sem, emprego, agora ele terá de ficar aqui na chácara e receber o mesmo ordenado que recebia lá.

Mas o que farei com ele se já tenho tantos empregados?

E o Paulo: Não precisa fazer nada, é só dar o ordenado e deixa-lo andar pela casa.

Eu disse isso ao Pedro e ele respondeu-me: Já vi o que vou fazer. A tinta da casa está precisando de reforma. Dê-me o dinheiro e eu vou à cidade comprá-la. Trouxe a tinta e pintou a casa toda, em pouco tempo.

Depois disso descoseu os sofás, as cortinas, tirou os panos, lavou tudo e colocou de novo.

Foi indo num crescendo de atividade e habilidade incríveis. Não havia nada que o Pedro não fizesse. Fazia malas, era carpinteiro, pedreiro, tudo, tudo.

Não sei se já contei o caso dele copiar, igualzinho, o Cristo de um bom pintor. Quando o motorista encrocava o carro e o deixava na estrada, chamava o Pedro para consertá-lo.

Eu, vendo que ele já havia terminado todos os consertos da casa, resolvi colocá-lo como chofer. Chamei-o e lhe disse: Pedro, eu estive pensando que você, que sempre vive consertando o automóvel, poderia ser um bom volante. Por quê você não guia?

Ele: Porque nunca encontrei um carro para eu aprender.

Então, vá aprender no meu. Tome a chave.

Ele foi no alto da Tijuca, exercitou durante uma hora, voltou e entregou-me a chave, dizendo: Já sei guiar, se a senhora quer ir à cidade podemos ir.

Fui com ele à Casa de Correção e continuei andando, sem nunca haver atropelo.

Um beijo. Alice

Rio, 22-6-58

Verinha querida:

Recebi a sua boa e bonita carta.

Gostei de você ter se lembrado de meu querido irmão.

Lembrei-me dele se referindo a você com simpatia.

Senti ele ter morrido antes de mim, eu o criei desde pequeno e o queria como a um filho.

Graças a Deus, ele teve a morte que merecia, morreu sem sofrer, sem sentir.

Eu não estou podendo, como você, me preocupar com a situação do país. Vivo tão triste, preocupada, vendo Augusto Mário há ano e meio doente, sem andar.

O que eu mais gostei de sua carta foi saber que você vai recebendo bem a nova vida de mãe de três filhos! Quando, meses atrás, nós conversávamos ao telefone e você me disse que estava com três sobrinhos, eu fiquei triste e com pena de você.

Mas, agora, vi pela sua carta que você está levando bem a nova vida, apesar de trabalhosa. Antes assim.

Só fiquei triste ao pensar que, agora, será mais difícil a sua vinda aqui.

Não me conformo com esta Brasília, tão distante que mais parece um deserto. Quando leio o jornal e vejo o que escrevem contra o Juscelino, eu fico com tanta pena dele que preciso me lembrar que ele fez Brasília, para acabar a pena e me consolar.

Basta de tanta coisa triste.

Com um abraço saudoso de

Alice

Rio, 16 de junho de 1965

Verinha, querida:

Recebi sua carta e achei engraçado você, uma moça solteira, estar lutando com a falta de empregados. É cedo, ainda, para isso. Largue o trabalho de casa e vá para qualquer lugar procurar a sua metade.

Lembrei-me, agora, de uma conversa engraçada de Esther. Ela diz que Deus, quando fez o mundo, deixou laranjas partidas ao meio. Quando as duas metades se encontram, o casamento é feliz. Mas como ela não encontrou a metade dela, que já tinha apodrecido, ela agarrou mesmo uma jaca. Faça como ela: se não encontrar sua metade, pegue mesmo uma jaca.

Eu, acabando de ler sua carta lutando para criar os filhos do seu irmão, tomei o jornal e, por acaso, deparei com uma notícia interessante: um casal de americanos que se hospedou na casa da Maria do Carmo Nabuco, veio aqui para se casar. O homem tem 76 anos e a mulher 79, mais velha do que ele 3 anos. Ambos apaixonados, um pelo outro. Ele contou que, tendo ficado viúvo, saiu um dia para o trabalho. Voltando, à tarde, para o apartamento, encontrou-o todo florido. Sabendo, depois, que foi a atual noiva que havia arranjado as flores, resolveu pedi-la em casamento. É assim que se conquista os homens, procurando saber o que lhes agrada. Homem, hoje, está uma mercadoria muito valorizada. De 100 homens, se a gente encontrar 50 que queiram e possam se casar é o mais. A maioria deles está à procura de moça rica.

Estou escrevendo sentada na cadeira que você conhece e apreciando as artes de um pequeno que o Amaro chamou na rua e mandou apanhar os cocos maduros. O menino subiu até o último galho e, de cima, vai atirando os cocos. Já jogou uns quinze.

Quando eu comprei este terreno não havia aqui nem bananeiras. Só havia casas dos pobres. Eu plantei os coqueiros, manga, abacate, fruta do conde, fruta pão, mamão, goiabeiras, laranja, grumichama e muitas bananeiras.

Este prazer de colher e plantar frutas acabou com a mudança de casa para apartamento, o que é bem triste.

Sarita está nos convidando para ir morar com ela, mas ainda não me decidi. Acho triste trocar casa por apartamento.

Ando muito aborrecida com a idéia da mudança de Ignez para Brasília. Não acredito que, de lá, ela possa vir sempre como vem agora de Belo Horizonte. As passagens são muito mais caras.

Será que a vida aí anda enjoada como aqui?

A filha de Stalin deu uma entrevista no jornal dizendo que saiu da Rússia porque não pode viver sem Deus. Será que ela irá encontrá-lo nos Estados Unidos?

Aqui, onde o povo só vive rezando, eu acho que quem nos governa é Satanás. Deus anda aborrecido com o Brasil, com tanta moça nua se exibindo na rua e tanto homem furtando.

Eu nunca esperei ficar velha mas agora estou convencida que vou até os 100 anos.

Yolanda voltou para a vida enjoada com o G. Ela pode não se queixar, mas a gente percebe que ela não está feliz.

Os homens estão, como sempre, bem ruins. Mas, felizmente, as mulheres estão lhes tomando a dianteira, cada uma pior do que a outra. Antes assim.

Se encontrar muito erro e tudo fora do lugar é porque estou escrevendo sentada e já caducando muito.

Sem mais, com um saudoso abraço e um grande beijo de

Alice

24-4-67

Fonte: BRANT, Vera. *Alice e Helena Morley*. Brasília: Editora Kiron, 2013.

ANEXO D - Crônica de Carlos Drummond de Andrade em homenagem ao centenário de Alice Dayrell

HELENA E ALICE NUM CENTENÁRIO – Carlos Drummond de Andrade

Missa no Mosteiro de São Bento, pelo centenário de nascimento de Alice Dayrell Caldeira Brant. Entre parênteses, no convite pelo jornal: Helena Morley. Está dito tudo. Há cem anos nascia a autora de *Minha Vida de Menina*, livro sem par na literatura brasileira.

Dispomos de outros registros da vida infantil, assinados por pessoas que, chegando à idade madura, se voltaram com nostalgia para que o poeta chamava de “aurora da minha vida”. Nenhum desses testemunhos, entretanto, oferece a singularidade que torna o livro de Helena Morley incomparável: ele não recompõe o passado, com maior ou menor fidelidade; vive-o, respira-o, insere-se nele. Porque se resume na seleção de notas de uma garota do interior, a quem o professor recomendava que fizesse redações. Então a garota foi registrando em cadernos o dia-a-dia familiar. Muitos anos mais tarde, por iniciativa do marido e de uma filha, esses apontamentos foram publicados em livro – e com isso ganhamos um texto que conquistou para o Brasil o interesse e a simpatia de inúmeros leitores estrangeiros, à frente dos quais um Georges Bernanos e Elizabeth Bishop.

A espontaneidade da expressão é o primeiro trunfo de Helena para conquistar leitores com que ela nunca sonhou. Helena é simples, direta, alheia a literatura, e só conta o que viu e sentiu. Em 24 de agosto de 1893, chega em casa “tão diferente que Renato foi me olhando e dizendo: Olha a cara dela! Luisinha que é melhor mil vezes do que ele disse: Como você ficou bonita, Helena! Quem te arranjou assim? Eu respondi: foi Éster. Conversando com elas na pedreira eu disse que sabia que era feia mas não me incomodava porque mãe Tina me criou sabendo que o feio véve, o bonito véve, todos vévem. Quando eu disse que era feia, Éster exclamou: Você feia? Deixe-me arranja-la e você verá. Consentiu, ela pegou na tesoura e cortou-me o topete, penteou-me, depois me pôs pó-de-arroz, e quando eu olhei no espelho vi que não era feia. Elas riram muito quando eu contei o nosso sistema aqui de untar o cabelo com enxúdia de galinha até ficar bem empastado. Ela me disse que lavasse os cabelos depois anelasse e fosse lá para me pentear. Que bom eu ter feito amizade com a família de dona Gabriela. Elas são tão boas! Se não fossem elas eu nunca me lembraria de cortar o topete e pentear os cabelos na moda. Éster achou graça de eu lhe contar que mãe Tina dizia que o

bonito véve, o feio véve. Ela disse: É verdade, mas o bonito véve melhor. Como estou hoje feliz de ter ficado bonita!”

O livro todo é nessa toada, e precisamente porque não pretende senão o exercício de escrever, numa espécie de diário doméstico, atinge fundo na descrição do ambiente da família brasileira modesta em zona de mineração. Tudo está refletido aí: a pobreza, o sonho de libertação das necessidades, o convívio social, a despreocupação, a alegria, e a tristeza do viver, sobretudo a alegria, pois a infância de Helena “tem o gênio de rir de tudo”. Confissão: “Eu sou impaciente, rebelde, respondona, passeadeira, incapaz de obedecer e tudo o que quiserem que eu seja”. Mas é, principalmente, dona de um espírito vivaz, bem-humorado, que capta o aspecto grotesco das cenas e das coisas e se diverte em passar em revista o minimundo de Diamantina. Seu Broa, Siá Ritinha, Iaiá, Madrinha Quequela, o professor Catãozinho, Tia Madge, o ladrão misterioso que virou cupim, chichi Bombom ... as figuras são reais, as lendas são imaginação mística do povo. Só que Helena, cabecinha crítica, não vai nessa história de ladrão que depois de furtar, vira cupim. Por que não prendem o cupim? – indaga. Pergunta que ainda hoje se pode fazer, sem resposta: por que não descobrem, por que não prendem os que praticam atentados terroristas, em tantos lugares diferentes do Brasil?

Quase que eu ia fugindo ao meu assunto, que é o centenário de Helena. Uma data de família que assumiu aspecto de data literária nacional, pois repito, Minha Vida de Menina (que José Olympio teve o faro de identificar e lançar em 1942, hoje em 15^a edição, e traduzido para o inglês, francês e italiano, além de publicado igualmente em Portugal) é livro único na galeria de memorialistas nacionais.

Menina de eterno viço, lembro-me de sua autora na última quadra de sua existência: era a criatura encantadora de sempre, com uma verve, uma irreverência intelectual que se manifestava a todo momento. Relembrei o que ela me contou certa ocasião:

Santo Antônio é o santo de minha antipatia.

Por que, dona Alice?

Eu era garota e apareceu lá em casa um garimpeiro que preveniu mamãe: “Vim aqui para salvar seu marido de fazer sociedade com seu Antonico. As terras em que ele vai trabalhar não têm um tico de diamante. “Mamãe respondeu: “Foi Santo Antônio que mandou você aqui. Acabei de rezar uma novena a ele”. Papai não fez sociedade, e os diamantes estrelaram na bateia. Ficamos os únicos pobres da família. Viu o que Santo Antônio fez com a gente?

Alice Brant e seu pseudônimo Helena Morley formaram uma só pessoa rara, pela sensibilidade e pelo talento.

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond. Helena e Alice num centenário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 ago. 1980.